

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

JUSSARA MARIA OLIVEIRA DE ARAÚJO

A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA DOS
ANOS 80 AOS DIAS ATUAIS: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA

Manaus, AM
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

JUSSARA MARIA OLIVEIRA DE ARAÚJO

A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA DOS
ANOS 80 AOS DIAS ATUAIS: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre do Curso de
Mestrado em Letras e Artes, da
Universidade do Estado do
Amazonas- UEA.

Orientadora: Dra. Silvana Andrade
Martins

Manaus, AM
2016

Catálogo na fonte
Elaboração: Ana Castelo CRB11ª -314

A658e **Araújo, Jussara Maria Oliveira de**
A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos
anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista. / Jussara
Maria Oliveira de Araújo. – Manaus: UEA, 2016.
113 fls.il. : 30cm.

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, para
obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientadora: Profª. Dra. Silvana Andrade Martins

1.Perífrase 2. Escrita jornalística 3.Sociofuncionalismo. I.
Orientadora: Profª. Drª. Silvana Andrade Martins. II. Título.

CDU 070

TERMO DE APROVAÇÃO

JUSSARA MARIA OLIVEIRA DE ARAÚJO

**A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA DOS
ANOS 80 AOS DIAS ATUAIS: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, aprovada em 18/03/2016.

Doutora Silvana Andrade Martins

Membro da banca – Orientador (a)

Doutora Raynice Geraldine Pereira da Silva

Membro da banca Externa

Doutora Juciane dos Santos Cavalheiro

Membro da banca Interna

Manaus, 18 de março de 2016.

*Para minha amada Mãezinha,
Maria de Fátima Oliveira de Araújo.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar quero agradecer a Deus por me dar sabedoria, serenidade, saúde e capacidade para concluir essa etapa de estudos, também por sempre ter iluminado meus caminhos nessa caminhada do Mestrado. Toda honra e toda a glória seja dada a Ti!

Minha Mãezinha, Fátima! Maravilhosa e dedicada, sempre presente nas horas mais difíceis (e não foram poucas...), aguentando meu mau humor (risos), muito obrigada!

Meu grande amigo, o Dr. Carlos Victor Lamarão, que muito incentivou meus estudos, sempre aplaudiu e elogiou minhas conquistas por menores que fossem (Mano, tenho muita coisa pra escrever! – Fica firme, é assim mesmo.). Muito obrigada!

Minha queridíssima amiga-irmã Patrícia Uchôa! Mesmo de longe, sempre ouviu meus desabafos durante essa jornada. Muito obrigada!

Fernandes (Shaun), obrigada por ter me animado a fazer a inscrição depois de estar triste pela não seleção em um processo seletivo. Também pela companhia em madrugadas de desespero (Rsrrsr).

FAPEAM, agradeço pelo suporte financeiro.

Meus colegas de Mestrado, em especial aos que estiveram mais próximo: Maison Nascimento (amigo queridíssimo de muitas horas, obrigada pelos conselhos), Cínthia Sabóia (muitas conversas...), Carrie Evans (florzinha), Antônio Duardes (gentilíssimo, sempre muito bem humorado) e a generosíssima Eva Miranda. Muito obrigada, pessoal!

Meus professores e professoras: Silvana Martins, Valteir Martins, Juciane Cavalheiro, Luciane Páscoa, Márcio Páscoa. Uma honra ter sido selecionada para ser aluna de vocês. Todos são super, mega maravilhosos, sábios, pacientes, atenciosos, compreensivos...

Nosso anjo: Daize Lima Rocha! Muito obrigada pela paciência, atenção e carinho!

À Doutora Josane Oliveira, que mesmo distante, mesmo com compromissos, mesmo sem obrigação, respondeu meus e-mails e sanou minhas dúvidas. Obrigada pela atenção!

Minha orientadora, Doutora Silvana Andrade Martins, nossa... Magnífica! Mais que um privilégio ter sido orientada por ela, uma honra! Super sábia, gentil, atenciosa, paciente (aguentar minha escrita jornalística... não foi fácil! – risos), compreensiva... Heroína! Muitíssimo obrigada por todos os conhecimentos compartilhados, pelos ensinamentos, experiências... Cresci muito ao seu lado, sob suas orientações!

A todos que de forma direta ou indireta me deram apoio nesse processo.

Agradeço.

A encarnação do verbo

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

(João 2:1-2)

RESUMO

A expressão de futuridade no português brasileiro constitui um fenômeno de variação e atualmente tem sido objeto de estudo de pesquisas de cunho linguístico, sociolinguístico, funcionalista e, como nova tendência teórica, sociofuncionalista, em diversas regiões do Brasil, mais recentemente no Amazonas. Ao verificar tais análises, observa-se que há uma concorrência entre a forma sintética de exprimir o futuro (viajarei) e a forma perifrástica (vou viajar), especialmente aquela composta pelo verbo *ir* + infinitivo. Estes estudos têm demonstrado a frequente ocorrência da forma inovadora (perífrase) na modalidade oral da língua. E, em Oliveira (2012), Andrade (2012), Ribeiro (2015), Barros (2015) entre outros, é confirmado que o futuro composto já está deveras avançado na fala. Contudo, nesta dissertação, ponderou-se relevante conferir como este fenômeno ocorre na escrita, visando identificar quais contextos favorecem ou não sua realização. Para tanto, as amostras são provenientes da escrita jornalística manauara examinando a expressão de futuridade em três periódicos da cidade de Manaus, no Amazonas: *A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Dez Minutos*, sendo que para as amostras das décadas de 80 e 90, foram utilizados apenas os dois primeiros, que são mais antigos e, a partir de 2008 integrou-se o terceiro, que teve sua primeira edição apenas nesta data. A escolha por esses jornais se deve pela sua representatividade entre os impressos lidos pela sociedade da metrópole amazonense, considerando os diferentes segmentos sociais. Este estudo se desenvolve na perspectiva teórica Sociofuncionalista. A análise dos fatores linguísticos se norteia primordialmente em Oliveira (2012) e Almeida & Figueiredo (2014). Como variáveis extralinguísticas são selecionadas as diastráticas de classes sociais às quais cada um dos periódicos é direcionado: elitizado, classe média e popular e as variáveis contextuais, referentes às seções internas dos jornais como Política, Economia, Esporte, etc. Os dados foram analisados através do programa estatístico *GoldVarb X*, considerando 13 fatores de variação. Os resultados revelaram que a perífrase está presente na escrita jornalística, porém não supera a realização da forma sintética.

Palavras-chave: perífrase; escrita; variação.

ABSTRACT

The Brazilian Portuguese's expression of futurity constitutes a variation phenomenon, and in several regions of Brazil and recently in the state of Amazonas it has been object of several research approaches: linguistic, sociolinguistic, functionalist and as a new theoretical trend, sociofunctionalist. When verifying these analysis, one notices a concurrence between the synthetic form of formulate the future (*viajarei*) and the periphrastic form (*vou viajar*) specially the construction composed by the verb *ir* (to go) + infinitive. The referred analysis had demonstrated the frequent occurrence of the innovative form (periphrasis) at the language's oral modality. Oliveira (2012), Andrade (2012), Ribeiro (2012) and Barros (2015) confirm that the composed future is indeed advanced in the speech. However, at the present dissertation, was considered relevant verify how this phenomenon occurs in the writing, aiming to identify which contexts favor or don't favor its execution. Therefore, the samples are originated from journalistic writing, and the expression of futurity used by three newspapers from the city of Manaus, Amazonas was examined: *A Crítica*, *Diário do Amazonas* and *Dez Minutos*. The first and second are older, having samples from the 80's and 90's, while the third one had its first edition in 2008. The newspaper's choice was motivated by their representativeness among the papers read by Manaus's society, considered its social segments. The present research uses the theoretical sociofunctionalist perspective. The linguistic factors analysis is primarily based in Oliveira (2012) and Almeida & Figueiredo (2014). The selected extralinguistic variables are: the social classes to what each newspaper is aimed: elite, middle class and popular, and the context variables, related to the different paper sections such as Politics, Economy, Sports etc. Data analysis was made by statistics software GoldVarbX, considering 13 variation factors. Results did show that although periphrasis is present at journalistic writing, it does not overcomes the use of the synthetic form.

Keywords: Periphrasis; Writing; Variation.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS.

QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas sobre a fala manauara.....	29
Quadro 2 - Gramaticalização x Discursivização.....	43
Quadro 3 - Articulação teórica entre a Sociolinguística e o Funcionalismo Linguístico.....	47
Quadro 4 - Processo de mudança do étimo.....	51
Quadro 5 - A forma analítica do futuro.....	51
Quadro 6 - Jornais e anos de coleta.....	57
Quadro 7 - Descrição da terceira coluna de codificação para tratamento estatístico.....	64
Quadro 8 - Grupo de Fatores ordenados de acordo com a seleção do programa estatístico.	70
Quadro 9 - Exemplos dos fatores selecionados após exclusão de <i>KnockOut</i> e <i>Singleton Group</i>	71
Quadro 10 - Peso relativo do fator Extensão Silábica (década de 80).....	73
Quadro 11 - Peso Relativo do fator Extensão Silábica nos anos 90.....	81
Quadro 12 - Exemplos dos fatores selecionados após <i>KnockOut</i> e <i>Singleton Group</i>	89
Quadro 13 - Fatores relevantes para a ocorrência da perífrase na escrita jornalística manauara.....	96

TABELAS

Tabela 1: Variação na expressão do futuro na década de 80.....	67
Tabela 2: Variação na expressão do futuro na década de 80 com perífrases amalgamadas.	69
Tabela 3: A expressão de futuridade nas seções de jornais (década de 80).....	69
Tabela 4: Fatores relevantes e grupo de fator em comum para a ocorrência da perífrase....	72
Tabela 5: O peso relativo do paradigma verbal na ocorrência da perífrase por periódico....	74
Tabela 6: O peso relativo do papel temático do sujeito por periódico.....	76
Tabela 7: Variação na expressão do futuro na década de 90.....	77
Tabela 8: Fatores favorecedores a perífrase com verbo <i>ir</i> no futuro no Diário do Amazonas (década de 90).....	79
Tabela 9: Fatores relevantes e grupo de fator comum para a ocorrência da perífrase na década de 90.....	80

Tabela 10: Fatores que outrora permaneciam em <i>KnockOut</i>	83
Tabela 11: Fatores eleitos para a ocorrência da perífrase nos periódicos dos anos 2000.....	84
Tabela 12: Fatores favorecedores da perífrase nos periódicos nos anos 2000.....	85
Tabela 13: Variação na expressão do futuro na escrita e tipo de jornal.....	87
Tabela 14: Variação na expressão do futuro nas seções de jornais.....	88
Tabela 15: Dados das perífrases em cada periódico e grupo de fator em comum.....	90
Tabela 16: <i>KnockOut</i> do fator extensão fonológica.....	91
Tabela 17: A perífrase e a extensão fonológica por periódico.....	91

GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais das variantes por periódico.....	68
Gráfico 2: Percentuais das variantes por periódico (anos 90).....	78
Gráfico 3: Percentuais da perífrase e do sintético nas seções de jornal (anos 90).....	79
Gráfico 4: Percentuais das variantes em cada periódico (anos 2000).....	82
Gráfico 5: Porcentagens do sintético e da perífrases nas seções de jornal (anos 2000).....	84
Gráfico 6: Distribuição das variantes por periódico (percentuais).....	87
Gráfico 7: Futuro sintético nos anos 80, 90, 2000 e 2014.....	93
Gráfico 8: Futuro perifrástico (verbo <i>ir</i> no presente) nos anos 80, 90, 2000 e 2014.....	94
Gráfico 9: Futuro perifrástico (verbo <i>ir</i> no futuro) nos anos 80, 90, 2000 e 2014.....	95
Gráfico 10: Futuro perifrástico nas seções de jornal.....	96

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1. Manaus: aspectos socioculturais e linguísticos.....	18
1.1. Manaus: dos Manaós à Metrópole Nortista.....	18
1.2. A influência da imprensa no contexto da sociedade metropolitana manauara.....	22
1.3. A fala do manauara sob a luz dos estudos sociolinguísticos e dialetológicos.....	28
2. Fundamentação Teórica.....	34
2.1. Sociolinguística: a ciência da variação e da mudança linguística.....	34
2.2. A língua funciona? Funcionalismo!	38
2.2.1. De principal a auxiliar: a gramaticalização do verbo <i>ir</i>	40
2.3. Uma social e uma funcional: Sociofuncionalismo.....	44
2.4. A variação e a mudança da expressão de futuridade no português do Brasil: de onde veio e aonde chegou.....	51
3. Procedimentos Metodológicos.....	55
3.1. A variável: verbo <i>ir</i> + infinitivo.....	55
3.2. A amostra.....	56
3.3. Fatores inibidores <i>versus</i> produtivos do futuro perifrástico.....	57
3.4. <i>GoldVarb x</i> : instrumento de análise quantitativa.....	63
4. Análise e Discussão.....	66
4.1. A perífrase de futuro na década de 80.....	66
4.2. A perífrase de futuro na década de 90.....	76
4.3. A perífrase de futuro nos anos 2000.....	82
4.4. A perífrase de futuro no ano 2014.....	86
4.5. Panorama geral das análises de 80, 90, 2000 e 2014.....	93
5. Extra! Extra! O produto é um catálogo!	98
Considerações Finais.....	99
Referências.....	101
Apêndice.....	107

INTRODUÇÃO

As mudanças na forma de expressar o futuro representam um fenômeno de variação que está em curso no português brasileiro, tornando-se, conseqüentemente, o foco das diversas pesquisas que analisam registros linguísticos do português oral e escrito em diferentes estados do Brasil. Elas evidenciam que a forma sintética de expressar o futuro (viajarei) tem uma concorrente para expressar esta mesma noção de tempo, isto é, a forma perifrástica (vou viajar), sobretudo a constituída do verbo *ir* + *infinitivo*. Esta forma composta é considerada uma variante inovadora e, nos estudos acerca deste tema, na fala manauara, como em Andrade (2012) e Ribeiro & Martins (2014), observou-se que a perífrase ocorre quase predominantemente na fala, assunto este a ser abordado no capítulo que abrange o referencial teórico. E, no entanto, na escrita, não foi verificado se há ou não registros destes casos.

Também nos estudos supramencionados que focalizam a variação da realização do futuro verbal, os resultados demonstram que a forma simples está sendo substituída pela forma composta, denominada, em muitos trabalhos, por exemplo, em Santos (1997) e em Oliveira (2006), como forma inovadora. A forma canônica, isto é, o futuro sintético, é realizado no português através da desinência modo-temporal futuro do presente do modo indicativo e é considerada uma forma de maior prestígio, prevalecendo em textos mais formais como no Diário do Congresso Nacional e Revista *Isto é* (SANTOS, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 26). Em contexto nacional, inúmeros trabalhos foram desenvolvidos sobre a referência temporal ao futuro no português brasileiro, cita-se: Gibbon (2000), Santos (2000), Oliveira (2006) e suas conclusões são unânimes em confirmarem que o futuro perifrástico está tomando cada vez mais o espaço do futuro simples na fala. No tocante à ocorrência do futuro na escrita são poucos os trabalhos e, com relação à região Norte, esse estudo é inédito.

O tema da variação na representação da futuridade na variedade do português do manauara tem sido objeto de estudo, sobretudo do Projeto de Documentação e Análise da Fala Manauara (FAMAC), coordenado pela Dra. Silvana Andrade Martins, no qual este trabalho também se inscreve, além de um artigo produzido para tratar da expressão de futuridade na escrita jornalística manauara, em que foi exposta uma análise preliminar de parte do que será apresentado nesta dissertação.

No âmbito dos estudos sobre a futuridade na fala manauara desenvolvidos pelo projeto FAMAC, menciona-se Andrade (2012) que, em sua monografia intitulada “A expressão do

futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variações” investigou as formas do futuro do presente na fala manauara culta. No Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), nas edições a partir de 2012/2013, a expressão de futuridade tem sido investigada por orientandos de projetos propostos por S. Martins, como as pesquisas de Andrade (2011/2012); Ribeiro (2013/2014 e 2014/2015); Barros (2014/2015); e no mestrado Araújo & Martins (2015). Estes estudos versam sobre os contextos linguísticos e socioculturais da variação da expressão de futuridade na fala manauara e a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo e do futuro do pretérito na expressão do *irrealis* também na fala manauara. Ainda inseridos no Projeto FAMAC constam estudos sobre outros tópicos da variedade do português falado na cidade de Manaus, como Babilônia & Martins (2011): “A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara”.

Destacam-se outros estudos sobre o falar do amazonense, como “Dicionário da Língua Popular da Amazônia”, de Paulo Jacob (1985), “Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas”, do professor Sérgio Freire (2010), entre outros, que se referem a Manaus e a algumas regiões do Amazonas.

Retomando os estudos referentes à expressão da futuridade na fala manauara, conforme supracitados, os resultados da análise deste *corpus* apontam que o uso do futuro sintético está restrito a contextos específicos e que a perífrase está em estágio avançado de gramaticalização, corroborando assim com a ideia de que em um curto espaço de tempo essa forma poderá suplantar completamente o uso do futuro simples na fala do manauara. No âmbito destes estudos, o presente trabalho contribui para a compreensão desse na escrita jornalística manauara, apresentando uma pesquisa de cunho longitudinal, que se inicia nos anos 80. Também contribui para a divulgação da diversidade do português nortista.

No Brasil, em geral, já é possível encontrar um conjunto de artigos, dissertações, teses, que apresentam como objeto de estudo a expressão de futuridade, com foco no uso da perífrase na escrita, como Silva (2011): “A representação do tempo futuro em textos escritos: uma análise diacrônica”, Alves (2011): “A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses” ou ainda Oliveira (2014): “Qual o *futuro* da Bahia”. O artigo de Oliveira (2014) é pertinente aos estudos desta dissertação, pois sua pesquisa trata da variação da expressão da futuridade em periódicos baianos. Enfim, é possível que se verifique outras autorias com relação ao tema futuro na escrita em outras regiões. Contudo, em Manaus essas pesquisas até onde se obteve conhecimento se resume ao artigo “A expressão de futuridade na escrita jornalística

manauara” (ARAÚJO & MARTINS, 2015), ainda não publicado e cujo resumo consta nos Anais do Congresso da ABRALIN (2015), e a presente dissertação.

Na modalidade escrita, Araújo & Martins (2015) examinaram periódicos da cidade de Manaus, do ano 2014, em jornais que classificaram como elitizado em oposição ao popular. Verificaram que a perífrase já está inserida no universo da escrita jornalística nos três tipos de periódicos, embora essa forma não supere a sintética. Esses resultados são detalhados no capítulo que discorre sobre a análise.

Nesta pesquisa busca-se verificar a expressão de futuridade na escrita jornalística manauara, num estudo de cunho longitudinal e transversal, verificando fatores linguísticos e extralinguísticos que explicam a variável do fenômeno estudado, fundamentando a análise numa abordagem teórico-metodológica sociofuncionalista.

O *corpus* em análise é composto de periódicos de três jornais: *A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Dez Minutos*. Com o objetivo de investigar em que medida a perífrase de futuro ocorre na escrita jornalística manauara, neste estudo delimita-se a identificar os seguintes modelos de futuro perifrástico: ‘verbo ir (presente) + infinitivo’ e ‘verbo ir (futuro) + infinitivo’, procurando responder: Quando se iniciou essa variação na escrita e como tem se desenvolvido nos últimos 34 anos? Quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que funcionam como motivadores ou inibidores da forma inovadora? Qual destas perífrases tem maior ocorrência? Alguma ou nenhuma delas supera ou se iguala em ocorrência ao uso do futuro sintético?

No interior dos periódicos, foram escolhidas seções em comum para a coleta de dados e, neste âmbito, indagou-se: Há seção que motiva ou inibe a ocorrência da perífrase ou do futuro sintético? Aos jornais escolhidos imprimiu-se uma identificação social, através de seu valor de venda, que foram: elitizado, classe média e popular. A partir deste critério, questionou-se: A maior ou menor utilização das perífrases ocorre em que porcentagem entre os periódicos? Levantados os questionamentos acima, as hipóteses são as seguintes: acredita-se que na escrita o uso da perífrase ocorre, porém não supera o uso do futuro sintético; a perífrase mais utilizada será aquela com o verbo *ir* no presente; presume-se que cada seção dentro dos periódicos, de acordo com o assunto e o público alvo, deva apresentar uma linguagem que vai gradualmente do mais ou menos formal. Assim, julgou-se que, em colunas mais formais, o uso do sintético prevaleça sobre o perifrástico. Essa linha de pensamento se estende à questão da classe social de cada um, porém de acordo com o valor de venda dos jornais.

A partir das hipóteses acima, precisa-se, de acordo com Labov (2008), entre outras coisas, estabelecer a visão total de contextos em que este fenômeno ocorre, uma vez que eles são responsáveis pela motivação ou contenção das mudanças. Esses contextos podem ser linguísticos, isto é, podem ser estabelecidos por elementos intrínsecos ao sistema linguístico; e extralinguísticos, que representam fatores externos à língua, ou seja, sociais, como faixa etária, classe social, gênero, por exemplo.

Para a verificação das hipóteses apresentadas neste trabalho, baseou-se nos fatores linguísticos propostos por Almeida & Figueiredo (2014) em que as autoras abordam sobre a “Relevância das variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal”. Elas descrevem doze variáveis linguísticas, que são: extensão fonológica do verbo; paradigma verbal; conjugação verbal; pessoa verbal; papel temático do sujeito; tipo de sujeito; tipo de verbo; transitividade verbal; projeção de futuridade; presença/ausência de futuridade fora do verbo; natureza semântica do verbo e paralelismo sintático-discursivo. Contudo, nesse estudo, foram selecionados: pessoa verbal, extensão silábica do verbo (adaptado de extensão fonológica, esta explicação encontra-se no item 3.3), paradigma verbal, conjugação verbal, transitividade verbal, natureza do verbo, projeção de futuridade, presença/ausência de expressão de futuridade fora do verbo, tipo de sujeito e papel temático do sujeito. Tais escolhas e modificações se devem pelo fato de que o trabalho tem por alvo apenas a escrita e alguns fatores estão mais relacionados à fala. Outra razão seria pela restrição da pesquisa em utilizar apenas um tipo de verbo (referindo-se a exclusão do fator: tipos de verbo).

Por fim, retratou-se a disposição dos assuntos abordados neste estudo, os quais estão organizados em quatro capítulos que receberam uma titulação diferenciada, uma vez que o *corpus* é composto pela escrita jornalística. Dentro dos periódicos, o título, denominado nesse âmbito de manchete, desempenha um papel de destaque, pois é através dele que o jornalista chamará a atenção do leitor para conferir a matéria completa. A partir do exposto, resolveu-se seguir essa mesma proposta e intitular alguns capítulos e subcapítulos de forma similar a uma manchete de jornal. No capítulo 1, foram descritos os aspectos socioculturais e linguísticos que caracterizam a população manauara, apresentando um breve histórico, organizado em três subtópicos. No primeiro, a história do município, desde sua formação até os seus dias atuais já como metrópole, comentando também sobre sua formação populacional e as contribuições socioculturais dos imigrantes e migrantes. Em seguida, traçou-se uma sucinta retrospectiva referente à implantação e desenvolvimento da imprensa manauara como um todo e ainda sobre cada um dos jornais utilizados na coleta de dados. E, fechando este capítulo, narrou-se

um panorama sobre os estudos sociolinguísticos e dialetológicos desenvolvidos sobre a fala do manauara.

No segundo capítulo, abordou-se sobre o referencial teórico, mostrando as teorias que nortearam a pesquisa, bem como suas respectivas propostas, seus pressupostos e a relação que apresentam com o tema do trabalho. Esse conteúdo está subdividido em cinco tópicos: no primeiro, delineou-se um painel dos aspectos socioculturais e linguísticos que caracterizam a população brasileira que vive em Manaus. No segundo, foi abordado a respeito das teorias envolvidas na pesquisa: a Sociolinguística que se propõe em seus estudos verificar a relação existente entre língua e sociedade, apresentada precursoriamente por Labov. Em seguida, foram abordados os princípios do Funcionalismo que consideram a função da língua dentre os falantes e, por fim, o Sociofuncionalismo que é a égide da análise e interpretação dos dados.

No capítulo 3, apresentaram-se os procedimentos metodológicos que guiaram e serviram de ferramenta para a delimitação do objeto de pesquisa, estruturação da análise e a constituição do *corpus*. O capítulo 4 apresenta os resultados das análises dos dados obtidos através do programa estatístico *GoldVarb X*. O quinto capítulo traz o produto que representa uma proposta da instituição para o curso de mestrado profissional. Tal proposta tem o objetivo de divulgar os resultados das pesquisas realizadas no programa de pós-graduação. A propositura para esse produto nesse estudo será composta dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a realização da perífrase na escrita jornalística manauara, contendo exemplos e estatísticas geradas pelo programa computacional utilizado na pesquisa. Por fim, apresentam-se as considerações finais, referentes ao que foi verificado na pesquisa.

1. MANAUS: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E LINGUÍSTICOS

A escrita jornalística manauara compõe o *corpus* dessa pesquisa, por isso é relevante que haja uma abordagem acerca do surgimento da cidade de Manaus. Também é necessário reconhecer a importância da imprensa no desenvolvimento desta metrópole, bem como sua história.

Assim, este capítulo e seus subtópicos¹ descrevem um panorama histórico das características socioculturais e de linguagem pertencentes à sociedade manauara que é composta por migrantes e imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo, sendo essas peculiaridades que formaram os principais aspectos da vida contemporânea dos manauaras.

Sobre a imprensa, abordou-se seu trajeto desde seu início no Ciclo da Borracha e também alguns tópicos inerentes ao jornalismo que fizeram parte do desenvolvimento da sociedade manauara. Além disso, acrescentou-se um breve histórico de cada um dos três periódicos escolhidos para coletas de dados desta pesquisa.

Desenvolveu-se um tópico que descreve como é vista a fala manauara através dos estudos sociológicos e dialetológicos, realizados aqui na região Norte, sobretudo os que são elaborados dentro do projeto FAMAC², criado pela Doutora Silvana Andrade Martins, na Universidade do Estado do Amazonas. Assim, apresentam-se os fenômenos linguísticos que têm sido foco dos estudos atuais e, brevemente, seus respectivos resultados. Enfim, traçou-se um panorama para sinalizar que este estudo trabalha com um *corpus* relacionado a linguagem manauara, buscando situar o leitor para que compreenda todos os aspectos que serão envolvidos na análise e que estarão em evidência na discussão e na apresentação dos resultados.

1.1. MANAUS: DOS MANAÓS À METRÓPOLE NORTISTA

A história do território amazônico se inicia em 1494 com o Tratado de Tordesilhas que designava a Espanha como proprietária desse território que, por sua vez, permaneceu inexplorado até que outros países europeus descobrissem sua existência e começaram a almejar essa região a partir do século XVI.

¹ A construção da seção 1.1 desse capítulo se deu a partir da leitura de vários trabalhos, compilando-se cronologicamente os dados apresentados em cada um deles. Os referidos trabalhos são: E. Oliveira (2010), Oliveira e Magalhães (2003), Pinheiro (2001), Souza (2005) e Vasconcelos (1990).

² A sigla do projeto FAMAC significa: Fala Manauara Culta e Coloquial. Contudo, nessa pesquisa optou-se por utilizar apenas a sigla.

Em 25 de dezembro de 1615 de São Luís do Maranhão, os portugueses chegaram ao Pará, onde, em 1616, instalaram na baía do Guajará o Forte do Presépio. Nome esse que fazia referência ao dia da saída do Maranhão.

No Pará, conquistaram e nomearam a cidade de Santa Maria de Belém que, atualmente, denomina-se de Belém. O trabalho desenvolvido nessa cidade era de monitoramento da região da bacia amazônica para que fosse possível apossar-se das terras que até então eram de propriedade espanhola. Em 31 de junho de 1751, foi criado o Estado do Grão-Pará e Maranhão pelo Marquês de Pombal, e sua sede era situada na cidade de Belém, tendo o objetivo de demarcar as fronteiras portuguesas, efetivando o acordo feito com a coroa espanhola em 1750, conhecido como o Tratado de Madri. Diferentemente do Tratado de Tordesilhas, este não tinha o intuito de dividir o território, mas se fundamentava no princípio jurídico de *uti possidetis*, em que “cada parte há de ficar com o que atualmente possui”.

Em meados do século XVII, Manaus já era considerada como uma região estratégica pelos lusitanos, por isso foi escolhida para que fosse fixado o domínio português em território brasileiro. Assim, à margem esquerda do rio Negro foi constituído um núcleo urbano, onde se deu a construção do Forte da Barra de São José do Rio Negro, em 1669, engendrado por Francisco da Mota Falcão, capitão da artilharia. Este mesmo ano foi escolhido para ser identificado como o nascimento da cidade de Manaus.

Ao redor deste Forte, desenvolveu-se um povoado, que foi denominado de Lugar da Barra que, por sua localização geográfica, passou a ser sede da Comarca do São José do Rio Negro. Em 1755, através da Carta Régia, a antiga missão de Mariuá foi escolhida como capital, passando a se chamar vila de Barcelos. Anos mais tarde, a sede foi transferida novamente para o Lugar da Barra que, em 1832, tornou-se Vila da Barra e, em 24 de outubro de 1848, a Cidade da Barra de São José do Rio Negro. No entanto, com a elevação da Comarca à categoria de Província em 1850, a Cidade da Barra tornou-se independente do Estado do Grão-Pará em 04 de setembro de 1856, passando a se chamar Cidade de Manaus. Este nome homenageia a tribo indígena dos Manaós, cuja designação significa “mãe dos deuses”, etnia que habitava a região antes de serem extintos, por conta das ações da civilização portuguesa.

A partir de 1870, Manaus viveu o surto da economia gomífera, em referência à exploração de látex da Amazônia, encerrando-se esse período em 1913, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, que fora contrabandeada. Assim, a cidade permanece em um período de isolamento até o ano de 1970, quando se inicia o advento da Zona Franca de Manaus.

Sobre as questões socioculturais, retoma-se o Ciclo da Borracha que foi o período onde ocorreu uma das maiores migrações na cidade de Manaus devido à exploração do látex. Em 15 de novembro de 1889, quando a província passou a ser estado do Amazonas, detectou-se que sua principal matéria-prima era a borracha, o que tornou o estado do Amazonas o maior produtor e fornecedor deste material. Para atender a demanda de pedidos das indústrias mundiais, vieram inúmeros brasileiros de outras regiões, principalmente do Nordeste. Todavia, os migrantes não foram os únicos que participaram deste processo exploratório, mas também imigrantes, vindos sobretudo da Europa, como portugueses, ingleses, franceses e italianos. Diante desta demanda populacional, a cidade precisou passar por muitas mudanças em sua estrutura física para comportar o crescente aumento dos habitantes que, mesmo com o declínio da borracha, não pararam de chegar a Manaus. E, em conformidade com o censo de 1920, integraram-se também à população manauara os japoneses e turcos.

Na fase áurea da borracha, teve-se como governador Eduardo Ribeiro e, dentre o progresso por ele implantado para suprir as novas necessidades habitacionais da cidade, destacam-se a instalação dos bondes elétricos para atender a serviços de transporte público, serviços de telefonia, de eletricidade, de água encanada e a construção de um porto flutuante. Ainda neste período, acontece a construção de um ícone cultural: o Teatro Amazonas e, à sua volta, construíram-se calçadas com granito e pedras de liós importadas de Portugal e muitas outras melhorias que fizeram com que a cidade de Manaus fosse reconhecida como uma cidade moderna. Nesta época, a capital do Brasil estava instalada no Rio de Janeiro, porém, com o sucesso da economia gomífera, a cidade de Manaus recebia as mesmas regalias que a capital federal, tanto que se tornou referência internacional nas discussões sobre doenças tropicais, saneamento e saúde pública.

Em 1910, veio o declínio do auge da borracha. Esse declínio ocorreu em virtude do surgimento de uma concorrente: a Ásia. Fato este que promoveu muitas crises, principalmente, econômicas.

Em 1960, a cidade volta a ser destaque entre as capitais brasileiras, sendo reconhecida também na América Latina. Assim, Manaus passa pela segunda maior explosão migratória de sua história, sendo esta uma ocupação voluptuosa que se deu de forma desenfreada, desestruturada e desordenada dando origem a muitas periferias na cidade. O advento da Zona Franca de Manaus chamou a atenção de todos por representar uma oportunidade de trabalho, o que acarretou em consequências não só positivas, mas também negativas. Entre os problemas gerados por esta migração, o meio ambiente sofreu perdas de suas áreas verdes que foram devastadas e ocupadas irregularmente. As margens dos igarapés foram fortemente

atingidas, o que obrigou o governo a criar lotes de terras específicos para atender a esta população.

Manaus herdou muitas características culturais e costumes. Dos colonizadores europeus, os traços existentes na arquitetura. Dos indígenas, o português regional com a inserção de palavras indígenas no léxico, além da culinária e o artesanato que são fortemente caracterizados por essas culturas. Já a dança e a música, e até mesmo a linguagem, carregam traços nordestinos.

Em referência à língua, ressalta-se que há um léxico bastante ‘reforçado’ por palavras de origem indígena e se observa isso em termos como *igapó* ou *igarapé*; *cunhatã e curumim*; *tucupi, tucumã, timbó, etc.* Também se podem encontrar palavras de proveniência nordestina como *aperrear* ou *abestado*³, que se integraram ao léxico do amazonense como empréstimos, da época da borracha. Portanto, é importante levar em consideração as questões que envolvem o surgimento de cada dialeto, bem como o contexto que proporcionou sua transformação/adaptação. Na demografia, a miscigenação de três etnias básicas compõe a população: o indígena, o europeu e o negro, no surgimento da denominação de mestiços ou caboclos. E, também, existe uma formação secundária provocada pela vinda de imigrantes árabes e japoneses. Nesse processo de mestiçagem, ressalta-se a contribuição dos nordestinos, vindos principalmente do Ceará e do Maranhão, na formação da população manauara atual, dos paulistas, dos gaúchos e também daqueles da própria região Norte, como os paraenses e acreanos.

A região metropolitana de Manaus foi a segunda a ser criada na região Norte brasileira, transformando-se na maior do país em área territorial, com seus 101 475 km². Está localizada na microrregião homônima e na mesorregião do Centro Amazonense, situada à margem esquerda do rio Negro. A expansão urbana de Manaus está concentrada na zona Norte da cidade, pois as zonas Sul, Centro-Sul e Centro-Oeste não dispõem mais de espaço para tal e a zona Leste da cidade, embora possua algumas áreas livres para crescimento, estas já pertencem à Zona Franca de Manaus.

A capital amazonense está em sexagésimo segundo lugar como área urbana que mais cresce no mundo, de acordo com os dados divulgados pela fundação *City Mayors* (postado em 11 de junho de 2010). Possui belezas naturais como ilhas, arquipélagos e áreas ecológicas, sendo muitas delas reconhecidas e admiradas mundialmente como o arquipélago de

³ Para conhecer mais sobre esse tema, consulte o livro: “Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas”, do professor Sérgio Freire (2010).

Anavilhanas, o Encontro das Águas. Na aérea urbana da cidade também é possível desfrutar da natureza através de parques e reservas ecológicas como o Parque do Mindu e a Reserva Florestal Adolpho Ducke.

Atualmente, Manaus ocupa o vigésimo sexto lugar entre as cidades mais populosas da América e, o sétimo lugar no panorama do Brasil, concentrando na capital mais da metade da população de todo o estado. Ainda tratando de números e rankings, sua situação econômica e educacional a coloca entre os cinco municípios brasileiros com participação acima de 0,5% no PIB do país, logo entre as que mais crescem economicamente. Contudo, tem-se um registro oposto ao crescimento de qualidade de vida, uma vez que se possui o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as 16 principais metrópoles do Brasil, com 0,720 pontos, superior apenas à Região Metropolitana de São Luís.

Em contrapartida, Manaus possui a mais antiga universidade do país, a Universidade Federal do Amazonas, fundada em 1909. Também em 2001, foi criada a Universidade do Estado do Amazonas, que hoje é reconhecida por ser a maior universidade multicampi do Brasil, bem como pela sua valorosa contribuição no processo de interiorização e democratização do ensino superior neste Estado de dimensões continentais.

1.2. A INFLUÊNCIA DA IMPRENSA MANAUARA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE METROPOLITANA

Tudo se regenera: tudo toma uma nova face. O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração. A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático, como ele. Foi a nova cratera do vulcão.

Tratemos do jornal, esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este Arquimedes de todos os séculos, encontrou. (Machado de Assis. O jornal e o livro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

O surgimento da imprensa na cidade de Manaus trouxe muitos benefícios para o crescimento da sociedade, portanto, apresenta-se a história dos primeiros periódicos, bem como a trajetória dos três jornais que constituem o *corpus* deste estudo.

Foi após o advento do Ciclo da Borracha que a cidade de Manaus surgiu no cenário das capitais brasileiras. Assim, com o crescimento das atividades, da população e da expansão territorial foram necessárias algumas implementações como organização administrativa, política, trabalhista, cultural, bem como jornalística, porque disseminar os fatos ocorridos nestas organizações e divulgar os interesses dos habitantes em discutir temas como falta de

saneamento, falta de escolas, atraso de salários entre outros, pois imprensa é imprensa desde o princípio do mundo e sempre fez papel de anunciadora de boas e más notícias. De acordo com Cruz (2000):

A cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos dessas publicações. Através de novas temáticas, personagens e linguagens, o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as publicações. (p.80)

Portanto, as configurações e características dos conteúdos presentes nos periódicos são reflexos do que a sociedade vive. Manaus ainda passava pela fase oral, em que a notícia corria de boca a boca, poucos eram os letrados e, por isso, eles impunham o que lhes aprouvesse. Todavia existiam tentativas de introduzir o letramento na população através de leituras coletivas realizadas em associações, clubes, bares, praças e etc. (PINHEIRO, 2001, p. 4).

A produção jornalística no Amazonas se tornou notória na virada do século XIX para o XX, quando se era vivida uma época de agitação cultural devido ao contato com outras capitais do país. Assim, tem-se o registro do primeiro jornal em 1851, após um ano da criação da Província. O *Cinco de Setembro* teve sua primeira edição em circulação no dia 3 de maio de 1851, tendo por idealizador o tenente Manoel da Silva Ramos, tipógrafo, que era o responsável pela elaboração da linha editorial, escrita de forma bastante oficial, em conformidade com o discurso da nova cúpula administrativa e política que aqui se tinha instalado (PINHEIRO, 2001, p. 4).

Existiam algumas dificuldades que impediam o crescimento da imprensa, entre elas o baixo nível educacional, a falta de mão de obra especializada em tipografia, escassez de maquinário adequado e etc., conforme afirma Pinheiro (2001):

O nível técnico relativamente mais modesto dos processos de editoração animaram pequenos grupos letrados a se lançarem na arena jornalística [...] o grosso da publicação periódica amazonense ainda recaía sobre as pequenas folhas algo improvisadas”. (p. 62)

Contudo, o Jornal *Cinco de Setembro* se configurou como referência no âmbito jornalístico. Sua história é composta por uma trajetória de muitas mudanças a começar pelo seu nome que, após oito meses de uso, passa a ser chamado de *Estrela do Amazonas* e assim perdura até os anos de 1866, quando foi comprado por Antônio da Cunha Mendes, transformando-se em *O Amazonas*. E, neste seu novo formato, permaneceu de forma

duradoura e estável até meados do século XX, fato que, para Souza (2005), era um grande feito por que:

[...] algo raro entre os jornais, principalmente nesta fase embrionária da imprensa amazonense e de resto no país como um todo caracterizada por uma produção artesanal, realizada em pequenas oficinas em que os serviços gráficos de redação, composição e prensa, eram de responsabilidade quase sempre de um único profissional tipógrafo [...]. A maioria dos jornais tinha vida efêmera e não chegavam a completar um semestre e muitos ficavam mesmo no seu primeiro mês, como o Vigilante (1859), Checheo (1861), Lei (1867), Actualidade (1874) que não atingiram meio semestre de existência, o terceiro, encerrou-se mesmo no seu segundo número. (p. 73)

Observa-se que o ramo jornalístico era instável e que os periódicos não circulavam por muito tempo. Pinheiro (2001), denomina esse período de primeira fase da imprensa no Amazonas. A segunda fase é caracterizada pelo aumento e diversidade dos novos jornais advindos do sucesso da economia gomífera. A partir de 1880, marco da nova fase jornalística amazonense, houve progresso nas tipografias, melhoria dos profissionais, mais produtores e, principalmente, um grande número de leitores, conforme Souza (2005):

Entre as últimas décadas do século XIX e primeira do XX, o número de jornais que a cada dia invadiam diversos recantos da capital, sofre um aumento até então jamais registrado. Se na entrada da década de 80 circulavam pela capital pouco mais de vinte impressos, no final desta o número tinha mais do que triplicado, atingindo a cifra de 71 periódicos, mantendo-se estável até a virada do século com 77 jornais para finalmente quase duplicar ao término da primeira década. (p.76)

Neste momento, ocorreu que os grupos de intelectuais da época aproveitavam este espaço veicular da imprensa para a abertura de debates e discussões acerca dos mais variados assuntos como política, expressão de opiniões acerca dos últimos acontecimentos, troca de ideias, economia, entre outros.

O periodismo em Manaus é marcado por fases. Conforme J. Freire (1990) aponta no livro *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950)*, o jornalismo no Brasil deve ser explicado a partir de cinco linhas que trazem diferentes concepções, mas com características e linguagens comuns: o jornalismo áulico, o panfletário, o literário, o político e o informativo, cada um deles representa um período da história jornalística.

O jornalismo áulico é definido como a primeira fase do periodismo no estado do Amazonas e nele eram publicados atos do governo da Província e do Império e, em algumas edições, eram feitas homenagens particulares a grandes figuras públicas da época. Já a imprensa panfletária tem como principal atributo a circulação de jornais de cunho

revolucionário e pasquins moralistas. Por estas características ela pode ser aproximada conceitualmente da imprensa operária, pois ambas abriam espaço para discursos contrários aos oficiais, às reivindicações das classes operárias, queixas trabalhistas e denúncias sociais em geral.

O jornalismo político estava envolvido com os formatos panfletário e operário, porém de forma contrária, pois nesse modelo a voz era dos oficiais e dos representantes políticos. Nele estão inseridos os jornais partidários, que eram veiculados para disseminar posicionamentos ideológicos, como *O Socialista* (1936) que fazia parte do Partido Socialista do Amazonas.

Produzido geralmente nas escolas, o jornalismo de cunho literário retratava as reflexões e preocupações dos estudantes acerca de temas literários e algumas vezes até políticos. Aqui a classe estudantil engajada nos assuntos da atualidade podia dar sua contribuição intelectual. Com relação ao jornalismo informativo, pode-se inferir que todos fazem parte por trazerem informações diversas a diferentes públicos.

Citam-se ainda, dentro dos tipos de imprensa existentes no Amazonas, segundo J. Freire (1990), mais alguns formatos, como o jornalismo do interior que trazia informações relevantes à comunidade como reivindicações acerca de temas como saúde, educação e agricultura. Tem-se também o jornalismo das colônias estrangeiras que era composto por edições escritas no idioma de origem da colônia e aportavam informações de interesse dessas populações.

E, o jornalismo de virtude escandalosa e bisbilhoteira que tratava de fofocas, críticas a costumes populares, carregando uma linguagem humorística e até mesmo debochada. Por conta de seu conteúdo escrachado, a maioria das assinaturas trazia pseudônimos como forma de se defender de possíveis ataques de um de seus alvos injuriados pela exposição na matéria. Observa-se, conforme Pinheiro (2001), sua classificação.

As folhas de humor distanciavam-se da linguagem mais formalizada dos grandes jornais, trocando-a pelo discurso direto, objetivo e coloquial. Parecendo falar a “língua do povo” [...] o jornal de humor projetava, no público leitor, uma imagem de independência que o jornal empresa não conseguia consolidar [...]. (p. 174)

Assim, estes jornais se qualificavam por trazerem charges, piadas, caricaturas, enfim, todo o tipo de afronta humorística para retratar temas e situações do momento vivido pela sociedade.

Os periódicos escolhidos para compor o *corpus* dessa pesquisa foram três e cada um deles possui histórico⁴ que relata sobre sua fundação e idealizadores. O Jornal *A Crítica*, fundado por Umberto Calderaro Filho, teve entrada no mercado periodista manauara no ano de 1949. Nesta época, a cidade de Manaus já tinha energia elétrica, abastecimento de água e transporte público, bem como a circulação de alguns periódicos como *O Diário da Tarde*, *A Tarde e A Gazeta*, *O Jornal do Comércio* e *O Jornal*.

Antes do lançamento oficial, foram produzidos alguns ensaios em 1946, de forma assistemática, devido aos equipamentos impróprios. Para a sua primeira e oficial edição, o autor do jornal, para se diferenciar da concorrência, distribui os exemplares às onze horas da manhã, tornando-se o primeiro e único *onzeorino*. (AZEVEDO, 1974).

A fase mais difícil desse jornal, ocorreu ao final da década de 50 e início da década de 60, pois as edições desta época mostravam solidariedade à luta do povo para defender a liberdade e isso provocou insatisfação nos políticos do estado do Amazonas. Tanto assim que, em 20 de janeiro de 1959, a sede sofre um atentado à bomba, o que acarretou na destruição da redação, bem como na saída da família Calderaro do Estado (AZEVEDO, 1947).

Em 1962, Calderaro opta pela construção de um edifício que foi considerado umas das melhores instalações jornalísticas do Norte do país. Como descreve o editorial da edição de aniversário de 19 de abril de 1961: "Novo, pelas modificações de roupagens modernas de que se veste, mas no mesmo local em que vimos mantendo a dura batalha pela sobrevivência [...]. Podemos nos orgulhar de possuir, agora, as melhores instalações jornalísticas do Norte do País".

Assim, a partir de 1965, o jornal foi se consolidando cada vez mais e, em 1967, inaugurou seu teletipo, vinculado à agência de Notícias *Associated Press*, sendo o único a funcionar no Amazonas, bem como adquiriu um novo maquinário que figurava como o mais moderno disponível na cidade de São Paulo, permitindo que os exemplares fossem impressos a cinco cores, com mais páginas e em grande escala porque saíam quarenta mil exemplares por hora. Com todo esse crescimento, o jornal *A Crítica*, ao longo dos anos, não se deteve apenas aos leitores manauaras, mas também alcançou o Acre, Rondônia, Pará e Roraima, chegando a Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

Já o jornal *Diário do Amazonas* se introduz em um momento de democratização no cenário político do país. A empresa era denominada de a Rede Diário de Comunicação e foi

⁴ A base dos históricos de cada um dos periódicos foi retirada dos livros *Cem anos de Imprensa no Amazonas e Imprensa Amazonense* (verificar nas referências do final do trabalho).

fundada pelo empreendedor amazonense Cassiano Anunciação, no ano de 1986. Inicialmente, era um projeto que consolidaria o desenvolvimento das atividades comerciais da família, mas acabou por dar origem à criação do grupo de comunicação que, atualmente, é um dos maiores do Norte do país.

Nos anos 90, o Diário, como era chamado, ficou caracterizado por ter uma abordagem mais popular de assuntos em evidência no cotidiano da capital amazonense, bem como ganhou destaque por circular suas edições às segundas-feiras. Outra característica qualidade deste periódico inovador eram suas edições totalmente coloridas, diferentemente dos concorrentes que, quando tinham alguma página em cores, esta era restrita a capa e umas poucas no meio do exemplar. Em seguida, a linha editorial foi ampliada e passou a alcançar setores como economia popular e serviços, direcionando suas edições para as classes C e D.

Atingido o objetivo de ser reconhecido entre os leitores manauaras, o idealizador do jornal, no início do ano 2000, decide promover mais uma mudança na cara do jornal e agora o transforma em um estilo *Premium*, com aspecto mais tradicional, visando expandir para uma nova publicação e até mesmo alcançar novos meios de comunicação como a internet, trazendo novos cadernos que noticiam as áreas política e econômica da cidade. Entre 2002 e 2004, o *Diário do Amazonas* teve papel fundamental nos processos eleitorais do Estado, pois mostrava os problemas enfrentados pelo Estado e pela capital, exigindo dos candidatos soluções.

O jornal *Dez Minutos*, por sua vez, fora idealizado a partir da mudança do Diário. O projeto inicial aconteceu em 2004, todavia a edição inaugural só saiu em 2008. Sua característica principal era tabloide popular, era constituído de dezesseis páginas e tinha alta qualidade editorial e fotográfica. Suas edições eram distribuídas de segunda a sexta, custando R\$ 0,25. Ele foi aceito pela população e dominava o mercado de vendas na região. Já, no segundo ano de circulação, o *Dez Minutos* foi apontado como um dos maiores impressos do país. E, atualmente, é o 12º jornal mais vendido do Brasil, oitavo entre todas as capitais e sétimo na venda avulsa, visto que não pratica o sistema de assinaturas.

Neste tópico, mostrou-se a relevância dos periódicos selecionados para constituir o *corpus* desta pesquisa para a história e o crescimento da cidade de Manaus e como eles se inserem na sociedade manauara. Os jornais, ao circularem, exercem influência na vida das pessoas, em sua linguagem como comunidade de fala e em suas atitudes. Segundo pesquisas realizadas pelas empresas *Ipsos* e *Marplan*, 82% das pessoas alfabetizadas de Manaus leem jornal diariamente.

Na produção textual da notícia, é próprio da profissão do jornalista buscar o equilíbrio em empregar a norma culta e, ao mesmo tempo, empregar uma linguagem que alcance os leitores. Por isso, investigar o tema em estudo, a expressão de futuridade (sintética ou perifrástica) nos periódicos jornalísticos é relevante como constituição de um *corpus* que funciona como um termômetro dos usos linguísticos aceitáveis pela comunidade de fala.

1.3. A FALA DO MANAUARA SOB A LUZ DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E DIALETOLÓGICOS

A variação linguística tem sido um fenômeno de estudo para pesquisadores linguistas. As abordagens teóricas presentes em suas pesquisas são a Sociolinguística, o Funcionalismo Linguístico e o Sociofuncionalismo.

Em Manaus, gradativamente, surgem pesquisas investigativas sobre a variedade urbana oral do manauara. Além dos estudos individuais, também existem grupos formados dentro de núcleos universitários que se dedicam a esse tema. No quadro 1 é possível observar, em ordem cronológica, alguns dos trabalhos que compõe a bibliografia das pesquisas sobre a fala manauara.

Quadro 1 – Pesquisas sobre a fala manauara

Instituição de Ensino	Autor (s)/Ano	Título e Modalidade
UEA (FAMAC)	Andrade (2012)	<i>A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variação</i> (TCC)
UEA (FAMAC)	Rezende & Verçosa (2012)	<i>Estudo descritivo-comparativo da alternância 'nós' e 'a gente' na fala culta e popular manauara: considerações iniciais</i> (Artigo)
UNINORTE	Alunos do terceiro período do curso de Letras ⁵ (2012)	<i>Aspectos fonético-fonológicos da fala manauara</i> (Artigo)
UEA (FAMAC)	Ribeiro (2013)	Contextos linguísticos e socioculturais da expressão de futuridade na fala manauara (IC)
UFAM	Rodrigues (2014)	<i>A realização da fricativa glotal na fala manauara</i> (TCC)
UEA (FAMAC)	Martins & Martins (2014)	<i>Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar manauara</i>

⁵ O nome dos alunos não é divulgado no trabalho.

		(Artigo)
UEA (FAMAC)	Araújo & Martins (2015)	<i>A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara (Artigo no prelo)</i>
UEA (FAMAC)	Ribeiro (2015)	<i>A variação da expressão de futuridade na fala manauara (TCC)</i>
UEA (FAMAC)	Barros (2015)	<i>A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do irrealis na fala manauara (TCC)</i>

O quadro 1 representa uma breve exposição cronológica dos trabalhos relacionados à fala manauara. Observa-se que a maior parte das pesquisas tem foco na fala, contudo há um trabalho voltado para a escrita.

No projeto FAMAC os estudos são desenvolvidos por alunos de graduação e pós-graduação, sendo fundamentados nos pressupostos da Teoria Sociolinguística Variacionista Laboviana e seguem os critérios teórico-metodológicos empregados pelos NURCs⁶⁶. O objetivo geral deste projeto é documentar as especificidades da fala e da escrita dos manauaras, constituindo um banco de dados digitalizados, incluindo arquivos sonoros. Comporta, em seu âmbito, três subprojetos: a documentação de elocuições formais (EF), de registros da situação de fala dialógica entre dois informantes (D2) e de diálogos entre documentador e informante (DID). Todo o material obtido tem servido de subsídios para proposição de pesquisas sobre essa variedade da língua portuguesa, principalmente na fala e escrita manauara, nas áreas de fonética/fonologia, morfossintaxe, léxico, entre outras.

A primeira pesquisa elencada no quadro 1 está entre as pesquisas desenvolvidas pela equipe do Projeto FAMAC, que, particularmente, enfocam a expressão de futuridade, cita-se *A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variação*, apresentada por Bruno de Sousa Andrade, em 2012, como trabalho final de curso, no qual se propõe a apresentar resultados preliminares “da investigação sobre as expressões de tempo futuro encontradas na fala manauara culta, a saber: futuro sintético (*cantarei*), presente do indicativo (*canto*) e forma perifrástica (*vou cantar*)” (p. 5), a partir da Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico (gramaticalização). Neste trabalho observou-se que havia aceitação da forma perifrástica pelos falantes cultos manauaras, em detrimento do futuro sintético e do presente do indicativo, independentemente da idade ou da formalidade exigida pelo discurso. A conclusão deste estudo foi de que a

⁶⁶ Projeto NURC é o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta e foi criado, em âmbito nacional, em 1969. Tem por objetivo documentar e descrever a norma do português brasileiro culto falado, em princípio, apenas em cinco capitais: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

perífrase “se encontra num estágio de gramaticalização bastante avançado, tendendo a ocupar, em pouco tempo, integralmente a função de tempo antes exercida pelo futuro sintético (p.5)”.

Apresentado no II Congresso Internacional de Linguística Histórica, em homenagem a Ataliba Castilho, na Universidade de São Paulo (USP), o trabalho intitulado *Estudo descritivo-comparativo da alternância ‘nós’ e ‘a gente’ na fala culta e popular manauara: considerações iniciais*, das autoras Rezende & Verçosa (2012), traz a discussão sobre a alternância de *nós* e *a gente* na fala manauara culta e popular. De acordo com o resumo da pesquisa, publicado nos resumos de painéis do referido congresso (p. 91-92), o estudo considerou o mecanismo de concordância gramatical, concordância de gênero e de número. Os resultados apontam que para a norma culta houve apenas conjugação canônica ‘nós’ na primeira pessoa do plural e ‘a gente’ para a terceira pessoa do singular.

No Centro Universitário do Norte (UNINORTE) encontra-se o registro de um artigo elaborado por alunos do terceiro período do curso de Letras quando cursavam a disciplina de Linguística e Teorias Linguísticas, orientados por S. Viana, também participante do FAMAC. O título é *Aspectos fonético-fonológicos da fala manauara* (2012) e tem por objetivo “apresentar ocorrências de variações linguísticas na fala manauara, notadamente, em nível fonético-fonológico”, sob a luz da Sociolinguística. Seus dados foram coletados através de questionários aplicados a doze informantes manauaras, sendo seis do gênero feminino e seis do masculino. Quanto à escolaridade, seis informantes estão entre os alfabetizados que estudaram até o último nível do ensino fundamental, e seis são analfabetos. Em seus resultados, a equipe descreve as seguintes ocorrências: “28% dos entrevistados eliminaram o fonema do meio da palavra. [...] Forma padrão: *Caixa*. Forma não padrão: *caxa*, havendo assim a Monotongação [...]. 13% dos entrevistados fizeram uso da Assimilação, [...] Forma padrão: *Mesma*. Forma não padrão: *merma*. 14% fizeram uso da Síncope e da Apócope, [...] Forma padrão: *Pólvora*; *homem*. Forma não padrão: *Polvra*; *homi*. [...] 15% dos entrevistados utilizaram a Metátese, [...] Forma padrão: *Braguilha*. Forma não padrão: *barguilha*; *berguilha*. [...] a realização de palavras proparoxítonas como paroxítonas que obtiveram 10 % de frequência, na Forma padrão: *Árvore*. Forma não padrão: *Ávre*. Para o Rotacismo que é a troca do L pelo R a ocorrência foi de 8 % Forma Padrão: *Planta*. Forma não padrão: *pranta*. E, por último, a redução das vogais *e* e *o* átonas pretônicas, com 12% de ocorrência. [...] Forma padrão: *passagem*; *travesseiro*. Forma não padrão: *passagi*; *travisseru* (grifo nosso) (p.8).

Também como integrante do Projeto FAMAC, Paula Jamille Feitosa Ribeiro, realizou uma pesquisa, em 2013, intitulada *Contextos linguísticos e socioculturais da variação da*

expressão de futuridade na fala manauara. O trabalho examinou o fenômeno da expressão de futuridade, coletando dados dos arquivos do próprio FAMAC “para se identificar essas ocorrências em inquéritos de falantes com e sem formação em nível de ensino superior, relacionando e contrastando a fala culta e a popular”, utilizando a Teoria Variacionista e a Teoria Funcionalista. Seus resultados foram preliminares e constataram “a grande aceitabilidade pelos falantes, tanto cultos (com curso superior) quanto populares (sem curso superior), do uso da forma perifrástica “vou falar”, em detrimento do futuro do presente “falarei”. Tais evidências empíricas apontam a tendência da forma inovadora (*ir* + infinitivo) de substituir a forma canônica (futuro sintético) na fala manauara”.

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tem-se a dissertação de Shanay Freire Bercot-Rodrigues de 2014, com o título *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. O objetivo da pesquisa era a investigação da “ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das demais consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, h̥] na fala manauara”, sob a ótica da Dialectologia, da Sociolinguística Variacionista e da Fonologia Natural. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas com 24 informantes, buscando verificar a possível influência de fatores extralinguísticos na escolha das variantes pelos informantes. Os resultados mostraram que: “a) linguisticamente, apenas a consoante [f] não foi substituída na fala de nenhum dos informantes, enquanto todas as outras foram substituídas com maior ou menor frequência, sendo [s] e [ʃ] (castigo [kahtigo] e poste [pohtsi]) as mais substituídas; b) extralinguisticamente (*sic*), o fenômeno ocorreu mais na fala dos homens do que na das mulheres, mais na terceira faixa etária do que na primeira e na segunda, respectivamente, e mais entre os informantes do primeiro nível de escolaridade do que nos do segundo”.

Publicado na revista *Inter Disciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, está o artigo *Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar manauara: um estudo do panorama da variação pronominal do português do Brasil*, produzido por S. Martins e V. Martins em 2014. Os pesquisadores descrevem que analisaram “o processo de seleção de uso dos pronomes de 2ª pessoa na fala dos manauaras, descrevendo os fatores linguísticos e sociais que condicionam essa alternância”. Realizaram “40 inquéritos, considerando como possíveis condicionantes faixa etária, gênero, grau de escolaridade e tipos de registro”. O estudo emprega como referencial teórico a Teoria da Variação e Mudança Linguística e da Sociolinguística Interacional e seus resultados os levaram à seguinte conclusão: “o termo *você* é o mais frequente em situações de fala formal e de relações assimétricas, fato que se diferencia de outras regiões do país, em que *você* é o pronome da

informalidade e das relações simétricas. O *tu*, no dialeto manauara, está mais restrito aos contextos de informalidade e de simetria entre ouvinte e animador”.

Apresenta-se também o artigo (no prelo) de J. Araújo em coautoria com S. Martins, com o título *A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara*, com resumo apresentado no Congresso Internacional da ABRALIN, realizado no ano de 2015. Como se verifica no título, essa pesquisa faz parte dos recentes trabalhos que se inseriram no FAMAC que tratam da escrita. Nesse artigo, as autoras utilizam como *corpus* três periódicos da cidade e, como referencial teórico, a Sociolinguística e um dos princípios do Funcionalismo: a gramaticalização. Os primeiros resultados revelaram que “a perífrase está presente na escrita jornalística, porém não supera a realização da forma sintética. E, o percentual de ocorrência do futuro composto varia de acordo com a classe social a que o periódico se dirige” (p. 270).

O trabalho de conclusão de curso de P. Ribeiro (2015): “A variação da expressão de futuridade na fala manauara” analisa a expressão de futuridade, levando em consideração os contextos linguísticos e socioculturais. O trabalho visava entender como os falantes usam determinados recursos linguísticos para escolher uma forma linguística em detrimento de outra(s). A base teórica foi a Sociolinguística Variacionista e a Teoria Funcionalista, destacando a gramaticalização. Os *corpora* utilizados neste trabalho pertencem ao banco de dados do projeto FAMAC. Os resultados confirmaram a grande aceitabilidade dos falantes das três faixas etárias e de falantes com e sem nível de ensino superior na seleção da perífrase de futuro. Uma discreta diferença quanto ao fator gênero/sexo, apontou que as mulheres são as que mais selecionam a perífrase (p. 5 e 22).

Na pesquisa de N. Barros (2015): “A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do irrealis na fala manauara” foi investigada a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, como forma inovadora de expressão do futuro do pretérito, em suas ocorrências nas formas sintéticas (comprava) e perifrásticas (ia comprar), na expressão de informação no âmbito do irrealis, na fala manauara. Com base nesses princípios, foram analisados os fatores linguísticos tipo de texto e paralelismo e os extralinguísticos: gênero/sexo, faixa etária e escolaridade na seleção da variável. Como resultado, em referência aos aspectos linguísticos, comprovou-se que os textos narrativos favorecem a ocorrência do pretérito imperfeito, com 72% de frequência; por contra, o fator paralelismo inibe esse emprego, com um índice de 47,92%. Como fatores extralinguísticos condicionadores do uso do pretérito imperfeito foram selecionados os fatores gênero feminino, primeira faixa etária e baixa escolaridade.

Como se pode observar, muitos são os fenômenos analisados a partir da fala manauara e cada vez mais os estudos estão relacionados à expressão de futuridade no falar e na escrita ainda se configura de forma singular, contudo expressiva.

Neste capítulo, buscou-se mostrar os aspectos socioculturais, sobretudo relacionados às origens da população manauara, que se deram através da migração e da imigração. Também foi apontado o trajeto da imprensa na história manauara, juntamente com a apresentação da fundação de cada jornal utilizado para a coleta de dados. E, o último tópico revela as tendências da pesquisa Sociolinguística sobre a fala manauara, elucidando principalmente os trabalhos vinculados ao Projeto FAMAC.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica orienta-se no Sociofuncionalismo, que é uma abordagem dada por trazer em sua configuração postulados de duas outras teorias: Sociolinguística e Funcionalismo Linguístico. Para que se tenham claros os pressupostos de cada uma destas teorias que constituíram a fundamentação teórica de base deste estudo. A composição deste capítulo se inicia com os pressupostos da Sociolinguística (Teoria da Variação e Mudança – TVM)⁷ e, em seguida, tem-se a teoria Funcionalismo Linguístico, com a descrição do princípio funcionalista empregado nesta análise: a gramaticalização. Por fim, as premissas do Sociofuncionalismo, fundamentadas nos estudos de Tavares (2003).

Também neste capítulo demonstra-se a trajetória da expressão de futuridade desde o latim até a atualidade, iniciando pela história de sua variação e mudança no português do Brasil. Em seguida, aborda-se sua ocorrência dentro da língua latina, apresentando um panorama de como o futuro sintético e o futuro perifrástico se revezam ao longo dos tempos. Finaliza-se este capítulo com uma exposição dos fatores que favorecem e inibem a utilização da perífrase.

2.1. SOCIOLINGUÍSTICA: A CIÊNCIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

A língua tem seu uso em constante modificação, sendo considerada heterogênea. Existe uma ciência linguística que verifica essa heterogeneidade de forma estruturada, trabalhando não apenas com sua estrutura, mas com contextos sociais em que a fala ocorre.

Segundo Calvet (2012), para se entender a heterogeneidade da língua pesquisada, através de um estudo sociolinguístico, é necessário mencionar um dos discípulos de Saussure: Meillet (1948) que ao afirmar, em seu artigo “*Comment les mots changent de sens*” [Como as palavras mudam de sentido], que separar a variação linguística das condições externas a que ela pertence é torná-la uma abstração, ele se distancia dos pressupostos de seu mestre, e posteriormente, em seus textos, apontará que a língua tem um caráter social, definindo-a como um fato social.

A evidente divergência entre pontos de vista acerca da língua não finda neste artigo. Meillet, permanece em contradição a Saussure, pois associa fatos internos e externos da

⁷ Embora essa teoria possa ser identificada por Sociolinguística e por Teoria da Variação e da Mudança ou sua sigla TVM, nessa pesquisa ela será identificada por Sociolinguística.

língua, confirmando que a língua é ao mesmo tempo um fato social e um sistema que tudo contém (CALVET, 2002). Estabelecendo uma contradição à teoria saussuriana que trata estes elementos descritos acima como dicotomias.

Há, portanto, uma movimentação acadêmica acerca desta “teoria” emergente. E, William Bright organiza e divulga os estudos, os teóricos e quem estivesse envolvido com os estudos acerca da Sociolinguística em um evento, que ocorreu em 1964 em um Congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), oficializando a Teoria Sociolinguística.

Bright, linguista americano reconhecido por sua pesquisa em Karuk (uma língua do nativo americano do Noroeste da Califórnia), considera a Sociolinguística de difícil definição e, em seus estudos, propõe que ela tem dimensões e, que em cada interseção ocorrida entre tais dimensões, encontra-se um objeto de estudo. Com esta premissa, Bright sugere um questionamento: quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística? E sua resposta vem com três fatores os quais ele considera de maior importância: 1) a identidade social do falante; 2) a identidade social do destinatário e; 3) contexto. (CALVET, 2002)

Dentre os participantes deste congresso estava William Labov, considerado o precursor da Sociolinguística, o qual concorda com Meillet e sua definição de que a língua é um fato social, porém, diferentemente de Meillet, que aprofundou sua pesquisa principalmente em um *corpus* composto de línguas mortas, Labov trabalha constantemente com situações de uso contemporâneos e concretos da língua. Seu trabalho, que investiga a estratificação do /r/ nas lojas de departamento em Nova York, foi um marco para os estudos sociolinguísticos, pois observa a estrutura e a evolução da linguagem dentro da comunidade linguística. A partir dele foi estabelecida a Teoria da Variação e Mudança.

Na obra *Introdução à Linguística*, organizada por Mussalim e Bentes (2012), tem-se, no capítulo 1 – Sociolinguística – elaborado por Alkmim, uma breve descrição:

[...] o autor [Labov] relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto nos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. (p. 32)

A Sociolinguística, portanto, se configura como a teoria da variação e mudança, responsável por verificar como ocorrem os processos de variação nas línguas. Esta abordagem leva em consideração para estudo da língua não só sua estrutura interna, mas também fatores

externos que estão relacionados aos falantes, observando aspectos sociais e culturais envolvidos no momento da produção de fala. Uma vez que para esta abordagem o objeto de estudo seja o vernáculo, assim, faz-se necessário que as observações sejam feitas em situações espontâneas de uso da língua por seus falantes.

Dentro desta perspectiva, a Sociolinguística busca, em seus estudos, verificar, identificar e avaliar como os fatores linguísticos como extensão fonológica, paradigma verbal, etc. e os extralinguísticos como escolaridade, faixa etária, etc. influenciam ou não na realização do vernáculo pelos falantes. Para tais análises dos fenômenos envolvidos nos processos de variação e mudança, Weinreich, Labov e Herzog (1968), elencam cinco dimensões a serem observadas:

- 1) Os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2) O encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3) A avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4) A transição, momento em que há mudanças intermediárias;
- 5) A implementação da mudança. (p. 55-188)

Verifica-se que, em um estudo sociolinguista, os fatores sociais e linguísticos devem ser analisados. Portanto, na presente pesquisa ponderou-se importante verificar ambos os fatores, sendo os linguísticos relacionados ao verbo, ao sujeito e ao discurso e os extralinguísticos relacionados às classes sociais dos periódicos e às seções internas, analisando as mudanças do sistema linguístico e social. Também se avalia os efeitos dessa mudança sobre a escrita jornalística manauara, apontando os momentos de transição e implementação dessas mudanças.

Em Martelotta (2011), é possível observar que “[...] a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos (p. 141)”. Assim, fica claro que embora haja mudança e variação na linguagem estas não ocorrem de forma livre e aleatória, mas sim a partir de fatores motivacionais externos à estrutura da língua.

Em uma comunidade de fala não se encontrarão todos os falantes utilizando as mesmas expressões idiomáticas. Se apenas dois deles estiverem em um diálogo, ainda assim não ocorrerão as mesmas expressões, nem mesmo um único falante repetirá em sua oratória os mesmos termos utilizados em falas anteriores. Para cada momento de comunicação haverá diversidade no emprego da linguagem, porque existe o contexto discursivo e ele é quem

determinará se o comportamento linguístico do falante deve ser formal ou informal. Dessa forma, a Sociolinguística também verifica as variações existentes nas expressões verbais e determina quais fatores sociais e linguísticos implicaram a realização de tais expressões. Em Mussalim e Bentes (2012), tem-se que:

[...] com base nos postulados da Sociolinguística, que, se um falante enuncia o verbo “levaram” como “levaru”, e outro falante como “levarum”, ou, alternativamente, se um mesmo falante usa ora “levarum, ora “levaru”, essa variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente. (p. 54)

Contudo, não se deve inclinar ao equívoco de que, quando estas situações ocorrem, determina-se que a fala é caótica. Pelo contrário, a partir dos parâmetros da Sociolinguística, identificam-se estes fenômenos linguísticos como variações possíveis ao sistema gramatical, as quais são definidas como *variação, variáveis e variantes* linguísticas. O *corpus* desse estudo será utilizado para esta explanação.

A expressão de futuridade no Brasil tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos. Algumas vezes os falantes seguem a forma indicada pela Gramática Normativa e, em outras, utilizam-se de modelos não convencionais para expressar o futuro, que se estabelece como a *variável*. A *variação* são as formas pelas quais se podem expressar a *variável* (futuro) e a essas formas chamam de *variantes* que, e no caso deste trabalho, são as formas sintéticas e as perifrásticas empregadas para indicar o futuro, as quais concorrem entre si. Cita-se o exemplo de Tarallo (2007):

Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural SN. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas, adversárias do campo de batalha da variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/, e a variante (2), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero”. (p. 8)

Esse fenômeno não ocorre de forma aleatória. Como supramencionado, antes existem fatores que podem caucionar determinadas formas. Assim, também se faz necessário comentar esses fatores. Eles podem ser divididos de duas formas: fatores linguísticos que estão relacionados a características estruturais da língua, e fatores extralinguísticos, que estão associados a elementos sociais e culturais. A partir de alguns estudos, como Oliveira (2006), Oliveira e Almeida (2012), Torres (2009), Andrade (2012) descobriu-se que os fatores linguísticos que podem promover a realização da perífrase estão associados à quantidade de sílabas do verbo, à conjugação, à presença/ausência de expressões de futuridade fora do

verbo, à regularidade ou irregularidade, à transição verbal, entre outros. E, como fatores extralinguísticos, temos as variações diafásicas, diatópicas e a diastráticas.

E, para que esta análise seja contundente, creditada, é importante que se recolham números consideráveis de amostra do que se pretende verificar como variação/mudança linguística dentro de um determinado contexto e comunidade. Nesta pesquisa, verifica-se a realização do futuro sintético em concorrência com o futuro perifrástico, foram escolhidos três periódicos da cidade, como mencionado na introdução, cada um tendo uma classe social específica e diferenciada de leitores. Os dados foram coletados das seções de jornais, que são comuns aos três: política, esportes, cidades, economia e cultura, em conformidade com o que é detalhado no capítulo da metodologia.

2.2. A LÍNGUA FUNCIONA? FUNCIONALISMO!

O Funcionalismo tem como objetivo a investigação da relação entre a forma e a função no uso da língua, verificando as capacidades linguísticas e comunicativas, isto é, a competência do falante em adequar a língua ao seu uso nos diversos contextos de produção. Assim, a teoria funcionalista interpreta a língua como uma ferramenta utilizada pelo falante em sua interação social.

A premissa acima faz dessa teoria uma investigadora das relações existentes entre linguagem e sociedade. Segundo Cunha (2011), o interesse da teoria Funcionalista:

Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. (p. 157)

Portanto, em uma análise de cunho funcionalista é observado tudo o que envolve a comunicação, como a intenção da fala, os interlocutores, o contexto do discurso e a influência extralinguística desta interação comunicacional. Como supramencionado, o Funcionalismo tem por foco analisar a língua a partir do seu uso e, para tanto, em suas pesquisas, estuda a relação existente entre a estrutura interna da língua (gramática) e a forma como ela é usada (contextos comunicativos). Os textos e os enunciados são associados às suas respectivas funções, desempenhadas na comunicação interpessoal.

[...] o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se por duas propostas básicas:

- a) A língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si;
- b) As funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. (CUNHA, 2011, p. 158)

Com a proposição de Cunha, entende-se que uma análise linguística que se baseia em um modelo funcionalista caracterizar-se-á por dizer que não só existem funções externas à língua, como também, que essas funções irão influenciar na organização interna do sistema linguístico.

A corrente funcionalista encontra-se dividida em Funcionalismo Europeu que teve sua origem no Círculo Linguístico de Praga, em 1926, época em que se evidenciava a oposição acerca das dicotomias de Saussure, principalmente sincronia e diacronia. Dentre os teóricos desse movimento se destacam Jakobson com a marcação fonológica e Trubetzkoy com a função distintiva fonológica. Já na Escola de Londres, surgida na década de 70, verifica-se os estudos de Halliday sobre enunciados, textos e unidades de estrutura e de Dik com a sintaxe funcional. O Funcionalismo Norte Americano foi representado por Boas, Sapir e Whorf, que eram opositoristas com relação aos pressupostos do formalismo, Bolinger que incluiu os fatores pragmáticos e Givón que busca explicação de fatos gramaticais.

E, por sua vez, temos o Funcionalismo no Brasil, entre os teóricos estão Votre, Martellota, Cunha, Neves, Tavares e Gorski. Iniciando nos anos 80, os funcionalistas brasileiros se propõe a uma pesquisa que utiliza fatores de natureza comunicativa e cognitiva para explicar fenômenos morfossintáticos. Projetos importantes destacam-se nessa área como o NURC (Norma Urbana Culta – UFRJ) e PEUL (Programa de estudos sobre o uso da língua – UFRJ).

Alguns princípios e categorias são primordiais para essa teoria e seus estudos, a saber: *informatividade*, que é um princípio que verifica o conhecimento compartilhado ou supostamente compartilhado entre interlocutores; *iconicidade*, que trata da relação entre a expressão e o conteúdo, é o princípio da correlação natural e motivada existente entre o código linguístico (expressão) e o seu significado (conteúdo); *marcação*, que apresenta contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística; *transitividade e plano discursivo*, que focalizam a propriedade de transferir a ação de um agente para um paciente em diversos momentos da oração e, por fim, a gramaticalização, que denomina a mudança de categoria, isto é, um item lexical pode passar a assumir um papel gramatical ou uma construção gramatical pode tornar-se mais gramatical (CUNHA, 2011). Este último princípio

funcionalista recebe realce nessa pesquisa, uma vez que o processo que ocorre com o verbo que compõe a perífrase que se investiga é exatamente a gramaticalização.

A gramaticalização neste estudo é relevante por compor a teoria base: o Sociofuncionalismo e porque explica o fenômeno que ocorre com o verbo *ir* investigado dentro da perífrase.

2.2.1. De principal a auxiliar: a gramaticalização do verbo *ir*

Para abordar esta temática, o planejamento foi traçar um breve histórico do processo de gramaticalização do verbo *ir* no português do Brasil. A gramaticalização aponta para um processo de mudança. Assim, far-se-ão referências a fatores que promovem a mudança linguística.

As pessoas podem expressar ações, processos e estados por meio de verbos, que exprimem significados relativos às suas culturas, costumes e sua visão de mundo. Através dos tempos, as línguas e culturas mudam e, desta maneira, modificam, adaptam, sistematizam e gramaticalizam essas formas verbais. Contudo, realça-se que “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007).

Ainda que a mudança seja muitas vezes imperceptível ao indivíduo, a língua varia e muda ao longo dos tempos. Ao nascer, o indivíduo já encontra uma língua pronta, aquela que é falada por sua comunidade e que ele aprenderá espontaneamente. Todavia, as mudanças linguísticas podem gerar, dialetos e línguas distintas, como as línguas neolatinas, filiadas ao latim.

Quando se iniciam novos usos na língua, a primeira característica é a ambiguidade, pois ainda estando em vigor o uso anterior, realizam-se concomitantemente dois usos, até que, ocorra a repetição e, à medida que a repetição se fortalece, o novo uso se estabelece, tornando-se visível ao falante. Depois disso, são verificadas as diferenças de significado que Votre (1996) aponta que não poderem ser previstas a partir da estrutura interna da língua, mas sim através dos acontecimentos externos, isto é, das relações discursivas provenientes do contexto de uso e da situação de uso podendo ocorrer diversos processos de transformação como a repetição, o apagamento ou a pronominalização.

Com efeito, quando estes processos ocorrem, alguns itens lexicais podem passar a exercer funções gramaticais e alguns itens gramaticais podem se tornar mais gramaticais, o que é explicado pela teoria do Paradigma da Gramaticalização. Para Votre (1996), os estudos desenvolvidos nesta teoria apresentam propostas baseadas no *Princípio da Iconicidade*, que é

a correlação natural e motivada entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo), postulando a unidirecionalidade da mudança no sentido da abstratização progressiva do significado. Por exemplo, palavras que representam partes do corpo (braço), passam a identificar objetos (*braço da cadeira*) ou qualificações (*Ele é meu braço direito*).

Nos primeiros estágios de mudança linguística são observadas algumas propostas de como se desencadeiam tais acontecimentos e, dentre elas, Traugott (1991) propõe o *Deslizamento Semântico*, que se define como desencadeador do processo de mudança linguística, que é fortemente empregado nas análises linguísticas realizadas pelo Grupo de Estudos, Discurso & Gramática, em funcionamento no Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ. E, Heine (1991) que aponta a mudança linguística é um processo metafórico e este tem como fonte natural partes do corpo humano, isto é, os objetos são projetados à imagem e semelhança do corpo humano, por exemplo: *O pé da mesa quebrou*.

A partir deste conceito, há associação de antigos significados a novos significados, que parte da noção de espaço, sendo possível que também passe pela noção de tempo, fluindo para uma categoria mais abstrata de texto (VOTRE, 1996 p. 18). Observe:

O exemplo seguinte mostra novos usos, mais abstratos, associados aos usos originais das velhas formas *mão*, *roda* e *ferro*:

- a. Teu sistema é uma ***mão na roda*** em minha firma.
- b. Ele dirige sua empresa com ***mão de ferro***

Mão na roda e ***mão de ferro*** representam dois casos de transferência metafórica bastante transparente, no sentido de que podemos prontamente recuperar a motivação da transferência e dar conta da comunicação indireta. Assim, interpretamos com relativa segurança a idéia (*sic*) de ajuda, em ***mão na roda***, e de disciplina, em ***mão de ferro*** (VOTRE, 1996 p. 18).

Essas duas propostas que explicam a mudança linguística, isto é, o *Processo Metafórico* e o *Deslizamento Semântico*, acabam por ser, de certa forma, paralelas, pelo fato de que para Traugott (1991), um dos motivos que desencadeia o deslizamento semântico é justamente o processo de transferência metafórica.

Votre (1996) destaca que essa semelhança pode se tornar um princípio universal de mudança linguística.

Essa semelhança pode representar, em inúmeros aspectos, um vínculo entre os dois significados. A título exploratório, passo a listar o que me parece serem os vínculos mais comuns entre o significado original e o novo significado, dele derivado:

- Semelhança de cor: *deu um branco*
- Semelhança de formato: *é um cara chato*
- Semelhança de função: *é uma mão na roda*
- Semelhança de matéria constituinte: *é um cara de pau*

- Semelhança de som: *é uma diferença gritante*
- Semelhança de combinação de diferentes aspectos mencionados: *tremeu na base* (VOTRE, 1996, p.19)

Conclui-se que a mudança do significado original para o novo significado ocorrerá de forma automática e menos transparentes para cada item da língua. Relacionando ao estudo do futuro perifrástico na escrita, a mudança do verbo *ir* de principal (significado original) para auxiliar nas perífrases (significado novo) ocorre da mesma forma.

Votre (1996) elenca alguns sinais que representam os estágios finais da mudança que são denominados de discursivização e suas características foram assim divididas: a) os mecanismos de uso serão mais automáticos e menos transparentes; b) os itens passam a perder suas restrições de ocorrência; c) os itens começam a ocorrer em outros contextos que não aqueles que lhes eram originalmente postos como regulares e previstos no sistema da língua; d) os itens passam a significar coisas mais genéricas, mais vagas e menos específicas.

Hopper (1991) formulou um conjunto de princípios, o qual chamou de *Gramaticização*, que tinha por objetivo abordar os processos de estabilização sintática e semântica das formas em suas entradas na gramática. Contudo, observa-se que esta estabilização não é tão precisa assim: “é relativa e aparente, uma vez que, nos próprios termos de Hopper, ou a gramática não existe, ou está sempre emergindo” (p. 21).

A gramaticalização, portanto, trata dos processos cujos itens lexicais tornam-se gramaticais e que construções gramaticais passam a ser mais gramaticais, ou seja, eles passam a assumir funções diferentes de suas funções originais especificadas pela estrutura da língua, mais ligadas à organização do discurso ou às estratégias comunicativas. Já a discursivização induz o item a admitir a função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda de linearidade (MARTELOTTA *et al.*, 1996). Para exemplificar, transformou-se o texto no esquema ilustrado pelo quadro 2:

Quadro 2 – Gramaticalização x Discursivização

Mais gramatical ↓	Menos gramatical ↓
Uso mais previsível ↓	- Perde as restrições gramaticais típicas do seu uso original; - Aumenta as possibilidades de colocação. ↓
GRAMATICALIZAÇÃO	DISCURSIVIZAÇÃO

Fonte: MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 24.

Os itens lexicais são elementos que referenciam dados pertencentes ao universo biossocial, denominando entidades, ações e qualidades. Em contrapartida, os itens gramaticais são os responsáveis pela organização dos itens do léxico no discurso, ligando partes de um texto, identificando partes já mencionadas, marcando estratégias de interação e expressando noções gramaticais como tempo, aspecto e modo⁸.

Identificam-se quais os tipos de fenômenos de mudança linguística dentro da gramaticalização, pois é neste tópico onde o processo de gramaticalização do verbo *ir* é detalhado. Em Martelotta *et al.* (1996), tem-se a descrição das seguintes trajetórias que se envolvem nos processos de mudança através da gramaticalização:

- a) Trajetória do elemento linguístico do léxico à gramática: passagem de verbo pleno a verbo auxiliar – **Ir (verbo de movimento) que passa a designar futuro como auxiliar** [grifo nosso];
- b) Trajetória de vocábulo a morfema que ocorre, por exemplo, com a passagem *amar hei > amarei* e *tranquila + mente > tranquilamente*;
- c) Trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical para mais gramatical: *seja > seje / menos > menos* (influência da analogia);
- d) Trajetória de elemento linguístico de mais referencial para menos referencial: logo (advérbio) > logo (conjunção);
- e) Trajetória que leva uma construção sintática a expressar função gramatical (verbo-sujeito);
- f) Trajetória dos processos de repetição do discurso no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática;
- g) A trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas. (p. 25)

Conforme grifado, o item **a** é foco desta pesquisa, representando o tipo de mudança linguística que ocorre com o verbo *ir*. Esta trajetória explica que o verbo *ir* como verbo pleno/principal é considerado um elemento lexical e, durante o processo de mudança, ele sofre uma passagem deste estado de pleno para assumir um papel de verbo auxiliar. Este fato ocorre justamente quando este verbo abandona a conotação de movimento e passa a ser utilizado para indicar tempo futuro. Neste estudo trata-se deste assunto: a gramaticalização do verbo *ir* que passa de elemento linguístico lexical, como verbo principal, e passa a representar um verbo auxiliar em expressões de futuridade designadas por perífrases.

Cezario *et al.* (1996) aponta que a integração entre cláusulas para que haja gramaticalização possui uma gradação que pode ser total (*estou entendendo*), parcial (*quero*

⁸ Essa temática é pertinente a estudos que pesquisem quaisquer variação e mudança relacionadas ao verbo. Contudo, nessa pesquisa, o objetivo é verificar, principalmente a frequência de uso e os fatores inibidores e produtivos da perífrase na escrita jornalística manauara.

sair) e *fracá* (*ele disse que saíra*), *separar-se-á* a *parcial* para designar a *perífrase* nesta análise. Os autores explicitam ainda algumas classificações verbais postuladas por Givón as quais são: a) proposicionais (cognitivos) que demonstram julgamento de ordem intelectual sobre um fato (achar, pensar, saber); b) emotivos (manipulativos) exprimem julgamento de ordem pessoal (querer, deixar, desejar); c) efetivos são os que efetuam o processo contido no verbo principal, sendo conhecidos como auxiliares *lato sensu* (estar, ficar, poder) e, por sua vez, os efetivos são subdivididos em grupo A: com a estrutura VERBO + COMPLEMENTO (pode sair), e grupo B: com a estrutura VERBO + ADJUNTO (estou saindo/vou sair). O propósito de expor tais classificações era para que se chegasse a primeira definição do verbo em estudo que assim foi designado: *verbo efetivo com adjunto oracional*.

Os autores chegaram à conclusão de que a gramaticalização ocorre com maior frequência nos verbos efetivos e que estes possuem uma subclassificação quando funcionam como auxiliares: habilitativo (poder); obrigação (ter que, precisar, dever); êxito (conseguir); progressivo (continuar, viver, vir, estar, ir (todos seguidos de gerúndio)); reiterativo (voltar a); inceptivo (ir, vir, começar (todos seguidos de verbos no infinitivo)); perceptivo (ter, haver, ser (todos seguidos de participio)); eventualidade (poder). Nesse segundo momento, ampliou-se a definição do verbo *ir*, dentro da pesquisa, passando a ser *efetivo com adjunto oracional e inceptivo*.

Os verbos efetivos mais frequentes (*sic*) são os progressivos e os inceptivos. Apresentaremos aqui apenas a trajetória de gramaticalização dos verbos *ir* e *vir* (ambos progressivos e inceptivos) e *estar* (progressivo), que acreditamos serem decorrentes também de um processo de encaixamento.

Verbos progressivos são os que apresentam o processo verbal em movimento, em progressão (como em 35: Perdi a direção do carro...e *fui raspando* o carro pelo paredão assim (Daniel)) e os verbos inceptivos são aqui concebidos como os que iniciam um processo que se projeta para o futuro (como em 36: Eu *vou ler* o texto (Érica)). (CEZARIO *et al.*, 1996, p. 53)

Desse modo, o verbo *ir*, quando empregado como auxiliar nas *perífrases* que expressam futuramente, sofre um processo de gramaticalização, pois se move de uma categoria lexical a uma categoria gramatical.

2.3. UMA SOCIAL E UMA FUNCIONAL: SOCIOFUNCIONALISMO

Atualmente, há uma nova tendência na abordagem teórico-metodológica no âmbito das pesquisas variacionistas. Esta nova tendência se deve ao fato de que fenômenos semântico-discursivos estão ganhando espaço no campo das análises da Teoria da Variação e

Mudança que, outrora, tinha variáveis relacionadas apenas a fenômenos morfossintáticos como objeto de seus estudos.

Esta perspectiva combina pressupostos da Teoria Funcionalista norte-americana, mais especificamente no que concerne ao processo de gramaticalização, com pressupostos da Sociolinguística, assumindo, assim, uma nomenclatura compatível, isto é, Sociofuncionalismo⁹.

A partir dos anos 90, muitos foram os trabalhos que passaram a teorizar suas análises pela visão sociofuncionalista, como Roncarati (1996, 1997), Snichelotto (2009), Torres (2009, 2012), May (2010), dentre outros. Entre as pesquisas de cunho sociofuncionalista, destaca-se Tavares (2003) em sua tese intitulada: “A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista”, onde a autora apresenta uma lista integral de postulados similares da Sociolinguística e do Funcionalismo, bem como uma discussão epistemológica tratando o *locus* do Sociofuncionalismo na pesquisa linguística. E Tavares e Görski (2013) em um capítulo de livro (em avaliação) intitulado de “Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista”, onde também são abordados postulados de ambas as teorias que são de difícil convergência ou divergentes (Görski e Tavares, 2013). Portanto, a abordagem relacionada ao Sociofuncionalismo nesta pesquisa se dará a partir destes trabalhos supracitados.

O Sociofuncionalismo foi gerado a partir do hibridismo de duas outras teorias, portanto seus princípios formaram-se da convergência de outros. Apresenta-se, a partir de Tavares (2010) a síntese dos princípios teóricos desta abordagem que são:

- (i) o objeto de estudo é a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança;
- (ii) os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem;
- (iii) fenômenos de variação e de mudança podem ser atestados através de tratamento empírico com quantificação estatística. (p. 3)

A língua em uso possui uma heterogeneidade que propicia eventos de mudança tanto na percepção da Sociolinguística quanto do Funcionalismo. Logo, a partir dessa primícia, pode-se concluir que a língua não é estática, como prevista pela dicotomia saussuriana,

⁹ O termo “Sociofuncionalismo” surgiu no PEUL/UFRJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua/Universidade Federal do Rio de Janeiro), nos estudos que buscavam agregar pressupostos da sociolinguística e do funcionalismo com o objetivo de analisar tendências de uso variável como sendo reflexo da organização do processo comunicativo (NEVES, 1999).

sofrendo assim alterações que propiciam as variações e as mudanças linguísticas. Tais mudanças, segundo Labov (2008), ocorrem em um processo gradual e contínuo e, para que se tenha uma análise mais completa, é necessária uma coleta diacrônica e sincrônica de dados. Este tópico é detalhado em 2.4, no qual se descreve o futuro perifrástico no português de hoje, visto como uma forma inovadora no quesito expressão de futuridade, outrora fora padrão no latim, e dera origem à forma sintética de indicação do futuro no português, que é tradicionalmente vista como a forma padrão da língua.

Mais especificamente, infere-se que o princípio (i) é a base da Teoria Sociolinguística que, como visto no início deste capítulo, tem como objeto de estudo a fala em ambientes naturais de uso, verificando se há influências externas que farão o falante usar variantes distintas em determinadas situações de oralidade, já que o que determina a natureza heterogênea das línguas é justamente as diversas formas de comunicação existentes entre indivíduos de uma mesma comunidade ou não. Já para a Teoria Funcionalista o princípio (i) é observado a partir da interação social que é realizada através da linguagem e da heterogeneidade da língua, estando dentro dessa interação, dependerá de alguns fatores como a interação do falante, seu conhecimento cognitivo que diz respeito ao uso (pragmática) e a antecipação sobre a interpretação do ouvinte (PEZATTI, 2011, p. 197).

Tanto para as análises sociolinguísticas quanto para as análises funcionalistas (ii) é primordial para os procedimentos envolvidos como a coleta de dados, a observação da língua em uso e a verificação do funcionamento da língua. Sendo esse último particular ao Funcionalismo e é verificado através de algumas regras pragmáticas¹⁰.

Já os fatores linguísticos e extralinguísticos também convergem em interesse para ambas as teorias aqui tratadas. Os fatores de origem interacional, que para a Sociolinguística são representados na variação estilística, indicando a linguagem do falante no contexto do ato de fala, e, para o Funcionalismo, são as práticas discursivas e sociais, bem como pelo processo de gramaticalização. Este último também é um correlato para os postulados que compõe o Sociofuncionalismo. Para Labov (2010), a gramaticalização é uma fonte de explicação para as mudanças morfossintáticas e, para o Funcionalismo também, pois representa uma de suas vertentes teóricas.

Assim, no item (iii), dentro de uma análise sociolinguística e de uma funcionalista prima-se pelo tratamento empírico e quantitativo dos fenômenos de variação. O primeiro

¹⁰ Estas regras pragmáticas envolvidas na análise funcionalista estão descritas na seção 2.2. A LÍNGUA FUNCIONA? FUNCIONALISMO! (p. 32).

modelo de quantificação estatística foi proposto por Labov em 1969. Denominado de modelo¹¹ aditivo, postulava f_t como a soma dos fatores contextuais e sua média global era o ponto de referência para os fatores. Na análise funcionalista há a descrição de elementos como a relação de um texto com sua história, a estruturação linguística e sua articulação, estabelecimento de cada constituinte textual.

O Sociofuncionalismo contempla a variação linguística vista a partir da função discursiva, sendo analisada com base nos princípios funcionalistas. Ainda outros pressupostos das teorias de origem convergem nesta nova perspectiva sociofuncionalista.

E, em Tavares (2013), é apresentada uma lista com postulados semelhantes da Sociolinguística e do Funcionalismo e seus respectivos autores, contudo, a partir de uma visão didática, adaptou-se tal lista para um quadro.

No quadro 3 é possível observar a correspondência entre as teorias que orientam o Sociofuncionalismo, com destaque a seus teóricos e seus principais pressupostos que se compartilham.

Quadro 3 – Articulação teórica entre a Sociolinguística e o Funcionalismo Linguístico

Postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo	
a) Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança.	
S: Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]	F: Givón, 1995
b) A língua não é estática. Ao contrário, sofre alterações constantes.	
S: Guy, 1995	F: Givón, 1995, 2001; Hopper, 1987
c) O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual.	
S: Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]	F: Givón, 1995, 2001; Hopper; Traugott, 2003
d) Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis.	
S: Labov, 1994	F: Heine; Claudi; Hunnemeyer, 1991
e) Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas.	
S: Labov, 2008 [1972a]	F: Hopper; Traugott, 2003
f) A frequência das ocorrências recebe destaque. Na perspectiva funcionalista, a frequência é fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática, e, além disso, a difusão linguística e social da mudança pode ser captada através do aumento da frequência de uso em diferentes contextos ^a . Na perspectiva variacionista, o aumento de frequência é compreendido como índice de difusão Sociolinguística. Além do que as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas por meio de instrumental estatístico ^b .	
S: Labov, 2008[1972a] ^b	F: Bybee, 2010 ^a

¹¹ A descrição deste modelo e de outros está na seção 3.4. *GOLDVARB X: INSTRUMENTO DE ANÁLISE QUANTITATIVA* (p. 49).

g) Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua. A mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social etc. É comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso.	
S: Labov, 2008 [1972a]	F: Lichtenberk, 1991
h) Fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística. No âmbito da Sociolinguística, Labov (2008 [1972a]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. E no âmbito do Funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante.	
S: Labov (2008 [1972a])	F: Traugott (2002)
i) A gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas (cf. HARDER, BOYE, 2011). Para o Funcionalismo, vários casos de variação e mudança morfossintática podem ser explicados através desse processo. No âmbito da Sociolinguística, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática, e cita autores funcionalistas que vêm trabalhando nessa perspectiva.	
S: Labov (2010)	F: Bybee, 2010; Nevalainen; Palander-Collin, 2011; Hopper e Traugott (2003) e Haspelmath (2004)

Legenda: **S** - autores da Sociolinguística | **F** - autores do Funcionalismo

Fonte: Tavares (2013, p. 33-34).

A língua em uso, vista como prioridade para os estudos sociofuncionalistas, é foco nesta pesquisa. Objetiva-se verificar fenômenos ocorridos no formato escrito da língua que, por sua vez, está dentro do segmento de uso, abrigando a heterogeneidade, a variação e a mudança, uma vez que, a língua escrita é a representação de uma prática cognitiva e social. A escrita não é superior ou inferior a fala, pois reproduz, a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo (Marcuschi, 2008, p. 53). Portanto, o Sociofuncionalismo é uma proposta teórica que atende às perspectivas de realização desse estudo, no que se refere à coleta e análise de dados.

Todos os fenômenos que demonstram que a língua sofre alterações constantes, como se pode observar em trabalhos como o de Torres (2009) e Andrade (2012), confirmam a sua dinamicidade. Assim sendo, quando se trata da expressão de futuridade na escrita jornalística, também se busca mostrar tais alterações, através da utilização de formas verbais inovadoras, as quais destoam da língua padrão e corroboram com de que a língua não é estática. Assim, verifica-se no quadro 3, na letra c, que indica o fenômeno da mudança como um processo contínuo e gradual. Essa continuidade e gradação acerca do objeto de estudo desta pesquisa está descrita com mais detalhes no capítulo 2, na seção que trata da gramaticalização.

Uma pesquisa que tem por base o Sociofuncionalismo tem a opção de adquirir estimativas de mudança mais refinadas e confiáveis através de dados sincrônicos e

diacrônicos. Para obter essa qualidade foram selecionados jornais desde a década de 80 até 2014, resultando em uma análise mais precisa acerca o fenômeno estudado. Ainda nesta perspectiva temporal, o princípio do uniformitarismo prevê que as forças linguísticas e sociais que agem hoje, as quais englobam a variação e a mudança, são as mesmas que atuaram em épocas passadas. Essa perspectiva também é contemplada pelo fenômeno da perífrase que entre idas e vindas está na língua portuguesa desde o latim¹².

No item f do quadro 3 o fator que se apresenta nas duas teorias é a frequência. A importância da frequência se dá pelo fato de que ela determina se tal fenômeno que se pretende estudar tem um uso frequente o suficiente para que se torne relevante. O Funcionalismo observa que é através da frequência que a difusão linguística e social da mudança acontece. Já a Sociolinguística necessita desse elemento para realizar a comparação através dos programas estatísticos. Quando se optou por uma pesquisa sincrônica e diacrônica do fenômeno da perífrase na escrita, almejou-se exatamente verificar com exatidão a frequência dessa forma inovadora tanto linguisticamente quanto socialmente, bem como se haveria números suficientes para que se usasse o programa estatístico *GoldVarb X*.

As pesquisas sociofuncionalistas não deixam de observar os fatores contidos na descrição do item g (quadro 3) dentro da análise da mudança como região, geração, classe social, falantes jovens e mais velhos, etc. Obviamente, no caso desta pesquisa que se insere no campo escrito de uso da língua há uma adaptação desses fatores. Mas, ainda assim, verificam-se também elementos de cunho social como a classe social dos leitores, as seções internas dos periódicos e outros¹³.

A interação, por sua vez, é um elemento que representa adaptação para os sociolinguísticos e motivação para os funcionalistas no campo da prática discursiva. No âmbito desse trabalho, embora seja verificado apenas na escrita que não oferece uma interação real¹⁴ entre os interlocutores, pode-se verificar interação quando o autor da matéria traz para seu texto a forma inovadora, revelando assim sua prática interacional no discurso.

No último item do quadro 3 é observada a gramaticalização. Este pressuposto contemplado pelas teorias base, formadoras do Sociofuncionalismo, é de extrema importância para a explicação da mudança ocorrida com verbo *ir* dentro da expressão de futuridade realizada pela perífrase.

¹² Conforme descrito nas seções 2.5.1 e 2.5.2 do capítulo 2.

¹³ Para uma lista completa desses fatores, verificar a seção 3.3 do capítulo 3.

¹⁴ A não interação real no jornal impresso ocorre porque não há como o autor receber de imediato a reação do seu leitor.

Assim, nesta seção esboçou-se um quadro teórico-metodológico da teoria norteadora desta pesquisa. Teoria essa que, embora esteja em fase de construção, já é amplamente divulgada e utilizada por diversos pesquisadores, como os já citados, bem como, atualizada constantemente por sua idealizadora a Dra. Alice Tavares e sua equipe. E, pelo quadro exposto e todas as relações feitas com os elementos que compõem este estudo, considera-se que esta seja a teoria adequada para nortear a discussão da análise proposta.

2.4. A VARIAÇÃO E A MUDANÇA NA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL: DE ONDE VEIO E AONDE CHEGOU

Atualmente, a expressão de futuridade no Brasil é reconhecida como um fenômeno de variação, podendo ser expresso de diversas formas: presente do indicativo, quando o verbo vier acompanhado de expressões de futuro (Eu estudo **amanhã** para a prova.); futuro do presente do indicativo que é considerado futuro sintético ou simples (Nós estudaremos muito para o exame.) e futuro perifrástico que pode ser representado pelas seguintes formações de locuções: *ir* no presente + infinitivo (Eu vou estudar depois da aula.), *ir* no futuro + infinitivo (Nós iremos estudar juntos.), *haver* no presente + de + infinitivo (Hei de estudar com você.), *haver* no futuro + de + infinitivo (Haveremos de estudar com a turma.) e as perífrases gerundivas (Vou estar enviando sua correspondência em breve). E, neste capítulo, propõe-se a investigar a trajetória da expressão de futuridade no português desde o latim.

A teoria Sociolinguística, que tem como foco de seus estudos a variação linguística, evidenciou ao longo de seus estudos e pesquisas, que as línguas não são homogêneas e sim portadoras da heterogeneidade. A heterogeneidade é, por sua vez, a característica principal das línguas humanas e demonstra a riqueza semântica existente em cada uma delas.

Baseando-se nessa afirmação, pode-se declarar que a língua latina não é diferente e, portanto, é dotada desta característica também. Como prova disso, esta língua que fora oficial no Império Romano era dividida em latim clássico, reconhecido como uma língua literária e utilizada por pessoas escolarizadas e o latim vulgar que, por sua vez, era uma variedade do clássico e representava o idioma dos camponeses e dos menos instruídos.

Roma estava em franca expansão territorial. E, a cada vitória, seus soldados eram os responsáveis pela dominação do povo rendido, quando se impunham nessas áreas conquistadas, faziam prevalecer a língua romana falada por eles, isto é, o latim vulgar. Esse fato fez com que essa linguagem fosse disseminada em grande escala, tornando-a a mais difundida da época, ocasionando mudanças linguísticas.

Por conseguinte, do latim ao português, existiram dois caminhos: a via popular, provinda do latim vulgar, cujo étimo sofreu transformações ao longo dos séculos e, entre os fatores ocorridos no processo de mudança, percebeu-se a redução de caracteres das palavras; e, o segundo, a via erudita, provinda do latim clássico, cujo étimo manteve boa parte da composição do latim. O quadro 4 traz o exemplo:

Quadro 4 – Processo de mudança do étimo

Macula	→	Mácula	→	Mágoa
Étimo		Via erudita		Via popular

O tempo verbal futuro também sofreu um processo evolutivo em sua trajetória do latim (de onde veio) ao português (aonde chegou), uma vez passou por essa divisão: clássico x vulgar. Conforme Câmara (1985), a composição clássica do latim, encontra-se a forma sintética que pode ocorrer com as desinências *-bo* (*amabo*) e *-am* (*amabam*). Já na composição do latim vulgar, observa-se a realização da forma analítica, cuja constituição é feita pelo infinitivo do verbo principal e o indicativo do verbo *habere* (*amare habeo*).

A partir de inúmeras modificações morfológicas, a forma analítica do latim passa para o português como forma padrão, conforme se verifica no quadro 5:

Quadro 5 – A forma analítica do futuro

latim	↓	português	↓
Studeo		Vou estudar	
Studere habeo		Estudarei	

O quadro 5 mostra que hoje, divergindo à estrutura padrão e retomando o latim, obtém-se novamente uma forma composta que, por sua vez, é constituída pelo verbo *ir* como auxiliar.

No sistema verbal latino os tempos verbais eram divididos em dois grupos: *Infectum* ou inacabado, que expressa um acontecimento ocorrido no presente, no pretérito ou no futuro, os quais se subdividiam nos seguintes tempos e modos – Presente do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Futuro do Presente do Indicativo, Presente do Subjuntivo, Pretérito Imperfeito do Subjuntivo e Imperativo; e *Perfectum* ou concluído, composto pelos tempos e verbos – Pretérito Perfeito do Indicativo, Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo, Futuro

Perfeito do Indicativo, Pretérito Perfeito do Subjuntivo e Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo.

Sobre a conjugação, infere-se que, com exceção do verbo *ser*, todos os verbos da língua latina pertenciam a uma de suas quatro conjugações: a primeira agrupa verbos terminados em *-àre* (*amàre*); a segunda agrupa verbos terminados em *-ère* (*implère*); a terceira os verbos terminados em *-ere* (*incìpere*); e a quarta verbos com terminação em *ire* (*sentìre*). Para a formação do futuro existiam duas desinências aceitáveis: uma para os verbos de primeira e segunda conjugação (*-bo/-bi*) e outra para os verbos de terceira e quarta conjugação (*-am/-e*).

A partir da variação latina que se efetivou no galego-português e, em seguida nomeado de português arcaico, é que surgirá a Língua Portuguesa. Uma das mudanças ocorridas do latim para o português, dentro desse processo, foi que o futuro do presente, cuja forma *a priori* era perifrástica, ou seja, verbo no infinitivo + o presente do indicativo do auxiliar *habere*, torna-se uma forma reduzida e tem suas primeiras aparições em composições intitulas de Cancioneiro. Observe-se a seguir uma Cantiga de Amor de Fernão Gonçalves de Seabra¹⁵ (VASCONCELOS, 1904):

A mia senhor atanto lhe **farei**:
quero-lh'eu já sofrer tod'outro mal
que me faça; pero **direi**-vos al:
de pram, a questo lhe nom **sofrerei**:
d'eu estar muito que a nom veja!

Sofrer quero de nunca lhe dizer
qual bem lhe quero no meu coraçom,
pero m'é grave, se Deus me perdom!
Mais, de pram, esto nom posso sofrer:
d'eu estar muito que a nom veja!

E **sofrer-lh'-ei** quanta coita me dá,
e quant'afã outro mi haver fazer,
e ela faça i como quiser;
mas, de pram, esto nom **sofrerei** já:
d'eu estar muito que a nom veja!

Ca nom posso que morto nom seja.

¹⁵ Fernão Gonçalves de Seabra era um Trovador Medieval de nacionalidade Portuguesa teria vivido na segunda metade do século XIII e pertencido a uma linhagem de origem leonesa. Possuía bens em Vinhais e possivelmente tinha parentesco com D. Teresa Fernandes de Seabra que fora amante de Afonso III e posteriormente casada com Martim Dade, alcaide de Santarém. (Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1990), Cancioneiro da Ajuda, vol. II, Lisboa, Imprensa nacional - Casa da Moeda (reimpressão da edição de Halle, 1904), p. 393.

Na cantiga de Fernão Gonçalves, acima, destacou-se em negrito os verbos com a expressão de futuridade já na forma sintética, conforme relatado anteriormente. Essa modificação verbal aconteceu entre os séculos IV e XII e, segundo Câmara Jr (1985), a evolução se deu assim:

A forma portuguesa *amarei* não se originou de uma forma simples como *amabo*, mas da combinação do infinitivo *amare* com o presente do indicativo do verbo *habere*. [...] forma composta pelo verbo *habere*, flexionado no presente + verbo principal no infinitivo, empregada inicialmente com um valor modal *deôntico* (*amare habeo = devo amar, hei de amar*), passou a expressar um valor futuro puro a partir do século IV. Embora em latim a ordem das palavras não fosse fixa, o linguista afirma que por volta do século XII, a forma aglutina-se ao verbo principal. (p. 23)

Resume-se essa evolução proposta por Câmara Jr (1985) retomando o quadro 5 (p. 46), onde se percebe que a forma sintética de futuro em português é adquirida da forma composta do latim.

A observação de estudos anteriores, como o de Lema (1991), nos mostra que estas mudanças ocorreram em etapas: 1) Analítico, quando a perífrase latina começa a concorrer com a forma sintética (*amabo* x *amare habeo*); 2) Misto, quando as construções analíticas ocorrem ao lado das sintéticas que passam a integrar o verbo *habere* reduzido a um afixo (característica de romances medievais, conforme o exemplo supramencionado) e; 3) Sintético, as formações de futuro são realizadas apenas com a redução do afixo do verbo *habere*, marcando futuridade.

Ao analisar e descrever este fenômeno de mudança, conclui-se que o processo está ocorrendo de forma contrária no português atual, isto é, a língua está trilhando o caminho de volta às suas origens, saindo da forma sintética (*amarei*) e retornando à forma perifrástica (*vou amar*).

Atualmente, o quadro que se apresenta indica que a forma sintética e a perífrase, também conhecida como forma inovadora, estão na fase mista (LEMA, 1991), ou seja, convivem lado a lado. Assim, há um fenômeno de variação na Língua Portuguesa, em que o futuro perifrástico é designado como variante. Esta formação é realizada com o verbo *ir*, como auxiliar, e está fortemente presente na fala, como nos mostram os estudos de Gryner (2002), Longo (2009), Oliveira (2010), entre outros e, na escrita, ainda que de forma moderada, já indica sinais de utilização como constata os trabalhos de Alves (2011), Oliveira (2012) e Araújo & Martins (2015).

Este capítulo, portanto, teve como objetivo expor a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, explicitando os postulados da Teoria da Sociolinguística e do Funcionalismo e da proposta Sociofuncionalista como perspectiva de análise. Também, no âmbito da mudança linguística, faz-se um detalhamento referente ao trajeto percorrido pela expressão de futuridade desde a sua primeira aparição ocorrida na língua latina até os dias atuais no português brasileiro.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se as escolhas metodológicas que orientaram a elaboração e execução da pesquisa e que norteiam a análise do *corpus*. Demonstra-se a delimitação da variável e dos fatores a serem analisados, com o detalhamento da constituição do *corpus*, apresentando a metodologia da coleta de dados. Por fim, descreve-se o programa estatístico *GoldVarb X* que é empregado no tratamento estatístico dos dados.

3.1. A VARIÁVEL: VERBO IR + INFINITIVO

O tempo verbal é uma categoria complexa na Língua Portuguesa, principalmente o tempo futuro que pode ser expresso de diversas formas, como já explicitado na introdução. Oliveira (2006) apresenta seis tipos e Torres (2009) acrescenta mais um. Mas, nessa pesquisa foram delimitadas as seguintes formações para a análise: o futuro sintético, representado pela desinência verbal de tempo futuro do presente do modo indicativo; o presente do indicativo com elementos em sua proximidade que expressam futuro; e o futuro perifrástico, apenas nas estruturas que são compostas pelo verbo *ir* (presente/futuro) + infinitivo. A análise do fenômeno em estudo é proposta por Oliveira e Olinda (2008):

A perífrase é a forma verbal inovadora, que convive com a forma simples (conservadora). Trata-se, pois, de um fenômeno variável no português [...]. E a entrada do verbo *ir* como o auxiliar para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes. (p. 96-97)

As autoras acima mencionadas realçam, na análise deste fenômeno variável no português, a expansão do verbo *ir* como forma inovadora na expressão de futuridade e que esta convivência entre as formas sintética e perifrástica desencadeia um fenômeno de variação amplamente aceito e utilizado pelos falantes em suas falas. Outros trabalhos já mostram ocorrências na escrita, como, citados na introdução, Silva (2011), Alves (2011) e Oliveira (2014).

Para a composição desta variável ocorreu um processo com um de seus elementos: o verbo *ir* sofreu um *Processo de Gramaticalização*, passando a desempenhar a função de auxiliar, como indicador de desinência de tempo futuro. Cita-se Oliveira (2006), com referência às conclusões apresentadas em sua tese, faz-se menção às relacionadas com a gramaticalização:

Investigando o processo de gramaticalização da forma perifrástica com *ir* + infinitivo, constatou-se que a estrutura embrionária que lhe deu origem surge no século XIV. No século XVI, tem início o processo de auxiliarização do verbo *ir* como indicador de futuro, quando essa construção passa a ser reanalisada como construção de futuro. Essa forma ganha espaço no sistema linguístico no século XIX e, no século XX, supera as outras variantes na língua falada. (p. 193)

Portanto, compreende-se que o estudo da variável *ir* como verbo auxiliar indicador de tempo futuro é um fenômeno da variedade do português contemporâneo do Brasil de grande relevância para o conhecimento dos processos interativos de comunicação, na identificação de fatores motivadores e inibidores da ocorrência da variável inovadora, sobretudo na variedade do português de Manaus e, mais especificamente na escrita jornalística manauara. Ressalta-se ainda o aspecto da perífrase com o verbo *ir* que desde o século XIX já era uma mudança em progresso, tendo superado as outras variantes na língua falada, conforme a autora supracitada. Cogitou-se, portanto, como hipótese para a realização desse estudo, que, para o século XXI, esta variante tenha também atingido a escrita, o que constitui objeto deste estudo.

3.2. A AMOSTRA

Os periódicos examinados foram *A Crítica* (considerado elitizado), *Diário do Amazonas* (considerado de classe média) e o *Dez Minutos* (considerado popular). As classes sociais foram determinadas pelo valor de venda que cada um possui nos fins de semana, a saber: o elitizado custa em média entre cinco e seis reais; o da classe média custa um real e, o popular, cinquenta centavos.

Para a constituição do *corpus*, considerando que o objetivo é realizar um estudo longitudinal e transversal, foram selecionadas as edições dos jornais *A Crítica* e o *Diário* desde os anos 80 até 2014, a fim de conhecer a frequência e os contextos da forma inovadora. E, em referência ao jornal *Dez Minutos*, foram selecionadas as edições a partir da criação do jornal, que foi em 2008. Para todos, os meses escolhidos foram junho, agosto e outubro, sendo sempre edições de fim de semana: sábado e domingo. A esses se aplicou o Programa *GoldVarb X* para o tratamento estatístico, a partir dos treze fatores de variação selecionados para análise. No quadro 6, apresenta-se a constituição do *corpus* de análise.

Quadro 6 - Jornais e anos de coleta

Décadas	<i>A Crítica</i>	<i>Diário do Amazonas</i>	<i>Dez Minutos</i>
Anos 80	85 – 89	85 - 89	-
Anos 90	95 – 99	95 - 99	-
Anos 2000	2008 – 2012	2008 – 2012	2008 - 2012
2014	2014	2014	2014

Para a década de 80 escolheu-se a partir dos anos intermediários para os anos finais: 85, 86, 87 e 88. Com a década de 90 seguiu-se a mesma metodologia, como se mostrou no quadro 6. Já para os anos 2000, optou-se por iniciar, em todos os jornais, pelo ano de 2008, pois como supracitado, é o ano de fundação do terceiro jornal que integra a coleta (Dez Minutos). Ainda sobre os anos 2000, esclarece-se que seguiu o quantitativo dos demais, ou seja, quatro anos, ficando os anos de 2008, 2009, 2010 e 2011. Sobre o quadro 6, é importante comentar que o espaço temporal de dois anos existente entre 2011 e 2014 não tem relação direta, pois 2014 constitui o *corpus* do artigo que originou essa dissertação e que se integra a esta análise.

Foram eleitas seções específicas a partir do seguinte critério: que fossem permanentes, isto é, que estivessem presentes todos os dias, inclusive aos fins de semana, e que tivessem correspondência em todos os periódicos. Sendo, então, obtidas: Política, Economia, Cidades, Esporte (cada jornal nomeia de uma forma diferente) e Cultura (representada também por mais de uma denominação). É importante dizer que não foram considerados os trechos que representam transcrições de fala, pois o interesse do trabalho está na escrita.

3.3. FATORES INIBIDORES VERSUS PRODUTIVOS DO FUTURO PERIFRÁSTICO

Quando se estuda a mudança e a variação em uma língua é implícito que se deve observar quais fatores estão envolvidos, sejam eles linguísticos (relacionados à estrutura da língua) ou extralinguísticos (ligados aos fatores sociais e culturais). Os grupos de fatores linguísticos a serem analisados no *corpus*, foram baseados no trabalho de Almeida & Figueiredo (2014), e são: pessoa verbal, **extensão silábica** do verbo, paradigma verbal, conjugação verbal, transitividade verbal, natureza do verbo, projeção de futuridade, presença/ausência de expressão de futuridade fora do verbo, tipo de sujeito e papel temático do sujeito. Tem-se por objetivo verificar o fenômeno da variação na expressão de futuridade,

examinando as características sintáticas e estruturais dos verbos e o comportamento de outros elementos que se relacionam com o verbo dentro da oração. Esses contextos linguísticos possibilitarão identificar o que inibe e o que estimula a variação na expressão de futuridade.

As pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística. Não se pode mais alegar seriamente que o linguista deve limitar suas explicações das mudanças às influências mútuas de elementos linguísticos definidos por função cognitiva. Tampouco se pode alegar, com um mínimo de bom senso, que um sistema linguístico em mudança é autônomo. (LABOV, 2008, p. 214)

Os fatores linguísticos mais relevantes para a ocorrência da perífrase estão entre características do verbo, do sujeito e do tipo de discurso. Sobre os fatores relacionados ao verbo, tem-se a **extensão silábica** que, como mencionado na introdução, teve a nomenclatura adaptada a partir da nomenclatura utilizada no trabalho de Almeida e Figueiredo (2014): extensão fonológica. Tal adaptação ocorreu em virtude da observação realizada pelo Doutor V. Martins (2015, comunicação pessoal)¹⁶ em referência à tonicidade da palavra. Para ele a extensão ‘fonológica’ favorece a ocorrência da perífrase não pelo aumento do número de sílabas, mas sim pela tonicidade da palavra cuja ocorrência de acento primário e secundário é controlada pelo número de sílabas que o verbo possui, por isso, a esse fenômeno, optou-se por denominá-lo de **extensão silábica**.

Sua observação expõe ainda que palavras de grandes extensões silábicas apresentam mais de um acento, isto é, um acento primário e um secundário, formulando a hipótese de que a língua evita acrescentar desinências a verbos que possuam maior **extensão silábica**, optando pela forma perifrástica do verbo.

Ainda sobre a **extensão silábica**, Câmara Jr. (1980) diz que a maioria das palavras que compõe a Língua Portuguesa é dissilábica ou trissilábica. Os verbos que possuem este tipo de estrutura são em sua maioria verbos irregulares e que, nesse caso, agem, como inibidores da perífrase. Porém, partindo desta premissa, quando a um verbo é acrescida mais uma sílaba em decorrência da realização da desinência indicadora de tempo futuro, observa-se, segundo Oliveira (2006) e Almeida & Figueiredo (2014), que o falante opta em produzir a perífrase, pois, esse aumento da extensão do verbo ocasiona dificuldades na pronúncia, bem como foge aos padrões linguísticos aos quais as pessoas em geral estão ambientadas, como se observa nos exemplos:

¹⁶ Essa comunicação aconteceu na qualificação e, deste ponto do trabalho em diante, será referida como Martins (2015).

- (1) Ela VAI AUTOGRAFAR quem comprar a obra. (Dez Minutos, p2);
- (2) Genuíno destacou que os prefeitos eleitos pelo PT também VÃO COLABORAR. (Diário do Amazonas, p6);
- (3) A diretoria de obras do Exército também VAI DELIBERAR 6,5 milhões de cruzados. (A Crítica, c10);

Se o locutor preferisse utilizar o futuro sintético na conjugação dos verbos principais das perífrases dos exemplos (1), (2) e (3) obter-se-ia, respectivamente, as seguintes formas: **autografará, colaborará e deliberará**. Todos possuiriam um total de cinco sílabas, além de não serem comumente utilizados. Em resumo, o futuro simples será realizado através de verbos curtos, enquanto que a perífrase será favorita em verbos mais extensos.

Conforme observa Martins (2015), a língua evita marcar duplamente a acentuação em uma mesma palavra, ou seja, um acento primário e outro secundário, ocorre quando a palavra possui mais sílabas. Portanto, em verbos polissilábicos, a preferência da língua é por perífrase, em vez de agregar a desinência de futuro ao radical verbal.

Também é importante ressaltar que, no capítulo a seguir, a parte da análise que será apresentada no item 4.4, a **extensão silábica** tinha como codificação apenas duas formas: mais sílabas e menos sílabas. Todavia, a codificação foi ampliada e baseada em Bragança (2009). A autora nomeia este fator como “Extensão Lexical”¹⁷ e o divide em três: 1 para verbos com uma sílaba; 2 para duas sílabas e 3 ou + sílabas.

Assim, para as décadas de 80 e 90 e anos 2000 foi proposta a divisão: 2 englobando verbos de uma e de duas sílabas (pois a ocorrência de verbos de uma sílaba é quase nula, então foi incluso com o de duas sílabas); 3 para três sílabas e; 4 para quatro ou mais sílabas.

O segundo fator é o **paradigma verbal**, que está intrinsecamente ligado ao fator anterior, pois trata da forma dos verbos, se regulares e irregulares e, de acordo com as autoras¹⁸, os irregulares geralmente tem uma extensão curta e propiciam a realização do futuro sintético, ao contrário dos verbos regulares que, ao serem flexionados com a desinência modo-temporal de futuro, adquirem um número maior de sílabas e, portanto, propiciam o falante a eleger a forma perifrástica. Por exemplo:

- (4) Moroni SERÁ o seu substituto. (A Crítica, v3);

¹⁷ A autora se baseia em Costa (2003, p. 102) que observou que o uso da forma perifrástica, relativa ao futuro do pretérito. Assim, Bragança (2009) explica: “[...] é favorecido quando o verbo principal possui três ou mais sílabas, pois, ao utilizar a perífrase, o falante distribui o peso fonológico de um vocábulo muito extenso”.

¹⁸ Ibidem p. 57.

(5) Na área de cidadania, a ação global FARÁ expedição de carteiras de Identidade e do Trabalho. (Diário do Amazonas, c1);

Como se pode contemplar nos exemplos (4) e (5), os verbos estão na forma simples de futuro e são irregulares. De acordo com Bybee (2003), pela sua frequente ocorrência de uso na língua, eles são resistentes às mudanças, sendo armazenados no cognitivo dos falantes como especiais. Portanto, mantêm-se no futuro simples por não seguirem os padrões gerais.

O terceiro fator é a **conjugação verbal**. Na língua portuguesa têm-se três modelos: primeira conjugação: **ar** (amar, cantar, louvar); segunda conjugação: **er** (correr, beber, comer) e, terceira conjugação: **ir** (partir, abrir, ferir). Para a ocorrência da perífrase a primeira conjugação é a favorita, como se observa nos exemplos.

(6) O Sul América VAI MESCLAR seu elenco para disputar o Campeonato Regional. (A Crítica, v3);

(7) O Banco Central VAI LEILOAR em breve os bens imóveis das 367 agências do Comind. (Diário do Amazonas, e2);

(8) Dois brasileiros VÃO ESTREAR no UFC. (Dez Minutos, v9);

Nos três periódicos pesquisados foi possível retirar exemplos de perífrases com a primeira conjugação, porém, no capítulo da análise, perceber-se-á que as porcentagens para esta modalidade são maiores que as demais conjugações, corroborando com o fato, mencionado por Câmara Jr. (1980), de que os verbos da primeira conjugação são os mais frequentes na língua portuguesa, portanto serão propícios para a formação de perífrases.

O quarto fator é a **pessoa verbal** que está relacionado com a pessoa do discurso, isto é, se primeira pessoa do singular ou do plural (eu/nós), se segunda pessoa do singular ou do plural (tu/vós) ou se terceira pessoa do singular ou do plural (ele/eles). Para Oliveira (2006), a primeira pessoa do singular (eu) favorecerá a perífrase (ir + infinitivo), pois a mesma permite maior incidência de assertividade em relação ao tempo futuro, uma vez que o falante, nessa situação, assume maior comprometimento com a ação expressa. Contudo, na coleta de dados não foram selecionadas frases que trouxessem a primeira pessoa, porque em periódicos essa pessoa é utilizada na transcrição da fala e, o foco dessa pesquisa é estritamente a escrita. Assim sendo, esse fator está dividido em duas partes: singular e plural.

Exemplos:

(9) O show com artistas populares do Nordeste que VAI INCLUIR teatro música e mamulengo. (Diário do Amazonas, c4);

(10) Contabilistas VÃO ORIENTAR as pessoas. (A Crítica, e3);

Como se pode observar nos exemplos (9) e (10) a diferença entre a pessoa verbal é notada, dentro da perífrase, através do verbo auxiliar *ir*, estando dividida apenas em singular e plural, como já mencionado. No capítulo 4 será possível observar que a pessoa verbal posta no singular é a favorecedora da perífrase, principalmente por se tratar da escrita jornalística na qual o emissor busca neutralidade na sua expressão pelo fato de noticiar o que exige impessoalidade.

O quinto fator é a **transitividade verbal** que agrupará as seguintes categorias: intransitivo, copulativo (verbos de ligação), transitivo direto e transitivo indireto e bitransitivo (transitivos diretos e indiretos). Dentre esses, na pesquisa de Almeida & Oliveira (2014), considerou-se inibidor da perífrase a forma verbal que possuísse transitividade copulativa. Como por exemplo:

(11) No voleibol feminino o técnico SERÁ o professor Paulo César Antony. (A Crítica, v2);

Na coleta de dados dessa pesquisa foi verificado que a ocorrência da transitividade verbal copulativa era mínima nos jornais manauaras.

O sexto fator refere-se à **natureza semântica do verbo**, que está dividida em verbos que indicam: processo, evento, estado e cognição. Segundo Oliveira (2006), os verbos que incentivarão o uso da perífrase são os verbos que indicam evento, seguidos dos que indicam cognição.

Exemplos:

(12) FARÃO parte dessa delegação mais ou menos 120 membros entre atletas e dirigentes. (A Crítica, v2) – processo;

(13) Hoje VAI ACONTECER no cassino do Chacrinha. (Diário do Amazonas, b2) – evento;

(14) O painel proposta de mudança de lei FICARÁ a cargo de Luís Roberto Ponte. (Diário do Amazonas, p3) – estado;

(15) O programa VAI ENSINAR aos revendedores os pontos fortes para venda do produto. (Diário do Amazonas, e3) – cognição;

O sétimo fator é relativo à **presença/ausência de futuridade fora do verbo** que pode ser evidenciada através de advérbios, oração temporal e presença discursiva. Dentro deste grupo de fatores, Santos (2012) observou em sua pesquisa que a ausência de futuridade fora do verbo é o que favorece a constituição da perífrase pelo falante, segundo ele:

Isso se explica para evitar a duplicidade da marcação temporal de futuro, pois o auxiliar, na perífrase de futuro, faz essa marcação. Por outro lado, o contexto com <Presença de outro constituinte de valor temporal>, [...], desfavorece a forma perifrástica de futuro [...]. (SANTOS, 2012:95)

Observe o exemplo:

(16) A exposição que é gratuita FICARÁ até o dia 14 de agosto. (Dez Minutos, b11);

Nessa frase do exemplo 16 é possível observar que ocorre o fenômeno que Santos (2012) explica, que é a presença de futuridade fora do verbo e o verbo no futuro simples.

O oitavo fator é o **papel temático do sujeito**. Oliveira (2006) cita três papéis temáticos desenvolvidos pelos sujeitos: agente, paciente e experienciador e, a partir dos resultados de sua pesquisa, foi concluído que o sujeito que possui o traço da agentividade é aquele que estimula o uso da perífrase. Verifica-se através do exemplo (17):

(17) O partido não VAI ESTABELEECER qualquer Coligação. (Diário do Amazonas, c1);

O traço de agentividade, segundo a autora, apresenta grande importância nesse processo de mudança na expressão de futuridade.

Como nono fator verifica-se a os **tipos de sujeito**. Embora a autora¹⁹ não tenha encontrado relevância deste fator com relação à perífrase, contudo, acredita-se que cada comunidade de falantes tem suas peculiaridades, e como se está investigando o campo da escrita manauara, considerou-se a verificação deste fator nesse estudo.

Os tipos de sujeitos verificados foram: nominal ou pronominal, desinencial, indeterminado e inexistente. Como não se observa a fala (em que mais ocorre primeira pessoal tanto do singular quanto do plural), foram quase nulas as ocorrências de sujeitos desinenciais. O tipo mais encontrado foi o sujeito nominal ou pronominal, conforme aparece no exemplo (18):

(18) Ronaldo IRÁ PROLONGAR ainda mais o seu longo período sem jogar. (Dez Minutos, v9);

O último fator linguístico é a **projeção de futuridade**. De acordo com Almeida & Figueiredo (2014):

Indica se o futuro é próximo, distante ou indefinido. As definições quanto à projeção do futuro não são fixas. Em geral, um futuro considerado próximo é de cerca de vinte e quatro horas depois do ato de fala. Se o futuro for projetado para um tempo maior do que esse, pode ser considerado distante, desde que seja ele definido.

¹⁹ Ibidem, 2006, p. 61.

Obviamente, um futuro indefinido seria aquele em que o falante não deixa claro o momento em que a ação será realizada. (p. 6)

Em conformidade com o que foi citado, selecionaram-se exemplos para ilustrar como se verificou este fator:

Exemplos:

(19) Ao todo o MEC VAI INVESTIR 500 mil cruzeiros este ano no programa. (A Crítica, c11) – próximo/distante;

(20) Ela CONVERSARÁ com as pessoas que estiverem na livraria. (Dez Minutos, p2) - indefinido;

Este fator foi dividido em dois códigos: + para próximo/distante (amalgamou-se esses dois traços) e – para indefinido, como se pode observar nos exemplos (19) e (20).

Tendo visto os fatores linguísticos a serem investigados nessa pesquisa, salientando que a observação destas condições é feita concomitantemente com as condições de produção do sujeito dos enunciados como sua segurança/insegurança linguística, dificuldade ou não na pronúncia das palavras, comprometimento com o que enuncia etc., verifica-se, os fatores extralinguísticos que podem ou não contribuir para a realização do futuro perifrástico na fala manauara, observando que estes fatores fazem parte dos pressupostos sociolinguísticos e, nesta dissertação, são analisados os tipos de jornais direcionados a classes sociais distintas. As seções selecionadas para a análise encontram-se nos três periódicos.

3.4. *GOLDVARB X*: INSTRUMENTO DE ANÁLISE QUANTITATIVA

Como instrumento de análise quantitativa empregou-se o programa *GoldVarb X*, idealizado por Steve Harlow, que tem como função indicar se os grupos de fatores da pesquisa são significativos ou não significativos e, em caso positivo, a hipótese será confirmada. Trabalhos relacionados à Sociolinguística fazem suas análises quantitativas dos dados através deste programa, pois ele realiza os cálculos estatísticos e probabilísticos na plataforma Windows, baseada no programa *GoldVarb X 2.0* (RAND & SANKOFF, 1990) desenvolvido, *a priori*, para computadores Macintosh. Oliveira (2006) explica:

Trata-se de um programa que realiza a análise combinatória dos dados distribuídos pelos vários grupos de fatores, fornecendo percentuais e pesos relativos de todas as variáveis, consideradas isoladas ou combinadas, expressos por tabelas e gráficos. Ele testa a aplicação de regras variáveis, examinando o efeito de cada fator individual e medindo a influência relativa dos fatores sobre a variável estudada. Ele

testa, pois, a significância estatística dos grupos de fatores que influenciam a variável dependente.

Para o emprego deste programa, todos os dados tiveram que passar por um processo de codificação para serem inseridos neste sistema de análise estatística. Por exemplo, cada ocorrência teve que estar identificada por um símbolo que pode ser uma letra, um número ou um caractere, sendo que cada caractere indica uma coluna. Observe um modelo e posteriormente sua descrição, conforme Scherre e Naro (2013):

(FAz3raTR-@5Gc Essa fiscalização IRÁ ENDOSSAR as afirmações dos pecuaristas.
(Dez Minutos, c5)

- 1) na primeira coluna, encontra-se um abre-parênteses no início da codificação é obrigatório para que o programa possa reconhecer os dados;
- 2) na segunda coluna, encontra-se a codificação da variável dependente que nesse estudo é enária e está codificada com os símbolos S, P e F que indicam, respectivamente, futuro do presente do indicativo, futuro perifrástico com o verbo *ir* no presente e futuro perifrástico com o verbo *ir* no futuro;
- 3) da terceira coluna até a décima primeira, tem-se a codificação de 12 fatores, linguísticos e extralinguísticos, respectivamente, A (tipo de jornal) A Crítica; z (pessoa verbal) que minúsculo representa a terceira pessoa do singular; 3 (**extensão silábica do verbo**) verbo com três sílabas; r (paradigma verbal) verbo regular; a (conjugação verbal) primeira conjugação; T (transitividade verbal) transitivo direto; R (natureza do verbo) processo; - (projeção de futuridade) indefinido; @ (presença/ausência de futuridade fora do verbo) ausência; 5 (tipo de sujeito) nominal; G (papel temático do sujeito) agentivo; c (seção de jornal), sendo aqui cidades. Para ilustrar esse item 3, segue o quadro 7.

Quadro 7 – Descrição da terceira coluna de codificação para tratamento estatístico

F	Perífrase	Ir no futuro
A	Tipo de jornal	A Crítica
z	Pessoa verbal	Terceira do singular
3	Extensão silábica do verbo	3 sílabas
r	Paradigma verbal	Regular
a	Conjugação verbal	Primeira
T	Transitividade verbal	Transitivo direto
R	Natureza do verbo	Processo
-	Projeção de futuridade	Indefinido
@	Presença/ausência de futuridade	Ausência

5	Tipo de sujeito	Sujeito nominal
G	Papel temático do sujeito	Agentivo
c	Seção de jornal	Cidades

Colocados os dados no *token* do programa, ele mesmo trata de separar os grupos de fatores a serem utilizados nas rodadas. Rodadas são aplicações que o programa faz cruzando os dados e os grupos de fatores selecionados. São feitas mais de uma, dependendo dos resultados que se quer descobrir. Após cada rodada, são fornecidas informações que são transformadas em tabelas. As primeiras rodadas produzem resultados estatísticos e, quando já se esgotaram todas as rodadas possíveis, parte-se para a rodada final que trará o peso relativo.

Para esta pesquisa este programa é amplamente aplicado, pois é empregado para controlar doze fatores²⁰ e a variável dependente²¹, com os dados de cada jornal, individualmente. Depois, com todos os dados, de todos os jornais. Após a coleta dos demais anos, analisar-se-á ano por ano e todos os anos de cada década juntos.

Para sumarizar, neste capítulo foram descritos os procedimentos metodológicos que norteiam a coleta de dados e a análise.

²⁰ Para maiores detalhes, ver a seção 3.3.

²¹ *Idem*, 3.1.

4. A ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir do que foi exposto nos Procedimentos Metodológicos, no capítulo anterior (3), este capítulo traz as discussões sobre os resultados da análise de 2.062 dados, referentes a escrita jornalística manauara, de meados das décadas de 80 e 90, anos 2000 e ano 2014, a partir dos grupos de fatores testados e selecionados pelo programa estatístico *GoldVarb X*.

A ordem das seções é cronológica e a discussão dentro de cada uma delas segue um padrão: iniciando pelos dados gerais, isto é, as porcentagens das variáveis dependentes (futuro sintético, perífrase com *ir* no presente e perífrase com *ir* no futuro) em cada jornal (A Crítica, Diário do Amazonas e Dez Minutos), seguidos pelas discussões dos fatores investigados nas hipóteses e, finalizando, com a discussão sobre os fatores selecionados como mais relevantes para a ocorrência da perífrase na rodada para obtenção do peso relativo.

4.1. A PERÍFRASE DE FUTURO NA DÉCADA DE 80

Apresenta-se na discussão a seguir a análise dos resultados obtidos a partir da coleta dos periódicos A Crítica e Diário do Amazonas que circulavam na cidade de Manaus na década de 80, mais especificamente dos anos de 1985, 1986, 1987 e 1988. Os meses selecionados foram junho, agosto e outubro, sendo as edições apenas de fim de semana, isto é, sábado e domingo.

Nesta coleta foram contabilizados 595 dados, distribuídos em 457 dados do futuro sintético, 120 de futuro perifrástico com o verbo *ir* no presente e 19 perífrases com o verbo *ir* no futuro. Foi verificado na análise que a perífrase com verbo *ir* no futuro se apresenta em menor número, gerando *KnockOut*²² e *SingletonGroup*²³. Contudo, é mantida no primeiro momento da análise, feita através do programa estatístico *GoldVarb*, para a obtenção de dados mais gerais e, no fim da análise, sobretudo para a obtenção do peso relativo, amalgamam-se as perífrases.

²² *KnockOut* é uma terminologia de análise do *GoldVarb X*. Em português, corresponde ao termo ‘nocaute’. Ele indica, no escopo deste programa estatístico, um problema analítico no processamento dos dados, uma vez que um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o *que* exprimir pesos e frequências (ONOFRE, 2010).

²³ *Singleton Group* é uma terminologia utilizada pelo *GoldVarb X* para indicar a ocorrência de um único fator dentro do grupo de fatores, ou seja, significa que na tabela *Groups*, há um grupo de fatores com somente um código na coluna *Factors*.

Para iniciar a análise, através de tabelas, mostra-se a tabela 1 que apresenta os índices generalizados acerca das ocorrências de cada variável, em cada jornal.

Tabela 1: Variação na expressão do futuro na década de 80

Tipo de Jornal		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
A	<i>A Crítica</i>	310	76.0%	80	19.6%	18	4.4%	408
D	<i>Diário do Amazonas</i>	147	79.0%	39	21.0%	0	0.0%	186
	Total	457	76.9%	119	20.0%	18	3.0%	594

Legenda: ■ Dados com *KnockOut*

No jornal *A Crítica* observa-se um total de 408 casos, sendo esses distribuídos em 310 de futuro sintético, 80 de perífrase com *ir* no presente e 18 para perífrase com *ir* no futuro. O *Diário* se apresenta com porcentagens inferiores de expressão de futuridade, representando um total de 21% de ocorrências para a forma inovadora, sendo que neste periódico registrou-se apenas a ocorrência da perífrase com *ir* no presente. Esse dado antecipa a amalgamação dos dados. É importante ressaltar que tal periódico nos anos 80 era intitulado de popular pelo seu idealizador, contudo, desde essa época²⁴, já apresenta índices de ocorrência da forma inovadora inferiores ao jornal elitizado. Fato esse que elimina a hipótese de que as perífrases apareceriam em números maiores em periódicos mais populares.

O gráfico 1 traz os dados acima descritos em colunas que facilitam a visualização das informações.

²⁴ Na análise do item 4.4 que traz dados de 2014, quando o jornal já é considerado de classe média, já se observa tal fato.

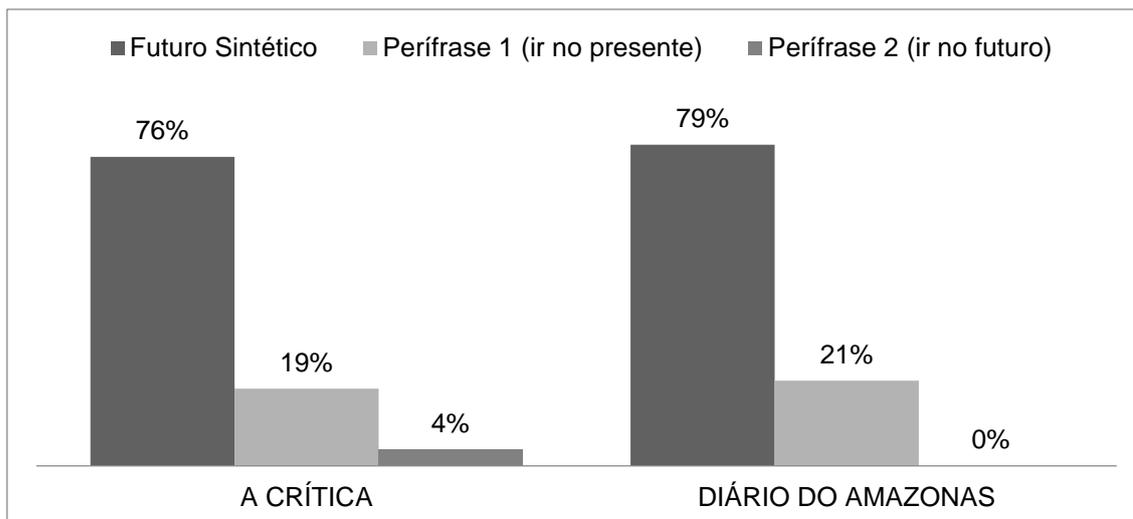


Gráfico 1: Percentuais das variantes por periódico²⁵

Com o gráfico 1 verifica-se que há uma diferença na utilização do futuro sintético entre os periódicos estudados neste período, sendo 76% para o elitizado e 79% para o de classe média. Embora com poucos pontos, as ocorrências da perífrase 1 se mostram consistentes em ambos, enquanto que a perífrase 2 traz usualmente indicadores muito baixos, chegando inclusive a não aparecer no jornal Diário do Amazonas.

Sobre o uso do futuro do presente do indicativo, marcado como padrão pela Gramática Normativa, infere-se que ainda prevalece como preferencial dentro da expressão de futuridade. Como se pode observar, há uma alta incidência da forma sintética nos dois periódicos, mesmo no jornal Diário do Amazonas, considerado popular nessa época. Contudo, embora haja essa incidência elevada, também é nítida a porcentagem divergente entre os periódicos, apresentando assim, resposta negativa a hipótese de que no jornal de classe média haveria menos uso da forma sintética que no elitizado.

Permanecendo com demonstrações de estatísticas gerais, a tabela 2 aponta os índices de quando as perífrases foram amalgamadas. Nesse caso da década de 80, como supramencionado, foi necessário fazê-lo já na segunda rodada, uma vez que não há dados da perífrase com o verbo *ir* no futuro para um dos jornais.

²⁵ Na elaboração dos gráficos dessa pesquisa os números percentuais foram arredondados porque o programa excel não gera porcentagem com números divisão de casas decimais. Portanto, sempre na tabela que antecede o gráfico os percentuais estarão com casas decimais e os gráficos que seguem sem casas decimais. Por exemplo: na tabela, tem-se o número percentual de 19.6% para a ocorrência do futuro perífrástico com *ir* no presente para o Jornal A Crítica e no gráfico 1, este mesmo percentual aparece sem as casas decimais: 19%.

Tabela 2: Variação na expressão do futuro na década de 80 com perífrases amalgamadas

Tipo de Jornal		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
A	<i>A Crítica</i>	310	75.8%	99	24.2%	409
D	<i>Diário do Amazonas</i>	147	79.0%	39	21.0%	186
	Total	457	76.8%	119	23.2%	595

Ao amalgamar os dados das perífrases, percebe-se que a perífrase apresenta uma porcentagem de ocorrência maior no periódico definido como elitizado nesse estudo. Fato este que, mais uma vez, negativa a hipótese de que essa variável social seria pertinente para o uso da perífrase. Por conter registros em seus dados de ambas as modalidades de futuro perifrástico, o jornal *A Crítica* traz uma porcentagem de 24.2% de ocorrência para a forma inovadora, configurando um índice maior de ocorrência em comparação ao jornal *Diário do Amazonas* que apresenta 21.0%.

Nesse âmbito de dados genéricos há um resultado importante a ser verificado na ocorrência da variante estudada. Trata-se das seções de jornais selecionadas nessa pesquisa, conforme descritas no capítulo 3 (Procedimentos Metodológicos). Assim, apresenta-se a tabela 3.

Tabela 3: A expressão de futuridade nas seções de jornais (década de 80)

Seções dos Jornais		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
c	Cidades	171	76.3%	43	19.2%	10	4.5%	224
p	Política	31	73.8%	10	23.8%	1	2.4%	42
v	Esporte	114	78.6%	28	19.3%	4	2.7%	146
b	Cultura	45	65.2%	20	29.0%	4	5.8%	69
e	Economia	96	84.2%	18	15.8%	0	0.0%	114
	Total	457	76.9%	119	20.0%	18	3.0%	595

Legenda: ■ Dados com *KnockOut*

Antes de iniciar a discussão acerca das porcentagens, julgou-se importante comentar, brevemente, algumas características dessa variável, para que se entenda melhor a numeração da tabela. Juntando as edições de sábado e domingo do jornal *A Crítica*, em média, tem-se o seguinte: a seção dedicada à economia era dedicada de três a quatro páginas; política apresentava duas ou três; cultura que trazia notícias de famosos, de eventos e de socialites aparecia com três ou quatro folhas; já esporte era o assunto mais comentado do fim de semana

e compunha de dez a onze laudas, representando assim o maior número de dados e; cidades que tinha entre cinco e seis páginas. Colocando, então, em uma ordem decrescente, obtêm-se uma lista das seções mais amplas do fim de semana no jornal A Crítica: esportes, cidades, cultura e economia, equiparadas e política.

Seguindo a mesma dinâmica, expõe-se como tais seções se comportam no jornal Diário do Amazonas (classe média). Para economia é dedicado uma média de uma ou duas páginas, mesma quantidade verificada para a seção de política. Para cultura são reservadas três a quatro laudas; esporte, não diferente do periódico elitizado, aparece em seis ou sete páginas, já cidades se apresenta com quatro ou cinco folhas. Observando em uma ordem quantitativa de páginas, ter-se-á: esportes, cidades, cultura, política e economia empatadas.

Assim, apresenta-se a análise da tabela 3. Destaca-se na seção economia a não ocorrência da perífrase com o verbo *ir* no futuro, bem como a baixa ocorrência da outra modalidade de perífrase. Nesse caso, a porcentagem de incidência da forma sintética foi de: 84,2%. Esses números confirmam a hipótese de que a perífrase seria menos utilizada em seções que apresentassem um assunto mais formal, como em economia.

A forma perifrástica foi mais produtiva na seção cultura, confirmando a hipótese de que a perífrase, representante da forma inovadora, aparecerá em maior número de ocorrências em textos com maior informalidade. Com uma porcentagem de 29.0%, essa seção possui maior frequência de ocorrência de perífrase com o verbo *ir* no presente e 5.8% de perífrase com *ir* no futuro. Esta seção dentro de um jornal tratará de eventos sociais, comentários sobre famosos e socialites, viagens e outros, isto é, textos que pela temática abrem espaço para uma linguagem coloquial.

Expõe-se que, para os dados da década de 80, o programa computacional *GoldVarb* identificou os 13 grupos de fatores propostos nessa análise, conforme se apresenta no quadro 8.

Quadro 8 – Grupo de Fatores ordenados de acordo com a seleção do programa estatístico

Códigos	Grupos de fatores	Significação dos códigos da coluna 1 (respectivamente)
SPF	Grupo das variáveis dependentes	Sintético/perífrase (ir no presente)/ perífrase (ir no futuro)
AD	Grupo de jornais	A Crítica/Diário do Amazonas
Zz	Grupo da pessoa verbal	Terceira do plural/terceira do singular
234	Grupo da extensão silábica	Dissílabo/trissílabo/polissílabo
ir	Grupo do paradigma verbal	Irregular/regular

sat	Grupo da conjugação verbal	Segunda conjugação/primeira conjugação/terceira conjugação
TIC	Grupo da transitividade verbal	Transitivo/intransitivo/copulativo
EVRL	Grupo da natureza do verbo	Estado/evento/processo/cognição
+-	Grupo da projeção de futuridade	Próximo distante/indefinido
&@	Grupo da presença/ausência de futuridade	Presença/ausência
5986	Grupo do tipo de sujeito	Nominal ou pronominal/inexistente/indeterminado/desinencial
XGY	Grupo do papel temático do sujeito	Experienciador/agentivo/paciente
cpvbe	Grupo das seções de jornais	Cidades/política/esporte/cultura/economia

Sendo importante pontuar que a ordem a qual o programa seleciona é devido apenas pela ordem em que as dispôs no momento da codificação. Essa listagem de fatores foi apresentada para que se possa expor que, quando se iniciam as rodadas, são feitas exclusões de alguns fatores em virtude da identificação de *KnockOut* e *Singleton Group* pelo próprio programa. Assim, elaborou-se o quadro 9 que apresenta os fatores que permaneceram até a rodada que traz o peso relativo ou também conhecida dentro do *GoldVarb* como binominal. Sendo que, na primeira coluna, tem-se os fatores e suas respectivas indicações, na segunda coluna temos um exemplo de codificação e como os fatores aparecem (grifo em negrito) e na terceira coluna o dado coletado, com indicação do respectivo jornal e sua página.

Quadro 9 – Exemplos dos fatores selecionados após exclusão de *KnockOut* e *Singleton Group* (80)

Fatores	Codificação	Exemplos
Tipo de jornal A: A Crítica / D: Diário do Amazonas	(SAZ2isTE+&5Xc	Hoje as crianças TERÃO a participação do grupo de mamulengueiros. A Crítica/Cidades, p8
Pessoa verbal Z: plural / z: singular	(SDZ3raTV-@5Xe	Algumas montadoras MUDARÃO suas linhas de produção. Diário/Economia, p. 9
Extensão silábica do verbo 2: duas sílabas/ 3: três sílabas/ 4: quatro ou mais sílabas	(PAz3rsTV-@5Gb	No mês que vem, Cristina sua mulher VAI RECEBER o novo rasante das Cegonhas. A Crítica/Cultura, p. 4
Paradigma verbal i: irregular/ r: regular	(SDz4raTR-@5Gp	Cristóvão também COLOCARÁ o tema em debate em audiência pública. Diário/Política, p. 7
Conjugação verbal a: primeira/ s: segunda/ t: terceira	(FAz2rsIE-@8Xc	IRÁ PERDER em média dois quilos. A Crítica/Cidade, p. 5
Transitividade verbal T: transitivo/ I: intransitivo/ C: copulativo	(SDz4raTR-@5Gp	O governador Manoel Gomes ENVIARÁ um projeto de lei sobre o setor sucroalcooleiro.

		Diário/Política, p. 4
Natureza do verbo V: evento/R: processo/E: estado	(PAz4rsTV-@8Xc	O mesmo VAI ACONTECER com Avenida Eduardo Ribeiro. A Crítica/Cidades, p. 3
Projeção de futuridade +: próximo/-: distante	(SDz4raTR+&5Gp	A partir do próximo dia 21 , o PT COLOCARÁ no ar uma campanha publicitária institucional. Diário/Política, p. 4
Presença/Ausência futuridade &: presença/@: ausência	(PAz2raTR+&5Gb	O grupo VAI MOSTRAR o trabalho em setembro . A Crítica/Cultura, p. 4
Tipo de sujeito 5: nominal ou pronominal/8: indeterminado	(PDz3rtTR-@5Gc	O MEC VAI INVESTIR 500 mil cruzeiros este ano no programa. Diário/Cidades, p. 11
Papel temático do sujeito G: agentivo/X: experienciador	(SAZ4rtTR-@5Gc	Os Lojistas DISCUTIRÃO temas políticos. A Crítica/Cidades, p. 4
Seções de jornal p: política/e: economia/c: cidades/v: esporte/ b: cultura	(PDz4rsTV+&8Xb	Hoje VAI ACONTECER no cassino do Chacrinha. Diário/Cultura, p. 2

Assim, verifica-se, a partir da rodada que gera o peso relativo na qual se obtém os fatores mais relevantes para a ocorrência da variável estudada, a tabela 4 onde se visualizam tais fatores, bem como os fatores comuns entre os periódicos.

Tabela 4: Fatores relevantes e grupo de fator em comum para a ocorrência da perífrase

	<i>A Crítica</i>	<i>Diário do Amazonas</i>
Total/Ocorrências	99/409	39/186
Percentual	24.2%	21.0%
Input Inicial	0.83	0.91
Significância	0.031	0.002
Grupos Selecionados	1. Extensão Silábica	1. Extensão Silábica
	2. Paradigma Verbal	2. Paradigma Verbal
	3. Conjugação Verbal	3. Papel Temático do Sujeito
	4. Natureza do Verbo	4. Seções de Jornal
	5. Papel Temático do Sujeito	-

Conforme se visualiza na tabela 4, para o jornal A Crítica, cinco fatores foram selecionados como relevantes para que a forma inovadora ocorresse. Os quatro primeiros estão relacionados ao verbo e o último relacionado ao sujeito. Já para o periódico Diário do Amazonas, quatro foram os fatores selecionados como relevantes, sendo que os dois

primeiros estão relacionados ao verbo, o terceiro relacionado ao sujeito e o quarto, um extralinguístico, que está relacionado às seções de jornais.

Também na tabela 4 estão marcados em negrito os fatores comuns nos dois periódicos verificados nesta década e são eles: **extensão silábica**, **paradigma verbal** e **papel temático do sujeito**.

Sobre a **extensão silábica** observou-se a hipótese de Almeida & Figueiredo (2014) e também de Bragança (2009): para a conjugação verbal com acréscimo de desinência modo-temporal de futuro em verbos extensos, ao ampliar seu número de sílabas, dificulta-se a sua pronúncia. Portanto, a hipótese é que o falante seleciona a forma perifrástica de futuro para realizar verbos com maior **extensão silábica**.

Também se observou a hipótese de Martins (2015), que tem por área de estudos a fonologia, na qual ele diz que “não é o número de sílabas que é o fator determinante nesse caso, e sim a tonicidade”. O acento silábico da palavra dependerá do seu número de sílabas que é o responsável pelo ritmo da língua. Partindo dessa premissa, cada palavra, então, terá seu acento. Verifica-se através do exemplo:

(21) O governador Gilberto Mestrinho **ENCAMINHARÁ** uma mensagem. (A Crítica/Cidades, p. 10)

O verbo encaminhar do exemplo (21) é oxítono e quando colocada a desinência verbal de futuro ele passa a possuir 5 sílabas, ou seja, sua **extensão silábica** é ampliada. Assim ele exigirá um acento primário na última sílaba (rá) e um secundário na segunda sílaba (mi). Contudo, a língua portuguesa evita que sejam formados esses acentos secundários, por isso diante de verbos que tenham maior **extensão silábica**, optar-se-á pela perífrase.

Na rodada binominal, onde o programa calcula o peso relativo, a **extensão silábica** apresentou os seguintes números, conforme o quadro 10.

Quadro 10 – Peso relativo do fator Extensão Silábica (década de 80)

EXTENSÃO SILÁBICA			
Grupos	2 (uma ou duas sílabas)	3 (três sílabas)	4 (quatro ou mais sílabas)
Peso Relativo	0.04	0.54	0.87

No quadro 10 é possível verificar que o peso relativo aumenta conforme o número de sílabas dos verbos, corroborando com as hipóteses supramencionadas. No caso do exemplo

(21), o verbo que se apresenta com 5 sílabas, de acordo com o valor da tabela 4, será favorecedor do uso da perífrase, ainda que sendo escrita.

Pela ordem estipulada pelo programa estatístico, o segundo fator relevante para que ocorra a perífrase na escrita é o **paradigma verbal**. Este fator foi distribuído em dois códigos: **r** para verbos regulares e **i** para verbos irregulares. Segundo Oliveira (2008), os verbos regulares são do paradigma geral e os irregulares do padrão especial, considerando o critério morfológico. Observe os exemplos que são comparativos entre os dois fatores:

(22) Thales VAI **CONSULTAR** o governador Gilberto Mestrinho. (A Crítica, v1) - paradigma regular;

(23) Edu não VAI **SER** mais técnico do Flamengo. (A Crítica, v3). – paradigma irregular.

Em Cunha e Cintra (2007), verifica-se que os verbos regulares se flexionam em concordância com o modelo comum de conjugação, como por exemplo, amar, correr e partir. Já os verbos irregulares são os que se distanciam do respectivo paradigma de sua conjugação, como é o caso dos verbos: estar, ser e ir.

Para esse fator, tem-se, como também no trabalho de Bragança (2009) e Almeida e Figueiredo (2014), que falantes preferem a perífrase quando se trata de verbos regulares, pois têm maior intimidade com suas formas, e realizam o futuro simples com os irregulares, por não conhecerem todas as suas formas e acabam optando pela forma tradicional de futuro.

A hipótese aventada é de que a forma inovadora avançaria primeiramente com os verbos de paradigma regular, seguido, posteriormente, dos verbos de paradigma irregular. Para verificar essa hipótese, tem-se a tabela 5.

Tabela 5: O peso relativo do paradigma verbal na ocorrência da perífrase por periódico

Fator	<i>A Crítica</i>		<i>Diário do Amazonas</i>	
	O/T	PR	O/T	PR
i	8/62 10%	0,93	1/39 1.8%	0,99
r	54/62 31.4%	0,22	38/39 28.6%	0,11

Legenda: O – ocorrência/T – total (perífrase) | PR – peso relativo

A tabela 5 indica um comportamento atípico entre os valores percentuais e o valor do peso relativo. Embora a perífrase tenha ocorrido mais vezes com verbos regulares, o peso relativo de maior significância²⁶, isto é, acima de 0,50, está com os verbos irregulares. Esse fato pode ter acontecido em decorrência do acréscimo de um grupo de fator pelo programa e neste caso o grupo de fator adicionado a essa rodada (*Best stepping up run*) foi a seção de jornal. Esse acréscimo é interpretado como uma interação (GUY; ZILLES, 2007).

Contudo, através do total de ocorrências e do percentual, pode-se confirmar a hipótese de que a perífrase na escrita jornalística manauara está presente mais fortemente através dos verbos de paradigma regular, estando o futuro simples mais restrito aos verbos e paradigma irregular, ou seja, de padrão morfológico especial.

O terceiro fator relevante selecionado pelo programa é o **papel temático do sujeito**, dividido em três no momento da codificação, contudo, como visto no quadro 10, apenas dois foram mantidos pelo *GoldVarb*. Exemplifica-se:

(24) As obras de recuperação da estrada certamente vão demorar. (Diário do Amazonas/Cidades, p. 10) – papel de experienciador;

(25) Vica garantiu que vai jogar mesmo. (Diário do Amazonas/Esporte, p. 3) – papel de agentivo.

A atitude do sujeito acerca do processo verbal pode ser de atividade, de passividade e de atividade e passividade (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 145) ou, de acordo com a Gramática Normativa: sujeito agente e sujeito paciente. Todavia, em Oliveira (2006), é apresentada outra modalidade de sujeito, o sujeito experienciador. O papel temático desse sujeito consiste na experiência de algo, isto é, nem pratica e nem sofre qualquer ação. Como se pode observar no exemplo (6) em que o sujeito “As obras de recuperação da estrada” claramente não pratica ou sofrem nenhuma ação, sendo apenas um experienciador de algo que ocorrerá: a demora.

A hipótese aventada para este fator é de que a perífrase seja favorecida pelo sujeito agente, como se observa em Oliveira (2006):

O sujeito agente favoreceria o uso da perífrase, já que haveria um maior comprometimento em relação ao futuro e um maior grau de certeza da realização da ação num tempo posterior ao momento da fala, pois ele é quem realizaria essa ação. Já o sujeito paciente selecionaria o futuro simples, ficando o sujeito experienciador em posição intermediária. (p. 177)

²⁶ Em Scherre e Naro (2013), entende-se que um peso relativo abaixo de 0,50 deve ser entendido como um forte desfavorecedor da ocorrência da variante (p. 164).

Nessa pesquisa, o sujeito paciente não teve ocorrência e foi excluído das rodadas. Verifica-se a partir da tabela 6, o **papel temático do sujeito**.

Tabela 6: O peso relativo do papel temático do sujeito por periódico

Fator	<i>A Crítica</i>		<i>Diário do Amazonas</i>	
	O/T	PR	O/T	PR
X	11/62 10.3%	0,67	5/39 6.3%	0,74
G	51/62 39.5%	0,35	34/39 35.8%	0,28

Legenda: O – ocorrência/T – total (perífrase) | PR – peso relativo

Nota-se na tabela 6 a divergência entre peso relativo e percentual de ocorrência, contudo, permanece a mesma observação dada no fator **paradigma verbal**: na rodada selecionada como melhor pelo programa foi adicionado mais um fator que pode acarretar mudanças nos pesos relativos, o que não quer dizer que o fator não tenha importância para a ocorrência da perífrase, ele apenas não será visto como principal, mas como coadjuvante nesse processo.

Assim, conclui-se a análise dos resultados obtidos para o uso da perífrase nos jornais da década de 80 da cidade de Manaus. Confirmou-se que há a presença da perífrase na escrita, bem como, que a perífrase na escrita foi identificada na análise dos dados dos anos 80 e nas duas formas estudadas: com o verbo *ir* no presente e com o verbo *ir* no futuro.

Os resultados aqui também apontaram para três fatores relevantes para que essa perífrase ocorresse na escrita jornalística: **extensão silábica**, considerado o fator mais importante por ter seu peso relativo maior, seguido do **paradigma verbal** em que os verbos regulares propiciam a perífrase e o **papel temático do sujeito** no qual o agente atingiu maior percentual de ocorrência em perífrases.

4.2. A PERÍFRASE NA DÉCADA DE 90

A discussão aqui proposta traz a análise dos resultados obtidos com o estudo dos dados coletados nos jornais *A Crítica* e *Diário do Amazonas*, dos anos de 1995, 1996, 1997 e

1998, seguindo a mesma metodologia do item 4.1, ou seja, nos meses de junho, agosto e outubro, das edições de sábado e domingo.

O principal diferencial desta coleta é o volume de dados, pois foram contabilizados 608 dados, divididos em: 380 dados de futuro sintético; 187 dados de perífrase com *ir* no presente e; 41 dados de perífrase com *ir* no futuro. Embora essa última perífrase permaneça com o menor número de dados, na década de 90, apresentou ocorrência no jornal Diário do Amazonas.

Na tabela 7, apresentam-se os resultados de ocorrência da expressão da futuridade na escrita jornalística da década de 90, conforme corpus analisado.

Tabela 7: Variação na expressão do futuro na década de 90

Tipo de Jornal		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
A	<i>A Crítica</i>	168	71.8%	57	24.4%	9	3.8%	234
D	<i>Diário do Amazonas</i>	212	56.7%	130	34.8%	32	8.6%	374
Total		380	62.5%	187	30.8%	41	6.7%	608

A primeira observação a ser feita sobre a tabela 7 é que há uma inversão de dados de ocorrência da expressão de futuridade em relação à década de 80. Enquanto na década de 80 o jornal elitizado superou o jornal de classe média na ocorrência das três formas de futuro investigadas, na década de 90, o Diário do Amazonas é que supera em ocorrência da forma inovadora em todas as modalidades aqui estudadas: perífrase (*ir* presente) = 34.8% e perífrase (*ir* no futuro) = 8.6%, inclusive na perífrase com o verbo *ir* no futuro que outrora, não apresentava nenhuma ocorrência.

Na tabela 7, verifica-se que a hipótese de que a perífrase seria mais utilizada no jornal de classe média e popular se confirma. Assim, o Diário do Amazonas, de classe média, na década de 90, apresentou 43.4% de ocorrência de perífrase, contra 28.2% do jornal A Crítica. Para visualizar os dados, elaborou-se o gráfico 2.

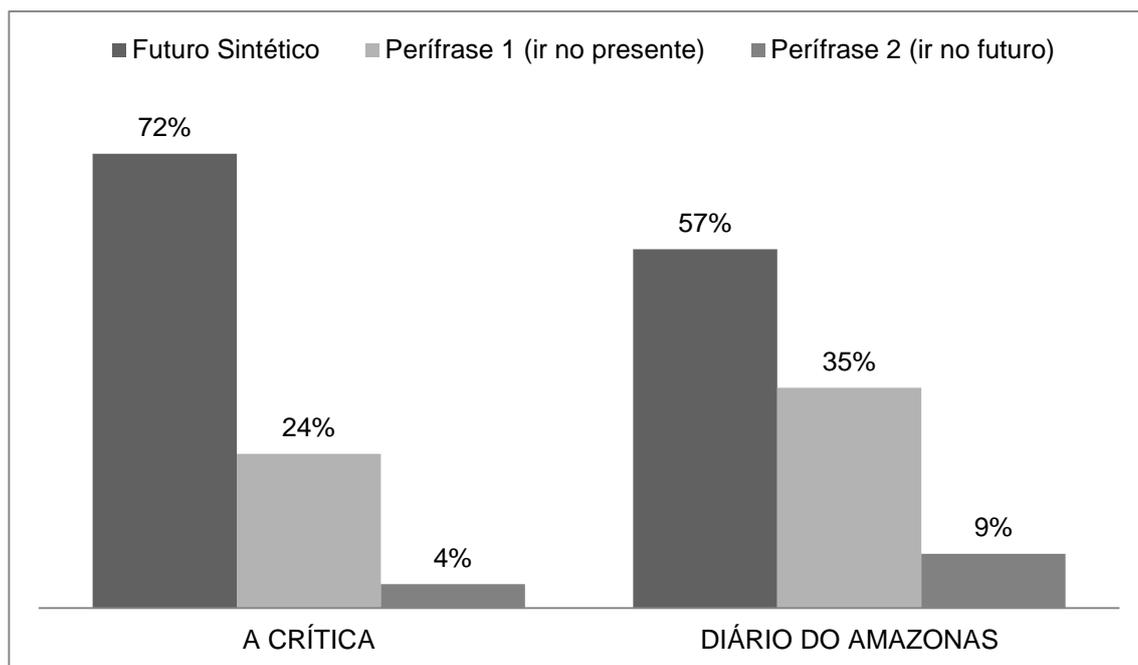


Gráfico 2: Percentuais das variantes por periódico (anos 90)

No gráfico 2, observa-se que nos anos 90 a hipótese aventada acerca do fator extralinguístico **tipos de jornal** é confirmada, pois o futuro sintético, tido como a forma padrão de expressar o futuro, tem 72% de ocorrência para o jornal elitizado, contra 57% no jornal de classe média, como já comentado.

Os percentuais da forma inovadora aparecem inversamente proporcionais. Contudo, os resultados certificam que é significativa a presença da perífrase na escrita jornalística manauara na década de 90.

A **seção de jornal** é a variável extralinguística sobre a qual se formulou a hipótese de que nas seções que apresentam temática mais formal como em política ou economia ocorreria maior porcentagem de futuro sintético. Observe os números no gráfico 3.

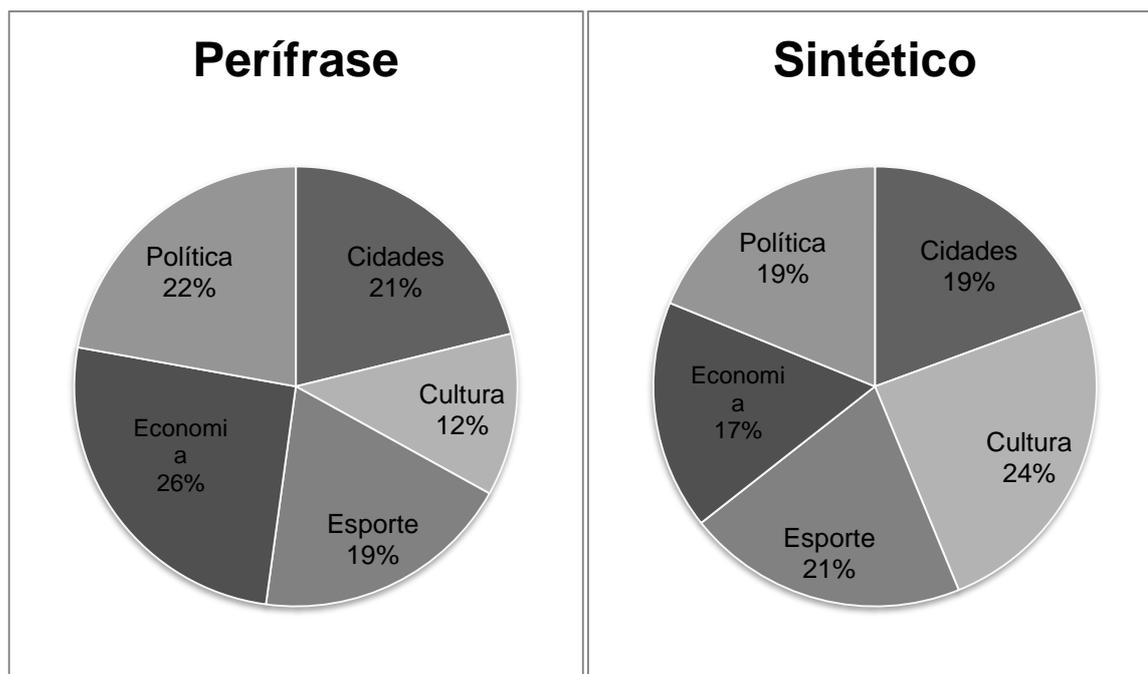


Gráfico 3: Percentuais da perífrase e do sintético nas seções de jornal (anos 90)

O gráfico 3 foi elaborado a partir de dados amalgamados, isto é, as duas perífrases aqui estudadas unidas em um único código, pois, assim, ter-se-ia uma visão mais ampla da ocorrência da perífrase como um todo.

Tem-se respectivamente 19% e 17% de futuro sintético para as seções de política e economia. A seção cultura teve maior ocorrência da forma sintética com 24%. Com relação ao uso da perífrase, economia e política apresentam porcentagens bem maiores, com 26% e 22%, nessa ordem.

Ainda sobre dados gerais, menciona-se que, na década de 90, o Diário do Amazonas apresentou um número considerável de dados da perífrase com o verbo *ir* no futuro. Na tabela 8 apresentam-se os fatores selecionados como relevantes para a ocorrência dessa forma.

Tabela 8: Fatores favorecedores a perífrase com verbo *ir* no futuro no Diário do Amazonas (década de 90)

Extensão Silábica		Conjugação Verbal		Transitividade Verbal		Papel Temático do Sujeito		Seção de Jornal	
F	PR	F	PR	F	PR	F	PR	F	PR
4	0,68	t	0,20	T	0,40	X	0,70	p	0,65
3	0,33	a	0,44	I	0,90	G	0,31	e	0,41
2	0,37	s	0,64	-	-	-	-	c	0,58
-	-	-	-	-	-	-	-	v	0,04

Legenda: F – fator | PR – peso relativo

Como já mencionado, o peso relativo acima de 0,50 é favorecedor da ocorrência da variante. Então, pode-se inferir, a partir da tabela 8, que os verbos com quatro ou mais sílabas, os verbos da segunda conjugação (s), os verbos intransitivos (I), o sujeito com papel temático de experienciador (X) e a seção de política são os fatores que favorecem a ocorrência da perífrase no periódico Diário do Amazonas.

Verifica-se a rodada: *Best stepping up run* que gera o peso relativo. Nela são obtidos os fatores relevantes para a ocorrência da forma inovadora. Na tabela 9, observam-se tais fatores, bem como os fatores relevantes em comum entre os periódicos.

Tabela 9: Fatores relevantes e grupo de fator comum para a ocorrência da perífrase na década de 90

	<i>A Crítica</i>	<i>Diário do Amazonas</i>
Total/Ocorrências	66/234	162/374
Percentual	28.2%	43.3%
Input Inicial	0.78	0.58
Significância	0.01	0.00
Grupos Selecionados	1. Pessoa Verbal	1. Extensão Silábica
	2. Extensão Silábica	2. Paradigma Verbal
	3. Paradigma Verbal	3. Natureza do Verbo
	4. Transitividade Verbal	4. Papel Temático do Sujeito
	5. Papel Temático do Sujeito	5. Seção de Jornal

De acordo com a tabela 9, para o periódico A Crítica foram selecionados cinco fatores considerados favorecedores para que aconteça a perífrase, sendo quatro deles relacionados ao verbo e apenas um relacionado ao sujeito. Já no periódico Diário do Amazonas três fatores são relacionados ao verbo, um relacionado ao sujeito e um extralinguístico, a seção do jornal. Estão negritados os fatores que são comuns aos dois jornais.

O fator **extensão silábica** como favorecedor da ocorrência da perífrase também se confirmou no corpus da década de 80. Esse fator representa a extensão verbal através do número de sílabas. Nas literaturas de trabalhos como de Oliveira (2014), Almeida e Figueiredo (2014) e Bragança (2009), referências para essa pesquisa, os verbos que, ao receberem a desinência de futuro, aumentam sua **extensão silábica** serão os favorecedores da ocorrência da forma inovadora.

Martins (2015) inferiu que isso acontece em decorrência da tonicidade, pois quando os verbos têm sua extensão ampliada em virtude de desinências verbais, ele necessitará de dois acentos: um primário e um secundário, como supracitado no item 4.1, comportamento esse não comum para a língua falada.

Os índices de peso relativo apresentado para essa pesquisa que trata da expressão de futuridade na escrita são, de acordo com o quadro 11:

Quadro 11 – Peso Relativo do fator Extensão Silábica nos anos 90

EXTENSÃO SILÁBICA			
Grupos	2 (uma ou duas sílabas)	4 (quatro ou mais sílabas)	3 (três sílabas)
Peso Relativo	0.10	0.89	0.53

No quadro 11 os fatores estão apresentados conforme a ordem de seleção do programa estatístico. Pode-se observar que o maior peso relativo está com o fator que representa os verbos com a **extensão silábica** máxima, isto é, 4 ou mais sílabas. Corroborando com a hipótese aventada nessa pesquisa a partir dos autores citados acima.

O segundo fator é o **paradigma verbal**, relacionado à regularidade ou irregularidade do verbo. Na rodada realizada com os dados dos dois periódicos, estando as perífrases amalgamadas, seu percentual de ocorrência é o seguinte: 13.6% com verbos de paradigma irregular e 47.9% com verbos de paradigma regular. Esses percentuais indicam que a hipótese acerca desse fator, isto é, a ocorrência da perífrase com verbos regulares, é positivada no ambiente dos anos 90.

O terceiro fator é o **papel temático do sujeito**. A princípio ele foi dividido em três: agentivo, paciente e experienciador. Todavia o programa estatístico eliminou o paciente, pois não havia dados para nenhuma das modalidades de perífrase, tendo apenas 19 ocorrências no futuro sintético. O percentual de uso do sujeito experienciador em perífrases é de 13.4% e do agentivo é de 55%.

A hipótese lançada é de que esse fator contribuiria positivamente para o uso da perífrase quando seu papel temático fosse agentivo. Esse sujeito, de acordo com a Gramática Normativa, é aquele que pratica uma ação, tornando-o mais comprometido com a autoria da realização de uma ação no momento da fala, encaminhando-o, tal comprometimento, para o uso da forma inovadora, confirmado através do percentual de 55%.

Na análise da expressão de futuridade nos periódicos manauaras da década de 90 ficou constatado que a **extensão silábica**, com verbos de quatro ou mais sílabas; o **paradigma verbal** com verbos regulares e, o **papel temático do sujeito** com o sujeito agentivo são os fatores favorecedores da ocorrência da perífrase.

4.3. A PERÍFRASE NOS ANOS 2000

Na análise de dados dos anos 2000 a forma inovadora possui menos ocorrência, bem como, de modo geral, a expressão de futuridade também é pouco frequente.

Para este período já se inclui o terceiro jornal citado na metodologia, isto é, o tabloide intitulado Dez Minutos. Sua entrada apenas nesse momento de análise se justifica pelo fato de que o mesmo foi idealizado apenas em 2008²⁷.

Em números, tem-se 353 ocorrências de expressões que representam a futuridade, assim divididas: 241 dados com futuro sintético, 108 dados com perífrase composta com verbo *ir* no presente e 4 dados com o futuro perifrástico com verbo *ir* no futuro. Observe o gráfico 4.

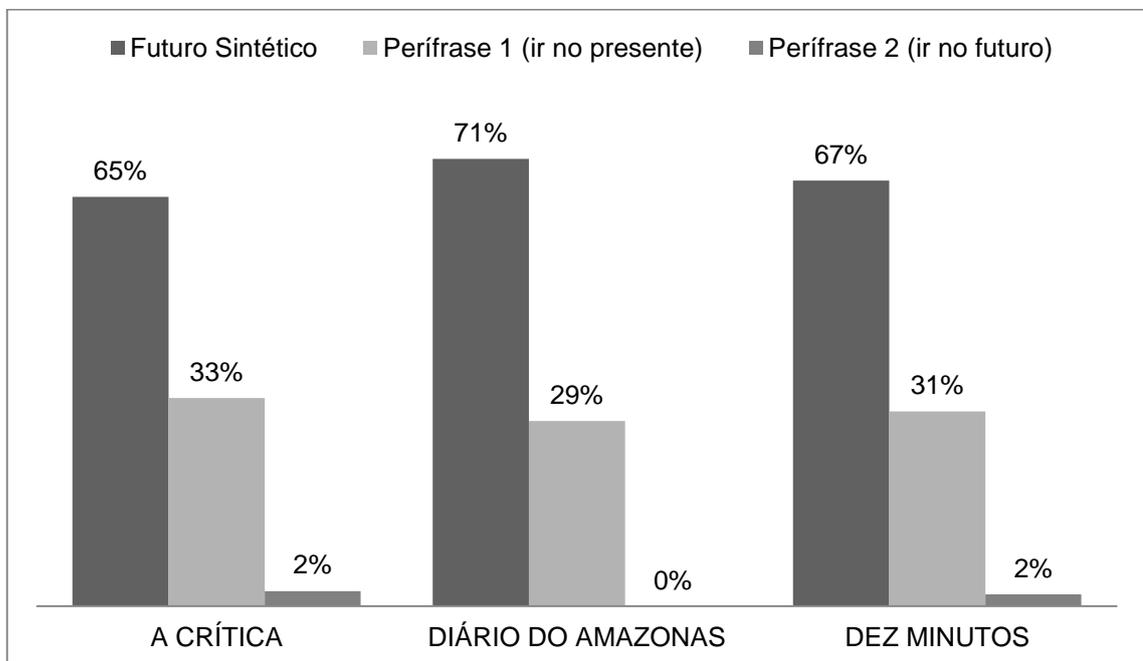


Gráfico 4: Percentuais das variantes em cada periódico (anos 2000)

²⁷ Para mais detalhes ver seção 1.2.

No gráfico 4, o jornal elitizado (A Crítica) e o jornal popular (Dez Minutos) aparecem com estatísticas muito parecidas acerca da futuridade e o jornal de classe média (Diário do Amazonas), diferentemente, aponta para outro lado.

Vários trabalhos como Oliveira (2006), Araújo & Martins (2015, no prelo), Torres (2012), indicam em suas análises que o uso do futuro sintético é mais frequente em textos mais formais, no caso da presente pesquisa, cogitou-se que no jornal mais elitizado. Contudo, o que se verifica é que o jornal de classe média apresenta maior porcentagem da ocorrência dessa modalidade de futuro com 71%.

Já para a ocorrência da forma inovadora, aventou-se a hipótese de que estaria mais presente em jornais mais populares. Todavia, o gráfico 4 mostra que a menor incidência da perífrase é no Diário do Amazonas (classe média) com 29% e a maior é no jornal A Crítica (elitizado) e no Dez Minutos (tabloide) onde a ocorrência da perífrase se aproximam, respectivamente, 33% e 31%, negativando o pressuposto.

Na primeira rodada muitos são os fatores em que ocorrem *KnockOut* no futuro perifrástico com o verbo *ir* no futuro, pelo fato de não registrarem nenhuma ocorrência, por isso é necessário amalgamar as perífrases. Quando se concretiza esse fato, alguns fatores permanecem nesse estado de *KnockOut* e, durante as análises de 80 e 90, eles foram os mesmos: na **transitividade verbal**, os verbos copulativos; na **natureza do verbo**, os verbos que expressam cognição; no **tipo de sujeito**, os sujeitos indeterminados e inexistentes e; no **papel temático do sujeito**, o sujeito paciente. Porém, nos anos 2000, apenas dois dos fatores acima não tiveram *KnockOut*: os verbos de cognição e o sujeito inexistente.

Elaborou-se a tabela 10 para se verificar a robustez da presença desses dados.

Tabela 10: Fatores que outrora permaneciam em *KnockOut*

		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico	
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual
C	Copulativo	38	90.5%	4	9,5%
8	Indeterminado	2	20.0%	8	80.0%
Y	Paciente	14	77.8%	4	22.2%

Esse fato indica que os treze grupos de fatores selecionados nesse estudo foram quase integralmente participativos no favorecimento do uso da perífrase.

Como nas análises anteriores, verifica-se também a **seção dos jornais** e suas porcentagens, conforme demonstra o gráfico 5.

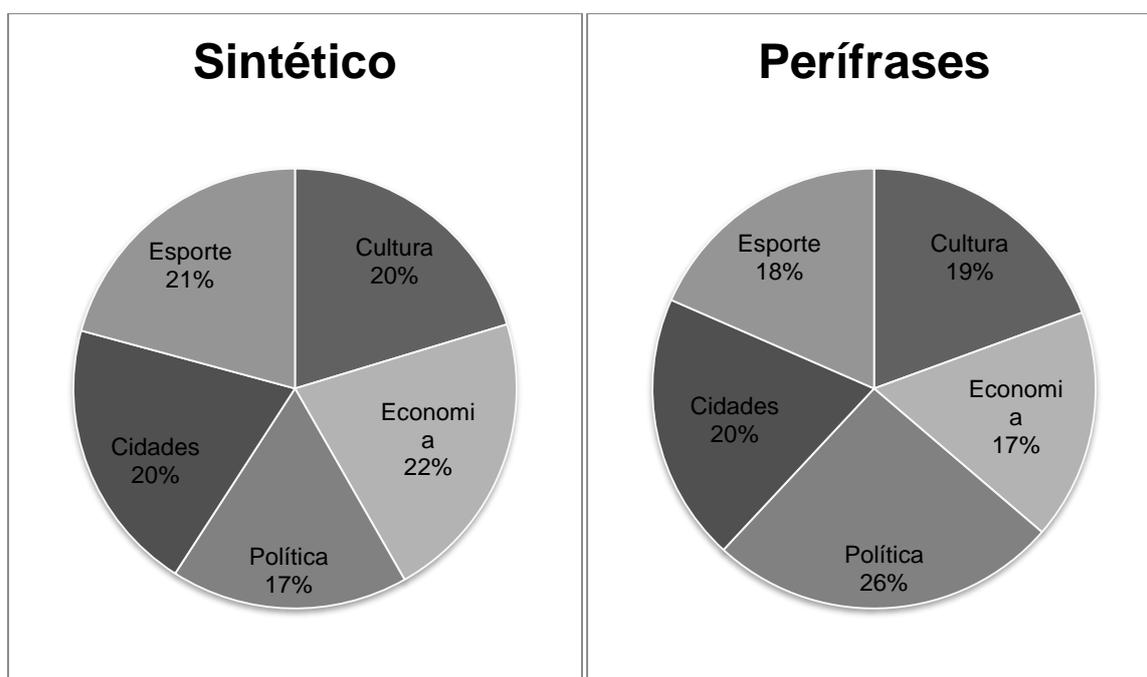


Gráfico 5: Porcentagens do sintético e da perífrases nas seções de jornal (anos 2000)

A conjectura feita acerca das seções é de que em política e economia, que tratam de assuntos mais formais, o uso do sintético seria superior ao uso da perífrase, como já mencionado. No gráfico 5 as porcentagens negavam essa hipótese para a seção política que apresenta 17% de sintético contra 26% de perífrase. Todavia, para a seção de economia essa hipótese é positivada, pois se tem 22% de ocorrência de sintético e apenas 17% de perífrases.

Observam-se, então, quais os fatores foram eleitos como expressivos para o acontecimento da forma inovadora. Apresenta-se a tabela 11 que traz os dados obtidos através da rodada binominal.

Tabela 11: Fatores eleitos para a ocorrência da perífrase nos periódicos dos anos 2000

	<i>A Crítica</i>	<i>Diário do Amazonas</i>	<i>Dez Minutos</i>
Total/Ocorrências	30/85	48/164	34/104
Percentual	30.3%	29.3%	32.7%
Input Inicial	0.70	0.79	0.81
Significância	0.00	0.02	0.00
Grupos Selecionados	1. Transitividade Verbal	1. Extensão Silábica	1. Extensão Silábica
	2. Natureza do Verbo	2. Paradigma Verbal	2. Paradigma Verbal
	3. Tipo do Sujeito	3. 4Transitividade Verbal	3. Papel Temático do Sujeito

	4. Seção de Jornal	4. Natureza do Verbo	-
-		5. Presença/Ausência de expressão de futuridade fora do verbo	-
-		6. Papel Temático do Sujeito	-
-		-	-

A tabela 11 indica os fatores selecionados como relevantes para a ocorrência do futuro perifrástico. Nas análises anteriores, ocorreu um fator em comum para os todos os jornais verificados. Todavia, nos anos 2000 esse fenômeno não aconteceu, isto é, não houve um fator que coincidissem em ocorrência nos três periódicos.

Examina-se na tabela 11 que há uma divergência numérica nos grupos selecionados. Para o periódico A Crítica foram escolhidos 4 fatores e entre eles, ineditamente, a **seção de jornal**. Já para o Diário do Amazonas tem-se 6 eleitos e, também traz um incomum: a **presença e ausência de futuridade fora do verbo**. Ao terceiro, Dez Minutos, foram selecionados 3 fatores.

Dessarte, pode-se conferir que o jornal A Crítica é o que mais se diverge nesse quesito. Dois fatores que apresentam ocorrência recente são a **projeção de futuridade** e a **presença/ausência de expressão de futuridade fora do verbo**. A maioria dos grupos selecionados está relacionada ao verbo, seguidos dos grupos ligados ao sujeito. Então, propõem-se a uma visualização dos pesos relativos de cada grupo escolhido na rodada com todos os jornais.

Tabela 12: Fatores favorecedores da perífrase nos periódicos nos anos 2000

Extensão Silábica		Paradigma Verbal		Transitividade Verbal		Natureza do Verbo		Projeção de Futuridade		Tipo de Sujeito		Papel Temático do Sujeito		Presença/Ausência de futuridade fora do verbo	
F	PR	F	PR	F	PR	F	PR	F	PR	F	PR	F	PR	F	PR
3	0.72	r	0.10	T	0.40	R	0.56	+	0.67	5	0.53	G	0.26	@	0.37
4	0.94	i	0.97	C	0.63	E	0.48	-	0.45	8	0.00	X	0.83	&	0.86
2	0.05	-	-	I	0.89	V	0.13	-	-	-	-	Y	0.62	-	-

Legenda: F – fator | PR – peso relativo

Como visto em Scherre e Naro (2013), o fator que obtém um peso relativo abaixo de 0.50 deve ser considerado com um possível desfavorecedor da ocorrência da variante, assim se comentará apenas sobre os favorecedores, legitimados pelo seu peso relativo.

No grupo da **extensão silábica** como previsto na hipótese levantada que os verbos de maior extensão favorecem a perífrase, assim se tem um PR de 0.94 para os verbos de 4 ou mais sílabas.

No grupo **paradigma verbal** o verbo com paradigma irregular aparece com o PR de 0.97, negatizando a conjectura que indica os verbos regulares como favorecedores do uso da forma inovadora. Porém, o programa estatístico relaciona a seção de jornal a esse grupo, ocasionando esse desvio que mostra que na escrita essa conjectura ocorre de forma inversa.

No grupo da **transitividade verbal**, o verbo intransitivo traz o PR de 0.89.

O peso relativo de .78 para o verbo intransitivo pode ser justificado pelo fato de que esse tipo de verbo está associado ao traço de agentividade, o qual vem se mostrando um importante fator condicionante da mudança linguística em curso aqui estudada. A grande maioria dos verbos intransitivos apresenta sujeito agente. (ALMEIDA E OLIVEIRA, 2012, p. 2445)

Já no grupo da **natureza do verbo** o maior PR é apresentado pela natureza de processo, correto com a hipótese que indica apenas os verbos de estado como inibidores da perífrase.

Para a **projeção de futuridade**, conjecturou-se que quanto mais próximo o ponto futuro, maior o incentivo para o uso do futuro perifrástico, confirma-se com o futuro próximo com o PR de 0.67.

No grupo **tipo de sujeito**, embora em Oliveira (2006) seja constatado que esse é um fator de pouca influência para o uso da perífrase, nessa pesquisa que trata da escrita esse fator se revela mais influente e são os sujeitos oracionais que trazem o maior PR: 0.53. Ainda sobre o sujeito, o grupo **papel temático do sujeito** apresenta o sujeito experienciador como relevante para a ocorrência da perífrase.

4.4. A PERÍFRASE NO ANO 2014²⁸

Apresenta-se na discussão abaixo os resultados obtidos a partir de uma coleta de seis meses, de maio a outubro, selecionando as edições de fins de semana, do ano de 2014.

Ao finalizar a coleta, contabilizou-se 499 dados. Sendo distribuídos em: 396 dados com futuro sintético; 84 com a presença da perífrase *ir* no presente + infinitivo; e 19 com a

²⁸ Artigo (no prelo) intitulado: *A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara*. O resumo foi publicado e apresentado no Congresso Internacional da ABRALIN, no Pará, no ano de 2015.

perífrase *ir* no futuro + infinitivo. Embora, a perífrase que apresenta o verbo *ir* no futuro esteja em menor número, decidiu-se mantê-la em separado, em um primeiro momento. Contudo, ao final da análise, devido aos números apresentados pelo programa estatístico, essa variante foi amalgamada com o verbo *ir* no presente.

A tabela 13 apresenta os índices gerais da pesquisa com relação à ocorrência de cada variável dependente em cada tipo de jornal estudado.

Tabela 13: Variação na expressão do futuro na escrita e tipo de jornal

Tipo de Jornal		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
A	<i>A Crítica</i>	91	76.5%	25	21.0%	3	2.5%	119
D	<i>Diário do Amazonas</i>	190	82.6%	34	14.8%	6	2.6%	230
M	<i>Dez Minutos</i>	115	76.7%	25	16.7%	10	6.7%	150
	Total	396	79.4%	84	16.8%	19	3.8%	499

De acordo com a tabela 13, no jornal *A Crítica*, existem 28 ocorrências da forma de futuro inovadora num total de 119. Ainda que a frequência seja baixa, é importante o fato de que a forma inovadora seja com o verbo *ir* no presente (21%) ou no futuro (2.5%) aparece. Na tabela 13, estes números estão bem próximos dos encontrados nos dados do *Dez Minutos*, jornal classificado como popular, que contabiliza 35 formas de futuro perifrástico, num total de 150, em percentuais, corresponde a 16.7% para verbo *ir* no presente e 6.7% para o verbo *ir* no futuro. O jornal de classe média, *Diário do Amazonas*, apresentou também percentuais mínimos (2.6%) na ocorrência da perífrase com o verbo *ir* no futuro. Para melhor visualização desses dados, produziu-se o gráfico 6:

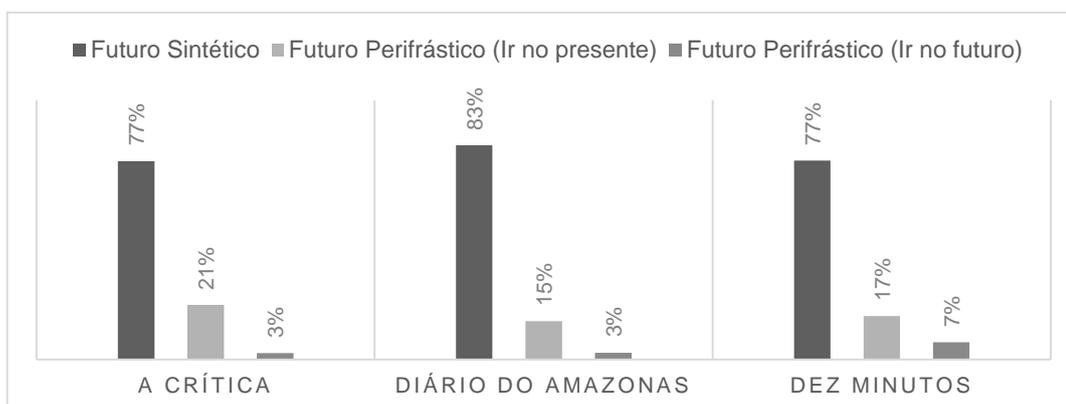


Gráfico 6: Distribuição das variantes por periódico (percentuais)

No gráfico 6, a maior diferença percentual ocorreu entre os jornais *A Crítica* e *Diário do Amazonas* que apresentaram 6 pontos de diferença.

Com relação ao uso do futuro sintético, os números encontrados são elevados e similares entre os jornais *A Crítica* e *Dez Minutos*, o que mostra que a variante independente ‘classe social’ não confirma a hipótese aventada de que este fator seria pertinente na seleção da variável. Cogitou-se que o emprego da forma sintética, seria mais frequente no jornal elitizado (*A Crítica*) que no jornal popular (*Dez Minutos*).

Tratando-se de quesitos gerais, apresenta-se a tabela 14 que consta os resultados da ocorrência da variável em estudo, considerando as diferentes seções de jornais selecionadas.

Tabela 14: Variação na expressão do futuro nas seções de jornais

Seções dos Jornais	Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
e Economia	53	76.8%	13	18.8%	3	4.3%	69
p Política	85	90.4%	8	8.5%	1	1.1%	94
b Cultura	36	81.8%	7	15.9%	1	2.3%	44
v Esporte	143	79.0%	33	18.2%	5	2.8%	181
c Cidades	79	71.2%	23	20.7%	9	8.1%	111
Total	396	79.4%	84	16.8%	19	3.8%	499

Nesta tabela 14, a perífrase formada com o verbo *ir* no futuro aparece de forma reduzida em todas as seções, sobretudo na seção intitulada política, com um percentual de apenas 1.1%; já a perífrase com o verbo *ir* no presente tem ocorrência mais robusta e seu maior índice é registrado na seção cidades, com a porcentagem de 20.7%; em contrapartida, o menor índice da ocorrência da forma inovadora contabiliza-se na seção de política, com apenas 8.5%.

De acordo com o tema de cada seção, é apresentada uma linguagem marcada gradualmente na escala de mais ou menos formal. Neste caso, uma vez que a seção de política trata de assuntos relacionados ao governo, a cerimônias, é nesta que o uso do futuro sintético, considerado mais formal, é mais frequente, conforme a hipótese de Bragança (2009), a perífrase será favorecida em textos mais informais.

O futuro sintético mostra números elevados de uso em todas as seções, culminando seu emprego mais frequente na seção política, que foi de 90%. Antagonicamente se apresenta a seção cidades, onde os percentuais são maiores para a utilização das perífrases em seus dois

tipos (com o verbo *ir* no presente ou no futuro) e conseqüentemente o menor percentual de utilização do futuro simples dentre todas as seções de jornal.

Observe o quadro 12 com exemplos:

Quadro 12 - Exemplos dos fatores selecionados após *KnockOut* e *Singleton Group*²⁹

Pessoa verbal	(SzCM-ioIT9XY	Fiscalização do Trânsito (Manaustrans) fará o controle do trânsito. (Dez Minutos/Cidades, p. 6)
Seções dos jornais	(PZeD-ralT8XY	... credores, como varejistas, distribuidoras de energia, empresas de telecomunicações e bancos, vão participar. (Diário do Amazonas/Economia, p. 4)
Tipos de jornais	(FZcA+raxl8yT	...elas anunciaram que a partir de 2015 irão ampliar o portfólio de cursos técnicos. (A Crítica/ Cidades, p.6)
Conjugação verbal	(PZeM+roIT8XY	As populações de São Gabriel da Cachoeira, Envira e Manicoré vão receber o atendimento. (Dez Minutos/Economia, p. 7)
Presença/ausência de futuridade	(PzcA-roxl8yT	...a secretaria vai promover na próxima terça-feira... (A Crítica/Cidades, p.8)
Tipo de sujeito (Oracional)	(PzpA-raXl8yT	OAB vai rememorar o papel dos operadores de direito na resistência à ditadura militar. (A Crítica/Política, p. 3)
Transitividade verbal (transitivos).	(PzvD+ralT8XY	Messi vai precisar ser general e recruta... (Diário do Amazonas/Esporto, p. 10)

No quadro 15, observa-se nas rodadas de pesos relativos, sobretudo no periódico elitizado (*A Crítica*), os dados para futuro perifrástico; com *ir* no futuro não apresentaram relevância pelo número ínfimo de dados encontrados, em conformidade com o que já foi comentado. Por isso, os dois modelos de perífrase foram amalgamados com o intuito de que os resultados fossem mais significativos nestas rodadas individuais. A tabela 15 nos traz os fatores que foram selecionados como relevantes pelo *GoldVarb X*, considerando cada periódico.

²⁹Os códigos da coluna do meio estão descritos na página 50.

Tabela 15: Dados das perífrases em cada periódico e grupo de fator em comum

	<i>A Crítica</i>	<i>Diário do Amazonas</i>	<i>Dez Minutos</i>
Total/Ocorrências	119/28	230/40	150/35
Percentual	23.5%	17.4%	23.4%
Input Inicial	0.76	0.82	0.76
Significância	0.001	0.000	0.006
Grupos Selecionados	1. Extensão Silábica	1. Extensão Silábica	1. Seções do Jornal (Política e Economia)
	2. Conjugação Verbal	2. Paradigma Verbal	2. Extensão Silábica
	3. Transitividade Verbal	-	3. Paradigma Verbal

Na tabela 15, de acordo com os grupos selecionados pelo programa estatístico, no jornal *A Crítica*, a **extensão silábica** é o grupo de fator mais relevante para que se realize a perífrase, seguida da **conjugação verbal** e **transitividade verbal**. No *Diário do Amazonas*, a **extensão silábica** também foi o grupo de fator mais relevante para a ocorrência da forma perifrástica, seguida do paradigma verbal. Já no periódico *Dez Minutos*, o grupo de fator selecionado foi o tipo de **seção do jornal** (apenas política e economia), seguido de **extensão silábica** e por **paradigma verbal**.

A **extensão silábica** foi selecionada pelos três periódicos. Nesta análise, este grupo foi codificado desta forma: (+) para verbos com 3 ou mais sílabas e (-) para verbos com uma ou duas sílabas. Contudo, existem outras maneiras de dividi-lo como, por exemplo, no trabalho de Bragança (2009) em que a autora o separou em três partes: 1 sílaba, 2 sílabas e 3 ou + sílabas (p. 9). No *corpus* referente a década de 80 e 90 e anos 2000 da dissertação, como já mencionado, optou-se pela seguinte divisão: 2 (para uma e duas sílabas), 3 (para três sílabas) e 4 (para quatro ou mais sílabas).

Trabalhou-se com a hipótese de Almeida & Figueiredo (2014) que propõe o seguinte: para conjugar os verbos, acrescentando a desinência modo-temporal de futuro em verbos extensos, ao ampliar seu número de sílabas, dificulta-se a sua pronúncia. Portanto, a hipótese é que o falante seleciona a forma perifrástica de futuro para realizar verbos com maior extensão fonológica.

Bragança (2009) também compartilha desta hipótese, e se considera relevante explicitá-la: “quanto maior a extensão lexical do verbo principal, mais o uso da forma perifrástica será favorecido. Verbos de uma ou duas sílabas, ao contrário, tendem a manter a forma sintética” (p. 9).

Referenciam-se exemplos do *corpus* analisado, para ilustrar a seleção de formas perifrásticas *versus* sintética, considerando o fator **extensão silábica**.

- (26) Os eventos TERÃO como público pesquisadores e também componentes do quadro de pessoal do TRT11. (Diário do Amazonas/Cultura, p. 22);
- (27) A OAB VAI REMEMORAR o papel dos operadores de direito na resistência à ditadura militar. (A Crítica/Política, p. 6).

No exemplo (26) um verbo de curta extensão como o verbo *ter*, seguiu o previsto, ou seja, aparece na forma sintética. No exemplo (27) o verbo *rememorar* (de 4 sílabas), por apresentar grande **extensão silábica**, ocorre o uso da perífrase.

É importante explicar que os resultados da extensão fonológica foram concretizados após a retirada do *KnockOut* que ocorreu com a perífrase com o verbo *ir* no futuro. Por isso, foi feita a amálgama das perífrases (com *ir* no presente e no futuro). Observe a tabela 16:

Tabela 16: *KnockOut* do fator extensão fonológica

Extensão Fonológica		Futuro Sintético		Futuro Perifrástico (IR no presente)		Futuro Perifrástico (IR no futuro)		Total
		Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
-	menor (até 2 sílabas)	162	74.3%	56	25.7%	0	0.0%	218
+	maior (3 ou mais sílabas)	234	83.3%	28	10.0%	19	6.8%	281
Total		396	79.4%	84	16.8%	19	3.8%	499

Legenda: ■ Dados com *KnockOut*

Como se pode observar, a **extensão silábica** foi considerada como fator categórico para inibir a realização da perífrase com o verbo auxiliar *ir* no futuro, junto a verbos de pequena extensão. Segundo Scherre e Naro (2013), isso pode ocorrer por escassez de dados e devem ser retirados ou amalgamados a outros fatores, dependendo da decisão analítica. Assim, opta-se por amalgamar os futuros perifrásticos, conforme a tabela 17.

Tabela 17: A perífrase e a extensão silábica por periódico

Fator	<i>A Crítica</i> (119 dados)		<i>Diário do Amazonas</i> (230 dados)		<i>Dez Minutos</i> (150 dados)	
	O/T	PR	O/T	PR	O/T	PR
-	25/28	0,02	18/40	0,09	13/35	0,06
+	3/28	0,98	22/40	0,84	22/35	0,84

O = ocorrência / T = total / PR = peso relativo / - = menor extensão / + = maior extensão

Na tabela 17 são apresentados os valores do peso relativo deste fator. O fator - (menor extensão verbal: até 2 sílabas) não favorece a utilização da perífrase em nenhum dos periódicos, pois seus pesos relativos estão abaixo de 0,50. Estes resultados corroboram com a confirmação das hipóteses identificadas acima de que a maior extensão verbal propicia o uso do futuro perifrástico.

Verifica-se que o fator classe social indicou relevância para que o grupo de fator **extensão silábica** aparecesse de forma distinta, uma vez que nos periódicos direcionados às classes elitizadas (*A Crítica*) e populares (*Dez Minutos*), computaram resultados mais aproximados, distintos do jornal direcionado à classe média (*Diário do Amazonas*).

Foi verificado que o futuro sintético é a forma mais ocorrente na escrita jornalística manauara; a ocorrência do futuro perifrástico já é significativa na escrita jornalística, principalmente quando o verbo *ir* está no presente; a seção de política é mais propensa ao uso do futuro sintético, enquanto que a forma perifrástica é mais frequente na seção de cidades, como comentado na tabela 14; no jornal elitizado, a futuridade é marcada fora da estrutura verbal, sendo indicada, por exemplo, por meio de advérbios; e é representativo o emprego de verbos modais, como em “*deve manter*”.

4.5. PANORAMA GERAL DAS ANÁLISES DE 80, 90, 2000 E 2014

Considerou-se pertinente produzir uma seção que apresentasse um panorama geral sobre as análises apresentadas nessa pesquisa, apontando os principais resultados para as modalidades de expressão de futuridade, nos três periódicos selecionados.

Inicia-se com o gráfico 7 que apresenta os resultados para as ocorrências do futuro sintético nos anos de 80, 90, 2000 e 2014 nos três periódicos selecionados.

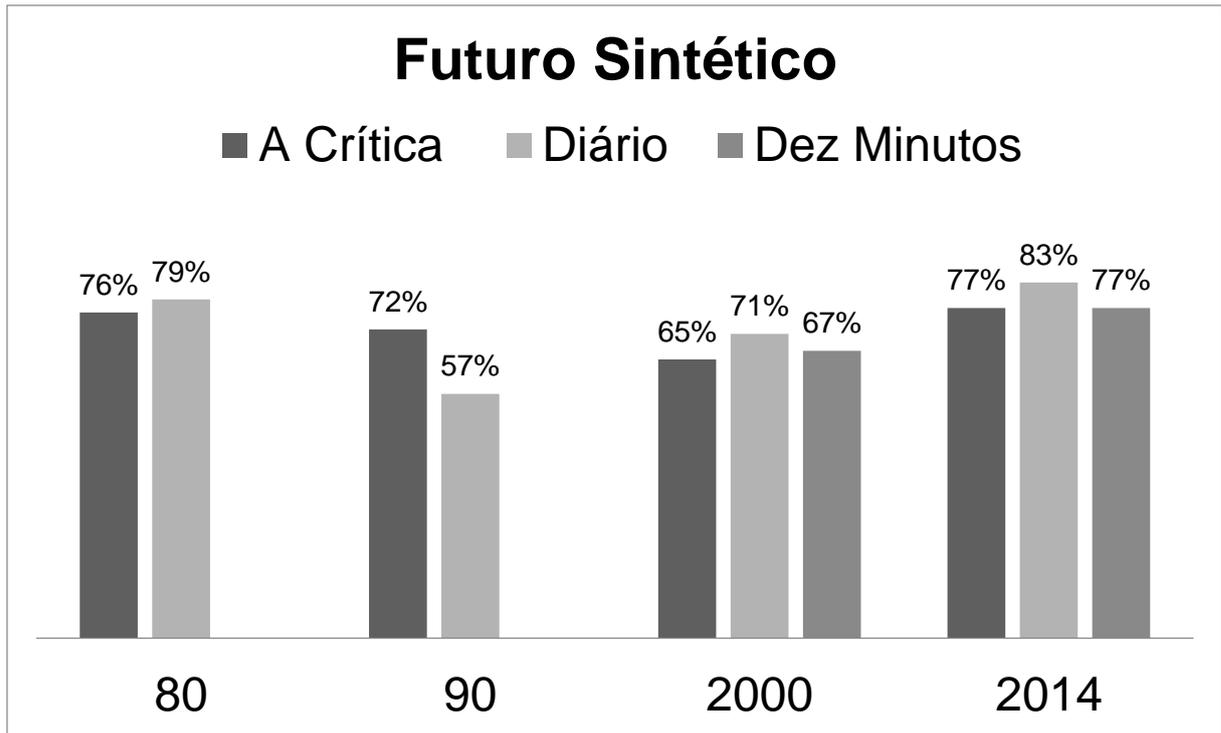


Gráfico 7: Futuro Sintético nos anos 80, 90, 2000 e 2014

Observa-se no gráfico 7 que na década de 80 o jornal elitizado e o de classe média apresentam porcentagens de ocorrências similares. Já na década de 90 o jornal de classe média apresenta menor porcentagem de ocorrência, notando-se que houve relevante mudança na utilização do futuro sintético. Nos anos 2000 e 2014, constata-se que o jornal elitizado e o jornal popular possuem igual percentual de ocorrência, o que nega a principal hipótese, ou seja, de que o jornal popular teria baixa frequência do futuro simples.

No gráfico 8 apresenta os dados gerais para a perífrase com o verbo *ir* no presente.

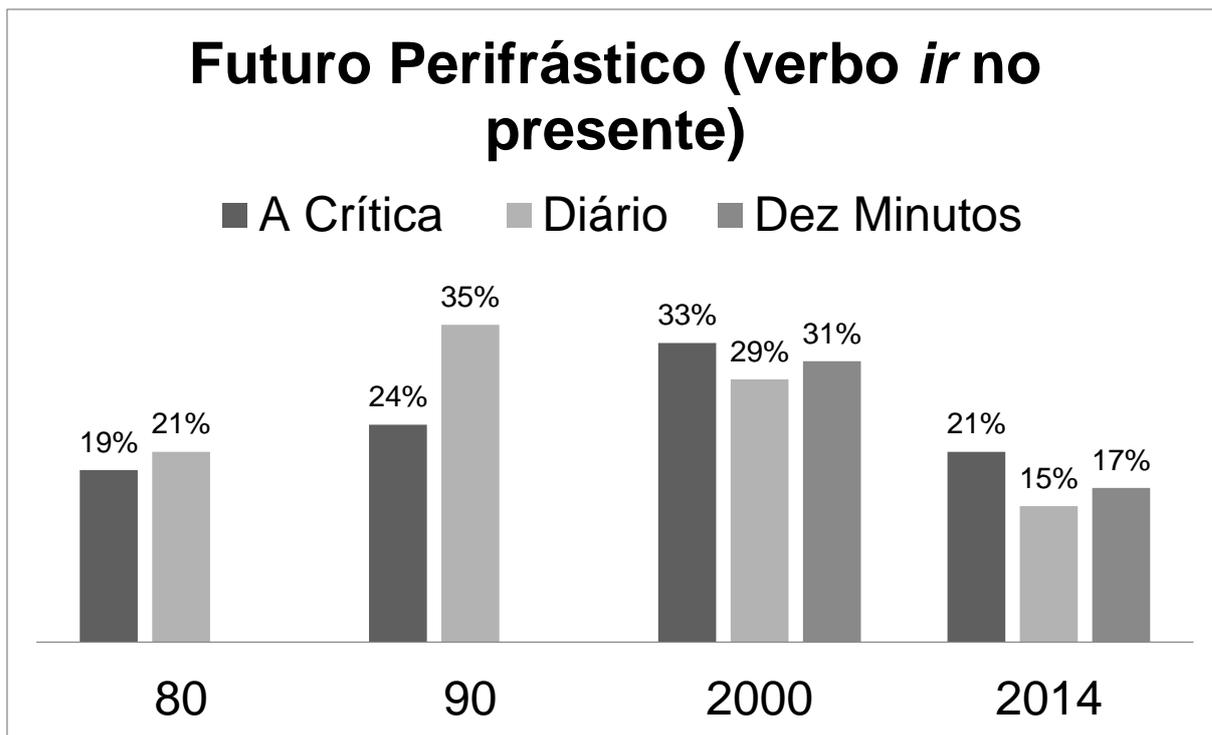


Gráfico 8: Futuro Perifrástico (verbo *ir* no presente) nos anos 80, 90, 2000 e 2014

Contrastando o gráfico 7 com o gráfico 8 observa-se que a perífrase ocorre na escrita jornalística manauara, contudo não supera os percentuais de ocorrência do futuro sintético.

Nos anos 80, os percentuais de ocorrência da perífrase apresentam números relativamente próximos, sendo, respectivamente, 19% para o jornal elitizado e 21% para o jornal de classe média. Já nos anos 90, os percentuais afirmam a conjectura de que a perífrase estaria mais presente no jornal de classe média. Nos anos 2000, o jornal elitizado e o jornal popular apresentam pouca diferença, negando a hipótese de que o jornal elitizado não utilizaria tanto quanto um jornal popular a perífrase. No ano 2014, o jornal de classe média apresenta o menor percentual dentre os outros jornais com relação a utilização da perífrase o que negativa a hipótese que um jornal de classe média teria um percentual maior que o de classe elitizada.

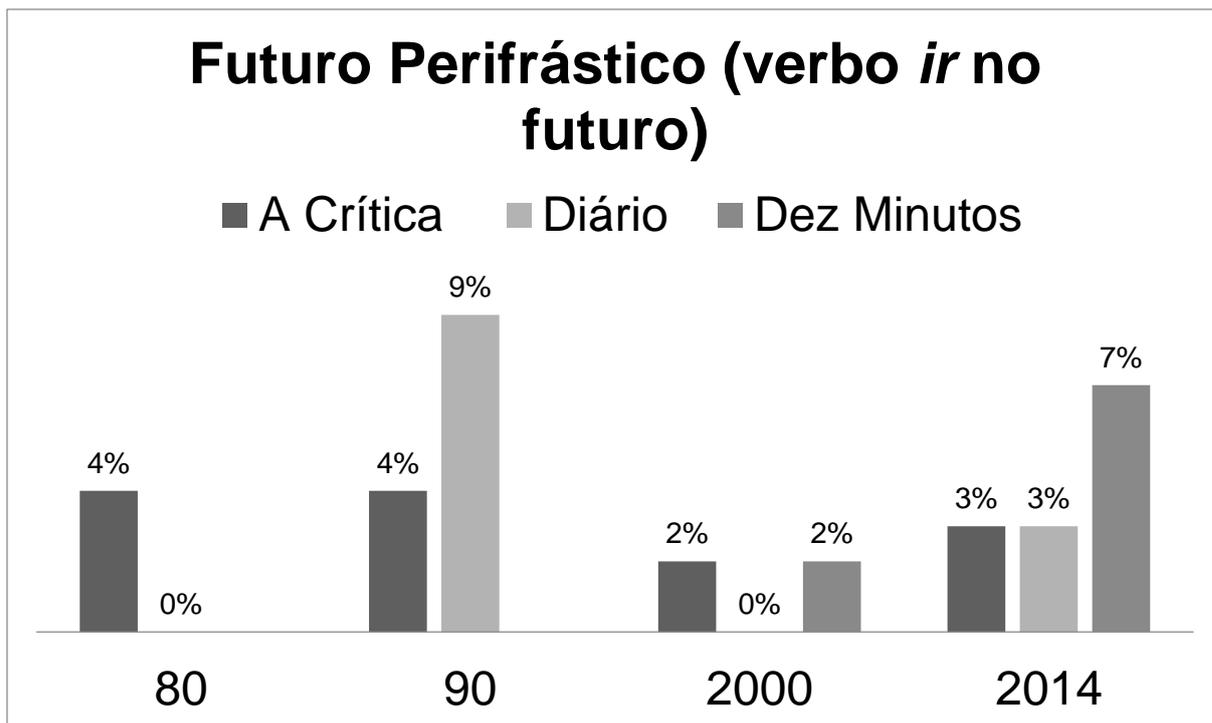


Gráfico 9: Futuro Perifrástico (verbo *ir* no futuro) nos anos 80, 90, 2000 e 2014

Esta modalidade de perífrase não é frequente em nenhum dos períodos e em nenhum dos jornais, sempre apresenta percentuais mínimos ou nulos de ocorrência. Dentre as modalidades de perífrase com o verbo *ir*, a composta pelo verbo *ir* no presente é a mais frequente na escrita jornalística, de acordo com os resultados dessa pesquisa.

De acordo com o gráfico 9, o jornal de classe média na década de 80 e nos anos 2000 apresenta porcentagem nula para a ocorrência dessa modalidade. Nos anos 90, apresenta maior porcentagem que o jornal elitizado e nos anos 2014 se iguala ao mesmo. Nos anos 2000, verifica-se que jornal elitizado e jornal popular compartilham do mesmo percentual de ocorrência dessa perífrase, negatizando a hipótese já mencionada.

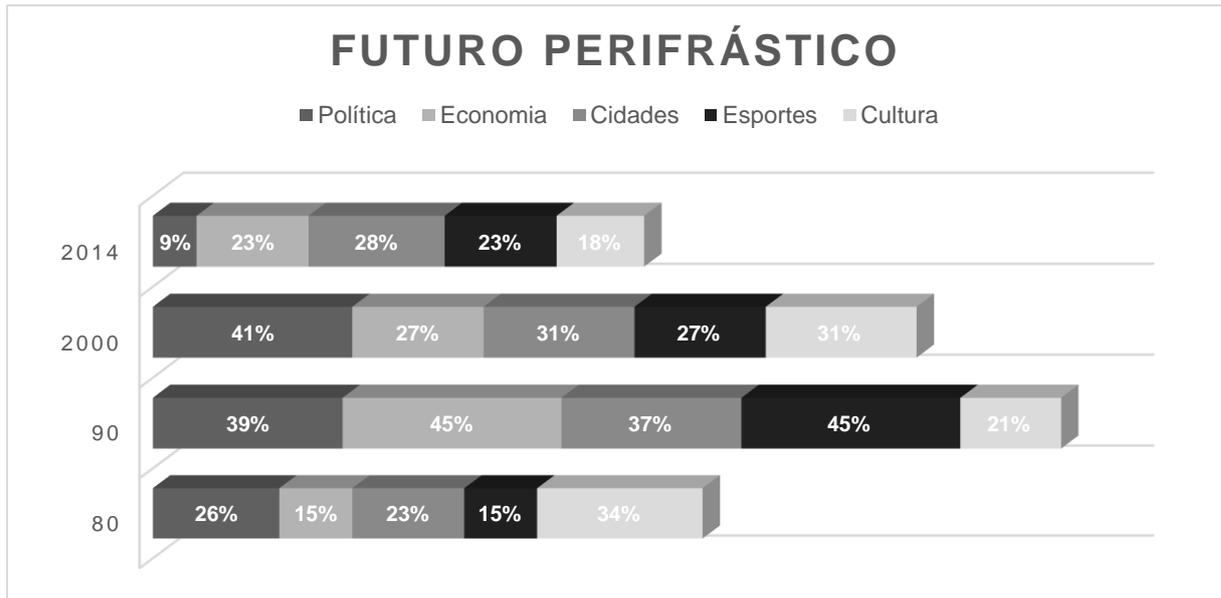


Gráfico 10: Futuro Perifrástico nas seções de jornal

A hipótese aventada para o grupo de fator seção de jornal era de que as seções que apresentassem temas mais formais como política, economia e cidades apresentariam menor ocorrência da forma inovadora e que as seções que abordassem temas mais informais apresentariam maiores porcentagens de ocorrência para perífrase.

A seção de política negava essa hipótese ao apresentar nos anos 2000 um percentual de 40% para a utilização da perífrase. A seção de economia também negava essa hipótese na década de 90, pois apresenta 45% de ocorrência da forma inovadora. A seção de cidades ao apresentar 37% de frequência no uso do futuro perifrástico também refuta tal conjectura.

Também se apresenta nesse panorama geral sobre as análises o quadro 13 que apresenta os fatores mais relevantes nas rodadas binominais.

Quadro 13 - Fatores relevantes para a ocorrência da perífrase na escrita jornalística manauara

80	90	2000	2014
Extensão Silábica	Extensão Silábica	Extensão Silábica	Extensão Silábica
Paradigma Verbal	Paradigma Verbal	Paradigma Verbal	
Papel Temático do Sujeito	Papel Temático do Sujeito	Papel Temático do Sujeito	
		Transitividade Verbal	
		Natureza do Verbo	
		Projeção de Futuridade	
		Tipo de Sujeito	

No quadro 13 os fatores em negrito representam os fatores relevantes em comum nos jornais analisados em cada época. Apenas nos anos 2000 é que não houve nenhum fator relevante comum aos três periódicos.

Enfim, durante todas as análises aqui apresentadas, algumas divergências foram encontradas com relação à fala, sobretudo pela escolha de fatores relacionados apenas a escrita jornalística, como, por exemplo, a seção de jornal. Enquanto que na fala a seleção de fatores para favorecimento do uso da perífrase está ligada ao compartilhamento cognitivo do falante, na escrita, por sua vez, a seleção contínua do fator **extensão silábica** mostrou uma nova roupagem ao uso do futuro perifrástico. Com relação ao tempo cronológico, observou-se que, embora carregue a alcunha de inovadora, a forma perifrástica de se expressar o futuro, na escrita jornalística manauara já acontece há décadas. Claro que não se pode afirmar de anos anteriores, mas, com certeza, a partir de 1985, a perífrase faz parte da escrita dos jornais da cidade de Manaus.

5. EXTRA! EXTRA! O PRODUTO É UM CATÁLOGO!

Dentro da literatura consultada para a realização desta pesquisa, a disponibilidade de informações comuns não está centralizada ou pelo menos disponibilizada de forma clara e objetiva. Com isso, visando à inovação, propõe-se a acessibilidade aos dados na pesquisa sociolinguística que esteja relacionada à expressão de futuridade na escrita jornalística manauara. Idealizou-se, então, como produto do trabalho, a construção de um catálogo. Antes de expor o conteúdo desse catálogo, é importante identificar o que é um catálogo e o que ele representa como instrumento de pesquisa.

Um catálogo é utilizado principalmente para expor produtos no setor comercial. Mas também é um instrumento de grande importância em bibliotecas. Como o produto servirá de referência bibliográfica, é necessária a definição para catálogo voltada a sua utilidade dentro das bibliotecas e, para tanto, cita-se o trabalho de Souza e Fujita (2012) que nos esclarece que:

Os catálogos possuem dupla função de acesso à informação: conduzem os usuários a encontrar um documento pela descrição temática, e/ou pela descrição física. São considerados o principal instrumento de recuperação da informação em bibliotecas, sendo também os responsáveis em direcionar a localização física na estante, do documento recuperado. (p. 61)

Também, neste trabalho, as autoras mencionam as formas de suporte para um catálogo:

(...) os catálogos podem ser manifestados na forma manual, impressa, semi-automatizada (*sic*) e automatizada. Os manuais são os publicados em forma de livros; os impressos são apresentados em forma de listas; os semi-automatizados (*sic*) englobam a forma manual, a elétrica ou ótica e por fim, os automatizados são os registrados em suportes legíveis pelo computador. (p. 63)

A partir destas definições de catálogos em bibliotecas, descreve-se o produto que será um catálogo e seu conteúdo descreverá os fatores linguísticos que favorecem a realização da perífrase na fala manauara, contendo exemplos e as estatísticas geradas pelo programa computacional utilizada na pesquisa: *GoldVarb X*.

Ainda dentro das especificações possíveis para um suporte de catálogo, utilizar-se-á o formato impresso que será distribuído, com intuito de auxílio didático, nas escolas em que foram realizados os inquéritos, para a biblioteca da UEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação tratou da variação da expressão de futuridade na escrita com foco na perífrase formada pelo verbo *ir* + infinitivo, a partir de *corpus* constituído pela escrita jornalística manauara, nos periódicos A Crítica, Diário do Amazonas e Dez Minutos, das décadas de 80, 90, anos 2000 e ano 2014, configurando um estudo longitudinal.

A ocorrência da expressão de futuridade por meio do futuro perifrástico foi identificada como regular na escrita jornalística nos períodos estudados, sendo mais frequente a perífrase que se compõe com o verbo *ir* no presente. Embora com menor número de dados, a perífrase constituída pelo verbo *ir* no futuro também apresenta índices de ocorrência.

Foram investigados, além das variáveis dependentes, doze grupos de fatores que foram submetidos a tratamento estatístico no programa *GoldVarb X* para a verificação da ocorrência e de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

O futuro sintético, denominado como forma padrão de tempo futuro pela Gramática Normativa, apresentou em todas as análises a maior porcentagem de ocorrência. Esse resultado confirma a hipótese de que a forma inovadora ocorre na escrita, porém não supera a forma sintética. Outra hipótese levantada era de que essa forma estaria presente no jornal considerado elitizado, contudo o futuro sintético possui maior percentual de ocorrências no jornal de classe média na maior parte da análise: década de 90, anos 2000 e ano 2014.

O futuro perifrástico, nas suas duas modalidades estudadas nessa dissertação, apresentou porcentagens consistentes de ocorrência em todas as épocas, demonstrando que a forma inovadora dentro da escrita não é um fenômeno recente. Bem como, em seus percentuais durante a análise se confirmou que a perífrase constituída do verbo *ir* no presente é a mais frequente.

O grupo de fatores representado pela seção de jornal apresenta diversidade em relação à hipótese aventada de que as seções com temas mais formais, como política e economia, não apresentariam a ocorrência do futuro perifrástico, todavia na década de 90 e anos 2000 a seção de política apresentou maiores percentuais para a ocorrência da forma inovadora.

Todavia, os resultados obtidos por esta pesquisa não esgotam as possibilidades de se investigar a ocorrência da perífrase na escrita, visto que a variável aqui tratada representa apenas um recorte das muitas possibilidades de expressão de futuridade através da forma inovadora.

Merecem estudo outras ocorrências de futuro perifrástico na escrita, como constituídos por verbos modais, por exemplo; também a investigação dessa ocorrência em outros tipos de

corpus; ou ainda, dentro de periódicos, mas verificando outras seções e até incluindo as entrevistas que constituem uma transcrição da fala; em jornais pode-se verificar a intencionalidade dos autores e se eles têm consciência da escolha da perífrase no momento da escrita. Sobre os fatores linguísticos, é possível verificar o paralelismo semântico. Também se sugere incluir a questão do aspecto verbal.

O estudo da expressão de futuridade é importante para o conhecimento do funcionamento dos tempos verbais na Língua Portuguesa, concebendo sua heterogeneidade. Espera-se que essa pesquisa tenha contribuído para ampliar os estudos sobre o futuro perifrástico na escrita.

REFERÊNCIAS

ALVES, Thiago Gil Lessa. *A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses*. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

ALVES, Thiago Gil Lessa. A variação entre *ir +infinitivo* e *presente simples do indicativo* na expressão do tempo futuro. *Cadernos de Cultura e Ciências*, Rio de Janeiro: v. 11, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/487>>. Acesso em 21 de agosto de 2014.

ALMEIDA, Fernanda dos Santos; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira de. Relevância de variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), XVII, 2014, João Pessoa. *Anais do XVII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. João Pessoa. 1-13.

ANDRADE, Bruno de Sousa. *A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variação*. 2012. 36 f. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

ANIVERSÁRIO de A Crítica (Editorial). *A Crítica*. Manaus, 19 de abril de 1961.

ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de; MARTINS, Silvana Andrade. A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, IX, 2015, Belém. *Caderno de Resumos*. Belém: ABRALIN, 2015. 270-271.

AZEVEDO, Ulysses de. *25 anos de mãos dadas com o povo*. *A Crítica*. 3º cad. p.8, Manaus, 19 de abril de 1974.

BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana Andrade. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 13, n.1, 2011. Disponível em: https://degnatal.files.wordpress.com/2015/04/guavira_v_13_2011.pdf>. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

BARBOSA, Juliana Bertucci. A expressão do futuro no português brasileiro contemporâneo. *Revista eletrônica do Instituto de Humanidades*. Rio de Janeiro, v. VI, n. XXIII, 2007. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/60>>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. 98 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana Andrade. Contribuições da pesquisa sociolinguística: o projeto fala manauara culta. In: CIELLA- CONGRESSO

INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA, III, 2011, Belém. *Anais do III CIELLA*. Editora Boos, 2011. v. 1. p. 164-165.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia Capixaba. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Espírito Santo, v.3, n. 3.1, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5272>>. Acesso 24 de agosto de 2015.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: The role of frequency. In: JOSEPH, Bryan; JANDA, Richard (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. United States of America: Blackwell Publishing, 2003. 602-623.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma visão crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora, 1980.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: Um estudo diacrônico*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da.; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

CUNHA, Angélica F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Org. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 159-174.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DE ASSIS, Machado. *O jornal e o livro*. Editora Companhia das Letras, 2012.

FONSECA, Ana Maria Hernandes. Tempo, Aspecto, Modo/ Modalidade (TAM) na expressão de futuridade. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 2, n. 39, 2010. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_04.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2014.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *A Expressão do Tempo Futuro na Língua Falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 126 f. Dissertação (Mestrado Letras/Linguística) - Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas da Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRYNER, Helena. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. *Veredas – Ver. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.6, n. 2, p.149-160, jul./dez. 2002.
- GORSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Conectores seqüenciadores em seqüências expositivas/argumentativas na fala e na escrita: subsídios para o ensino. LEFFA, V. J. (compilador). *TELA (Textos em Linguística Aplicada)*. [CD-Rom]. Pelotas: Educat, 2003.
- HOPPER, Paul. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. Vol. 1: 17-35.
- HANKS, William F. *Língua como prática social*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- HASPELMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, O.; NORDE, M.; PERRIDSON, H. (eds.). *Up and down the cline: The nature of grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 2004. 7-44.
- HOPPER, Paul. J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- JACOB, Paulo. *Dicionário da língua popular da Amazônia*. Brasília: Livraria Editora Cátedra, 1985.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley- Blackwell, 2010.
- LEMA, J.; RIVERO, Maria Luisa. Types of verbal movement in Old Spanish: Modals, Futures and Perfects. *Probus*, Amsterdam, v. 3, n. 3, 1991. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/view/j/prbs.1991.3.issue3/prbs.1991.3.3.237/prbs.1991.3.3.237.xml>>. Acesso em: 20 de março de 2015.
- LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. Perífrases temporais no português falado. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v.12, n. 3, jul-nov de 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo16.pdf>>. Acesso em 23 de agosto de 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CESÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir. Particularidades do pronome de 2ª pessoa no falar manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português brasileiro. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, United States of America, v. 3, p. 177-194, 2014.

MARTINS, Valteir. Comunicação pessoal, 21 de agosto de 2015.

MATOS, Priscila Teixeira; SANTOS, Rogéria Tarocco. Implicações de uma análise linguística variacionista a partir de uma perspectiva discursivo-pragmática: um estudo inicial sobre o futuro do português brasileiro. *Revista Gatilho*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 11, novembro de 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Matos.pdf>>. Acesso em 22 de agosto de 2014.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no Sociofuncionalismo. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, mar. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/11788>>. Acesso em: 01 de agosto de 2015.

MOLLICA, Maria Cecilia. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras, volume 1*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254 f.. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira; OLINDA, Silvia Rita Magalhães de. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, n. 2, Belo Horizonte, 2008.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão do futuro verbal na escrita jornalística baiana. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, junho de 2012. Disponível em : <<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em 19 de outubro de 2014.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A trajetória do futuro perifrástico na Língua Portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*. Belém, v. 8, n. 2, jul-dez de 2008. Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/index.php/volume-8-numero-1-junho-2012>>. Acesso em 25 de agosto de 2014.

OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

OLIVEIRA, José Aldemir de; MAGALHÃES, Soraia Pereira de. A circulação na Manaus da Belle Époque: modernização e exclusão. *Mercator* - Revista de Geografia da UFC. Ceará, v. 2, n. 4, 2003. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/149/118>> Acesso em 30 de outubro de 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880- 1920)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2001.

RIBEIRO, Paula Jamille. MARTINS, Silvana. *Contextos linguísticos e socioculturais da variação da expressão de futuridade na fala manauara*. Artigo (Iniciação Científica - SISPROJ – Nº 21106) – Universidade do Estado do Amazonas, 2014.

RONCARATI Cláudia; MOLLICA Maria Cecília. MACEDO, Alzira. Variação e Discurso. *DELTA*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200010> Acesso em: 25 de agosto de 2015.

SCHERRE, Maria Marta; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SANTOS, Adriana Morcelles dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1997.

SANTOS, Josete Rocha dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, Eduardo Pereira. *A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista*. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

SILVA, Rita do Carmo Polli. A representação do tempo futuro em textos escritos: uma análise diacrônica. *Revista da ABRALIN*, n.3, v. 10, n. 3, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Brisa Possi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. *Revista ACB*, n.1, v. 17, Florianópolis jan./jun., 2012. 59-75.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. 411 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOUZA, Leno José Barata. *Vivência Popular na Imprensa Amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2005.

SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal (RN): indícios de especialização funcional. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 12, 2010.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, 2013.

TORRES, Fábio Fernandes. *O Gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; RICHARD B. Dasher. Regularity in Semantic Change. (Cambridge Studies in Linguistics 96.) *Cambridge: Cambridge University Press*.

VARGAS, Maria Valéria. *Verbos e práticas discursivas*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Cancioneiro da Ajuda. *Imprensa nacional - Casa da Moeda*, v. II (reimpressão da edição de Halle, 1904), Lisboa, 1990. 393.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of Language change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for Historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Esboço do Catálogo referente ao produto (capítulo 5)³⁰

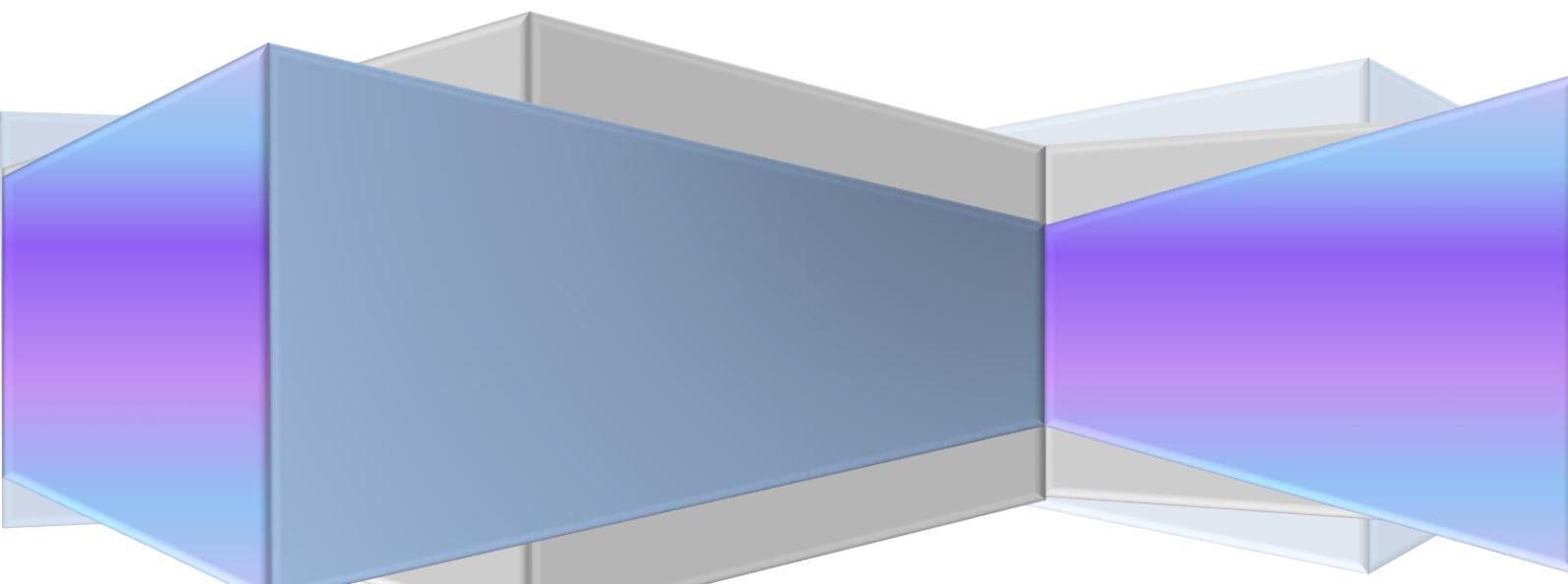
³⁰ Por ser um catálogo é necessário iniciar na próxima página.

DISSERTAÇÃO: A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NA ESCRITA JORNALÍSTICA
MANAUARA DOS ANOS 80 AOS DIAS ATUAIS: UM ESTUDO
SOCIOFUNCIONALISTA

Catálogo

Fatores Linguísticos e a Perífrase na escrita

Jussara Maria Oliveira de Araújo



CATÁLOGO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE³¹

A PARTIR DA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA



Referência:
década de 80



Jornal:
A Crítica



Fatores Favorecedores:
Extensão Silábica
Paradigma Verbal
Conjugação Verbal
Natureza do Verbo
Papel Temático do Sujeito



Referência:
década de 80



Jornal:
Diário do Amazonas



Fatores Favorecedores:
Extensão Silábica
Paradigma Verbal
Papel Temático do Sujeito
Seções de Jornal

³¹ Fonte: Década de 80: www.maisimagens.com/anos-80.html

Fonte: A Crítica: edição impressa de 1985. / Diário do Amazonas: edição impressa de 1985.

Fonte: Fatores Favorecedores: filosofianocarmo.blogs.sapo.pt/6853.html

CATÁLOGO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE³²

A PARTIR DA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA



Referência:
década de 90



Jornal:
A Crítica



Fatores Favorecedores:
Pessoa Verbal
Extensão Silábica
Paradigma Verbal
Transitividade Verbal
Papel Temático do Sujeito



Referência:
década de 90



Jornal:
Diário do Amazonas



Fatores Favorecedores:
Extensão Silábica
Paradigma Verbal
Natureza do Verbo
Papel Temático do Sujeito
Seção de Jornal

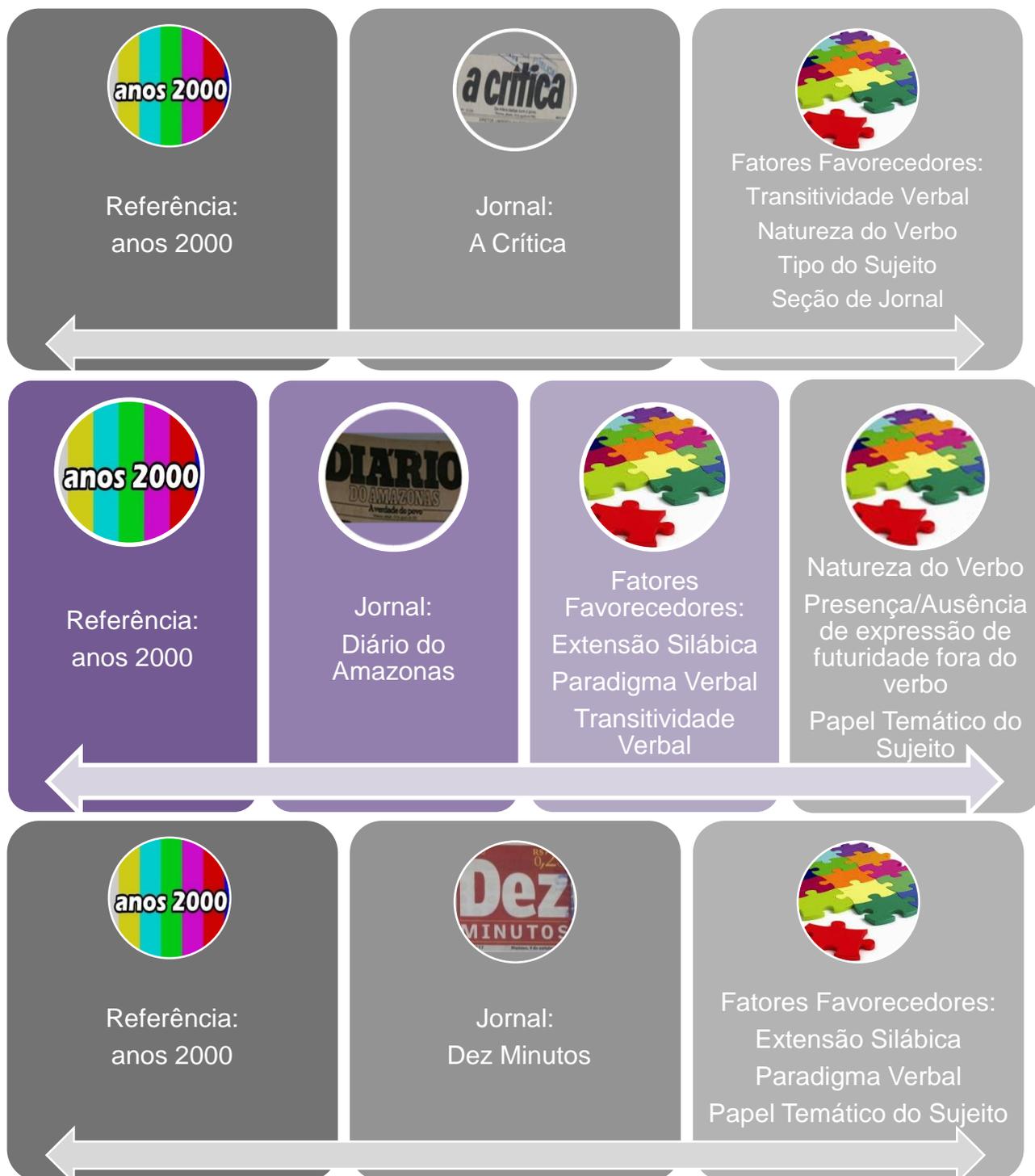
³² Fonte: Década de 90: nextkidthing.com/?p=4379

Fonte: A Crítica: edição impressa de 1985. / Diário do Amazonas: edição impressa de 1985.

Fonte: Fatores Favorecedores: filosofianocarmo.blogs.sapo.pt/6853.html

CATÁLOGO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE³³

A PARTIR DA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA



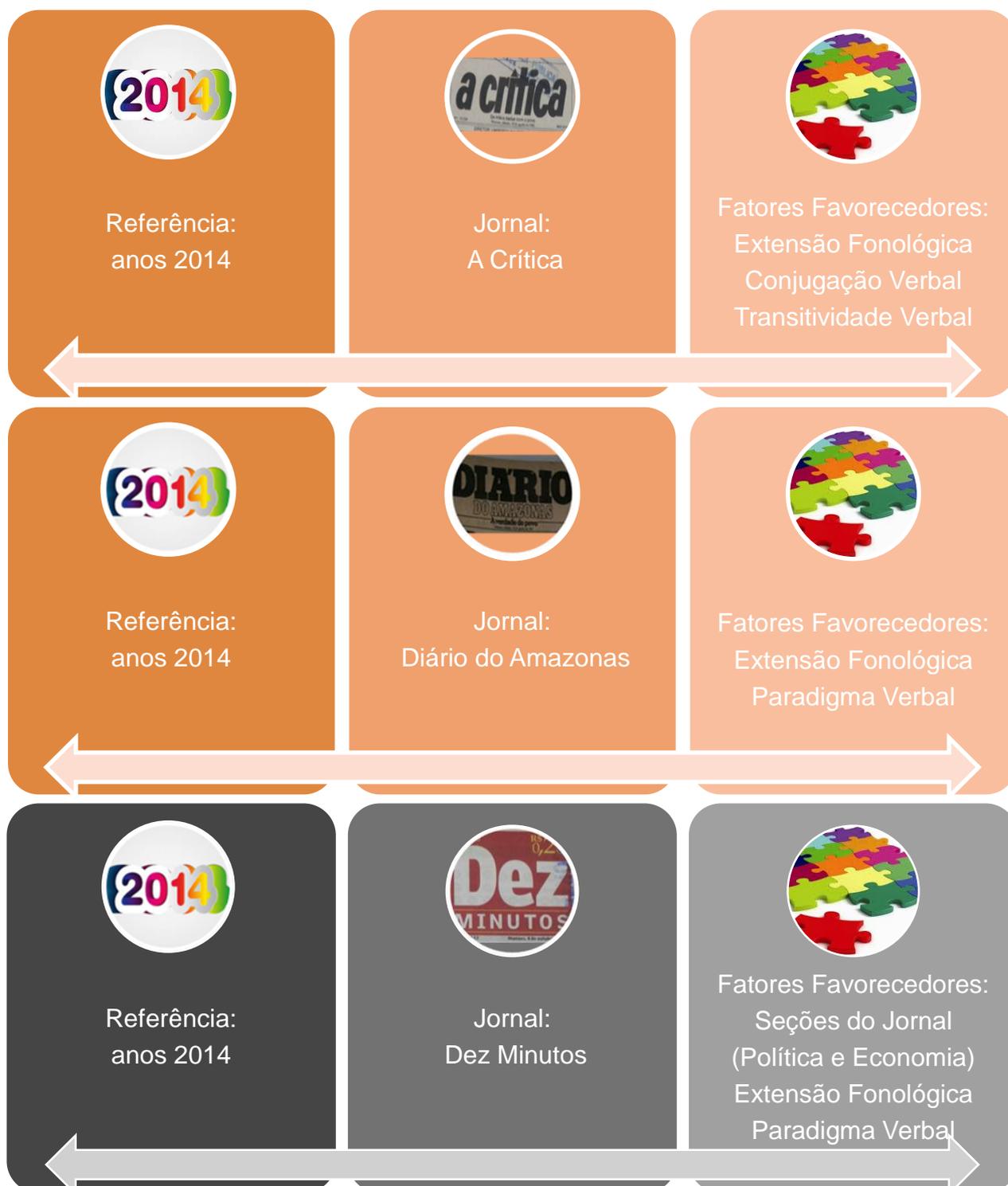
³³ Fonte: Década de 90: nextkidthing.com/?p=4379

Fonte: A Crítica: edição impressa de 1985. / Diário do Amazonas: edição impressa de 1985.

Fonte: Fatores Favorecedores: filosofianocarmo.blogs.sapo.pt/6853.html

CATÁLOGO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE³⁴

A PARTIR DA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA



³⁴ Fonte: Anos 2014: multimusiccoisas12.blogspot.com.br/2014/12/retrospectiva-2014.html?m=1
 Fonte: A Crítica: edição impressa de 1985. / Diário do Amazonas: edição impressa de 1985.
 Fonte: Fatores Favorecedores: filosofianocarmo.blogs.sapo.pt/6853.html